OS ALIMENTOS DO DIABO

OS SETE DESEJOS

3 - NATURAIS

3 - HUMANOS

1 - ESPIRTUAL

טָןשָׂ SATANÁS NO HEBRAICO
ΔΙΆΒΟΛΟΣ Ή ΣΑΤΑΝΆΗΛ DIABO E SATANÁS NO GREGO
Diabo significa malvado e satanás acusador
Com o nome de Diabo ou Satanás, nomeamos o líder dos espíritos malignos, o mundo do pecado e o submundo. Sua forma geralmente aparece no Cristianismo, Islamismo, Judaísmo e outras religiões, de modo a causar danos às pessoas, o Diabo antes de ser expulso era o Arcanjo Samael.

JUDAÍSMO
O termo hebraico “satanás” é um substantivo, não um substantivo, derivado de um verbo que significa “impedir ou opor-se”. Traduzido literalmente como "o acusador" ou "o adversário" e no Antigo Testamento aparece mais frequentemente com o artigo "ha-satan". No Antigo Testamento, às vezes é usado para uma pessoa (Samuel 29:4) e às vezes para um anjo de Deus (por exemplo, no livro de Jó, 1 e 2).

NO JUDAÍSMO
A palavra "Satanás" aparece na Bíblia pela primeira vez no significado de "obstáculo" ("E o anjo de Deus se interpôs no caminho, pois Satanás veio até ele"), e mais tarde como um "inimigo" ("E o Senhor levantou um demônio para Salomão, o Diabo Vermelho "), no Livro de Jó , o Livro de Zacarias ,E no Livro das Crônicas. Mais tarde, Satanás aparece distintamente como uma figura independente e pelo seu nome explícito, embora também no Livro dos Salmos. Aparece, mas de uma forma que pode ser interpretada de forma diferente. Ao contrário da descrição nas Crônicas em que Satanás incita Davi a realizar um censo, no livro de 2 Samuel o incitamento é atribuído ao próprio Deus, E “o anjo da destruição entre o povo” aparece e os mata pelos mandamentos de Deus.

O significado da palavra “diabo” é “aquele que se desvia do caminho”, pois uma de suas funções, é desviar o homem do caminho reto. Por outro lado, há também um significado para a raiz de Satanás – ódio, odiar.

ELIMINANDO A INFLUÊNCIA DE SATANÁS

Se você conhecer do que se alimenta o diabo então você tem mais possibilidade de escapar de sua influência.
Desejo um apelo sem racionalidade
Paixão é emoção muito forte que substitui a lógica
Aflição um estado de pânico
Algo doloroso que faz você sofrer física ou mentalmente
Sofrer é uma doença do corpo ou do espirito ou de ambos.
Sofrer < (empréstimo diacrônico) grego antigo sofrer < de origem proto-indo-européia.
Eu sofro, prt. Verbo elíptico sofrido apenas no presente (sem voz passiva)
Estou doente, estou sofrendo de alguma coisa, estou sofrendo.

OS SEIS DESEJOS QUE ALIMENTAM SATANÁS. E O DESEJO QUE NOS APROXIMA DE DEUS

NATURAL – SEXO, COMIDA, DONO
HUMANO – RIQUEZA, FORÇA, PODER
ESPIRITUAL – APROXIMAÇÃO COM DEUS.

HOMEM E NATUREZA
AARON DAVID GORDON

FONTE https://benyehuda.org/read/4790

1. O CONSCIENTE E O INCONSCIENTE

Houve dias em que o homem não conhecia o valor do ar, quando não sabia que sem ar não há vida para ele e para todos os seres vivos da terra, assim como não há vida para um peixe sem água. E houve dias em que o homem não sabia o que era a luz para ele e para a sua vida...

Mas o valor da natureza como um todo, em toda a sua extensão infinita e em toda a sua profundidade sem fundo, sempre foi reconhecido pelo homem, como você imagina, desde o início de sua criação. Houve dias em que o homem adorava a natureza, considerava que ela e tudo o que nela havia era Deus e a adorava com fé. E os poetas e os artistas - afinal, eles não pararam de fazer poesia nem por uma hora sequer, desde o dia em que o homem pensou o bem e o mal até hoje. E recentemente veio a ciência - a ciência informada, clara e brilhante, que descobriu novos horizontes e brilhou uma nova luz - uma luz fria e terrível, mas grande e maravilhosa. E aqui ele decide, que 'não somos pobres quando desfrutamos acima de tudo da natureza aberta'...

E, no entanto, surge em você um objeto estranho de duvidar da coisa, se a pessoa soubesse, em determinado momento, se realmente e sinceramente queria saber o que era a natureza para ela. Alcance você mesmo: o prazer selvagem da natureza, seja frequente ou pouco frequente, é suficiente para uma pessoa tirá-la da pobreza! Afinal, seria impensável decidir que uma pessoa não é pobre enquanto está 'aproveitando' o ar, ou que não falta nada ao peixe enquanto ela está 'aproveitando' a água!.. Sim, existe a necessidade ler: Na verdade, o verdadeiramente pobre é aquele que 'goza' Da natureza!..

É claro para todos que quando você tira o peixe da água, mesmo que você despeje água suficiente sobre ele, sua respiração não lhe fará muito bem. Porque não falta só o fôlego. Falta a contagem da água. Falta-lhe a pressão que exercem sobre cada ponto do seu corpo - aquela pressão abrangente e unificadora que o obriga a ser uma criatura em si para viver; Falta-lhe a ligação entre ele e a água, a sucção invisível, o ser, o mundo do qual cada um de seus átomos suga e do qual todos sugam. Portanto, você quase o tira da água, o sangue dele começa a jorrar de todos os poros do corpo - começa a separação.

E o mesmo acontece com uma pessoa, quando ela é exposta a um ar muito mais rarefeito do que o adequado para respirar; Não apenas sua respiração se torna difícil, mas seu sangue também começa a jorrar de todos os poros de seu corpo.

E a natureza? Embora isto seja claro para todos, porque a natureza, a natureza ampla e visível, "que se espalha diante de tudo" é para uma pessoa real o que a água é para um peixe e o que o ar é para todos os seres vivos da terra?

Você vê a vida da natureza, e aqui eles são um mar de movimento, um mar fervente de ebulição global, e tudo o que existe e todas as visões - e aqui estão eles em bolhas, em bolhas nesta ebulição global. E você vê o homem, e aqui está ele a bolha, o filho da fervura mais elevada, depois da qual não há mais fervura, a bolha, na qual, como as linhas de luz em um espelho, todas as linhas do movimento mundano são combinadas . E você pergunta: será possível que esta bolha se mova a partir da própria essência dessa ebulição global?

Você pergunta: o homem só conhece e sente a natureza, e ele só precisa conhecê-la e senti-la, ou

porque ele vive a natureza e precisa vivê-la? Não vive o homem a natureza muito mais do que a conhece e sente, sendo que vive a natureza na sua totalidade, em todas as suas potências sem propósito e em toda a sua profundidade sem exploração?

Aqui o homem não sente o movimento da terra, e nem sequer sabe disso, exceto há pouco tempo, - ele não vive esse movimento? Este movimento não funciona em todos os átomos do seu corpo, e se um homem não fosse repentinamente trazido para o espaço infinito, fora do alcance da atração da Terra, ele não estaria se movendo pela força da persistência no o próprio movimento, que move a terra, essa força não participa da criação da mesma coisa, que chamamos Se ele tem vida, não é dos alicerces da mesma coisa? E o mesmo se aplica a todas as forças de toda a criação infinita, visíveis e invisíveis para nós.

Afinal, não será desenhado, porque a vida, o sentimento e o reconhecimento são algo separado de todas essas forças, porque o animal, na medida em que está vivo, e o homem, na medida em que é homem, a ligação entre eles e entre o o movimento mundial, o infinito, cessou, como se eles estivessem cercados durante o resto de suas vidas por algum muro chinês. Claro que você pensa, porque a vida, o sentimento e a cognição são a composição superior, a combinação mais profunda de todas as forças mundanas e sua redução em um ponto.

E quem sabe, se o homem fosse capaz de saber o que sabe e sentir o que sente, se houvesse sequer possibilidade de reconhecimento ou sentimento, se o homem não vivesse tudo o que conhece e sente, se todas as forças e todos os movimentos do mundo, que ele é capaz de conhecer e sentir, não participavam

como Elementos na criação da mesma coisa, que chamamos de vida.

Tudo é reconhecido hoje, porque “não há nada na cognição que não existisse anteriormente no sentimento”. Você não tem razão, de acordo com o que foi dito, para pensar que não há nada na consciência que não estivesse anteriormente na consciência e no sentimento, que não estivesse anteriormente na vida desconhecida e imperceptível?

Acontece, portanto, que o ser mundano, a natureza infinita, abunda na alma do homem, no seu sentimento e conhecimento de ambos os lados: do mesmo lado, que ele sente e sabe, e do mesmo lado, que não lhe é conhecido nem sentido, mas que ele o vive; Como se dissesse: da face do espelho, do seu lado transparente, nele se reflete toda a criação, nele se revela todo o ser mundano em formas conhecidas, e do verso do espelho, do seu lado opaco, que ser um corpo o sela por si mesmo e assim o torna um espelho transparente, Enquanto o corpo e seus instrumentos, os instrumentos de sentimento e reconhecimento com todos os seus dispositivos nada mais são do que o vidro, cujo valor inteiro está em sua virtude, em sua clareza, na sua virtude de ser um espelho transparente. Ou como se disséssemos: do lado do sentimento e do conhecimento há luz abundante, que desperta sobre a chama, e do lado da vida desconhecida e imperceptível - o óleo para a luz, que alimenta a chama de acordo com o necessidade de seu sustento, enquanto o recipiente do sentimento e da cognição é a menorá, que nada mais é do que uma máquina com um receptáculo para receber e dar origem à união das duas correntes, emanando de ambos os lados.

Dirão: misticismo; O que não se sabe e não se sente não diz respeito à pessoa na realidade e não pode

acrescentar nada ao seu conhecimento e sentimento. Mas como chamar de misticismo aquilo que é a própria essência do homem? Afinal, todo o eu do indivíduo, a vontade privada, o caráter privado, o “eu” é, na verdade, colocado no lado desconhecido e imperceptível e, em qualquer caso, não no limite do reconhecimento. Afinal, o homem só vê e conhece a sua própria vontade depois de ter desejado o seu próprio “eu” após a consciência, mas a mesma coisa que ele quer e sabe na sua alma, ele não vê e não sabe. É quase a mesma coisa em termos de 'mesmo que eles não vejam' - e é a mesma coisa, ele não é o criador de todo o seu mundo.

Você vê isso imediatamente, quando olha para duas visões de mundo diferentes de dois sábios que pensam. Tomemos, por exemplo, os dois sábios, cujos ensinamentos, tão diferentes, estão entre os mais famosos do nosso tempo, Marx e Nietzsche. Se você é um 'seguidor' de um deles ou um oponente de ambos - mas você não pensaria que seus pontos de vista são tão diferentes, porque um deles tinha uma mente maior, um sentido mais forte, tinha um conhecimento mais extenso ou porque viveu em um ambiente diferente sob condições diferentes. De nada, porque mesmo que os dois sábios mencionados fossem completamente iguais em todas essas coisas, isso não os teria impedido, pois suas opiniões diferem de ponta a ponta. Porque a diferença entre eles não está no conhecimento, mas no nariz, na 'raiz da alma', ou seja, na fronteira das emoções e ainda mais na fronteira do desconhecido e do imperceptível - na quantidade e qualidade do 'óleo para luz', que era abundante em suas almas.

O lado desconhecido - este é portanto o lugar da cola, onde a alma do indivíduo se unirá à alma de toda a criação e eles se tornarão uma só alma vivente; Esta é

a rua onde a vida do homem individual flui e se une à vida de toda a criação e foi para a vida eterna; Esta é a própria natureza na alma humana e esta é a fonte da vida. Tudo o que vive na alma humana, cada pensamento vivo e cada sentimento vivo, tudo o que é original e iluminado por uma luz suprema, o que se chama: o voo do espírito, do Espírito Santo, da criação - afinal, brota do fonte sem fundo e deste mar sem limites.

De tudo o que foi dito fica claro que o homem, seja ele quem for, deve sempre estar dentro da natureza; Porque a natureza é para quem sente e sabe exatamente o que a água é para o peixe. Porque o homem não precisa apenas de uma reflexão na vinda da natureza em sua alma. Ele precisa da contagem da natureza, da pressão abrangente e unificadora, dessa natureza, desse ser infinito que pressiona cada ponto do seu corpo e da sua alma e o obriga a viver, a ser uma pessoa e a ser um indivíduo por si mesmo; Ele precisa da conexão imediata e constante entre ele e a natureza infinita, a sucção que desaparece, de que cada um dos átomos de seu corpo e alma seja sugado da natureza infinita e tudo isso seja sugado do infinito; Ele não precisa apenas de reconhecimento e sentimento, ele precisa de vida eterna.

mais do que isso. Quanto mais a pessoa se desenvolve, mais o seu sentimento e conhecimento continuam a aprofundar-se e a expandir-se, e o seu tesouro de conhecimento a enriquecer-se, mais ela necessita de apego imediato à natureza. Absorção imediata do ser global. O homem natural, o selvagem, come do que é preparado, tanto na matéria como no espírito. Ele não gasta muito e não precisa de muita renda. O mesmo não acontece com a pessoa culta que pensa e sente. Ele não está satisfeito com o que está pronto e requer apenas pegar ou agarrar, mas se

esforça para criar o que não está pronto; Ele não se contenta com o que lhe é revelado, mas procura penetrar na consciência da natureza e ver o que lhe está oculto. Por um lado, ele revisa e olha, examina e examina, analisa e compila, investiga e exige – quer conhecer os detalhes de todas as coisas. E, por outro lado, alcançar, o que tem mais a ver com os detalhes e com a sua soma total - a harmonia global, a verdade global - a vida do mundo. Ele gasta muito, desperdiça muita 'luz', e por necessidade deve investir muito, inevitavelmente precisa de um fluxo ininterrupto, renovador e crescente de 'óleo por luz'.

E na prática você vê exatamente o oposto disso. Veja, porque o homem, na medida em que tira mais da natureza, ele se afasta cada vez mais e a ignora; Na medida em que sua vida se enriquece, se expande e se aprofunda, ele gradualmente constrói um amortecedor cada vez mais denso entre ele e a natureza, encolhendo-se cada vez mais dentro de suas paredes como esta tartaruga dentro de sua armadura, até que já esteja acostumado a pensar até o primeiro inteligente, que a vida é separada e a natureza é separada. Você vê, tanto a ciência, que busca a luz revelada da natureza, quanto a arte, que busca sua luz oculta - ambas não forçam o homem e não o ordenam definitivamente, ofensivamente, a sair de sua concha, a buscar o espaço, a busque a vida eterna; Ambos parecem querer reduzir a natureza e empurrá-la - um para as salas do trabalho e da exigência científica, e o outro para as salas da continuidade - e desenraizar da natureza as últimas raízes da alma humana. No máximo, eles convidam o homem (e desta forma há uma espécie de zombaria oculta em seu convite) a sair para episódios, frequentes ou distantes, para ir nu à natureza para pedir-lhe a Torá, para olhar e 'aproveite'.

sobre. Desenraizando as raízes da alma da natureza 🔗
E não é preciso ter um olhar muito atento para ver as graves consequências que resultam disso para uma pessoa, os graves defeitos nos quais ela é deficiente tanto física como mentalmente.

Muita gente falou e fala sobre as deficiências sociais, econômicas, sexuais e coisas do gênero. Essa coisa está isenta de falar com eles nisso. Por outro lado, são tão complexos e nascem tão distantes da natureza, que é difícil ver através deles a ferida na alma humana em vez da lágrima, arrancada da natureza. A Halachá já foi decidida no seminário da ciência europeia, porque é assim que deve ser, porque este é o caminho do desenvolvimento, da completude do homem, e que aqui não há ferida nem lágrima, mas há erros incorretos. ordens que precisam ser alteradas. E quando essas ordens forem removidas e boas ordens vierem em seu lugar, ou não houver nenhuma ordem, então o mundo será corrigido pelo reino da justiça, e tudo será bom em um mundo que é totalmente bom. Mas existem deficiências cuja causa real ainda não desapareceu completamente de vista e não é tão difícil de ver para quem deseja ver.

Aqui estão os sentidos externos. Todos admitem, como imaginam, que os sentidos externos, estes são os primeiros e principais instrumentos de sentimento e reconhecimento, têm uma importância especial para quem sente e conhece, e é seu dever desenvolvê-los, aumentar os seus sonhos e levá-los à mais alta perfeição. E o verbo o que você vê? Esses sentidos não estão ficando cada vez mais fracos à medida que os limites da cognição e dos sentimentos humanos se

expandem e o acumulador fica mais rico? Encontrareis muitas vezes olhos saudáveis, bons de ver e que enxergam longe entre aqueles que são iluminados pela luz da ciência, entre aqueles que se 'curtiram' e convidam outros a 'aproveitar' a natureza, entre aqueles que observam uma visão ampla e profunda da natureza a partir de seu estudo e demanda? E o mesmo acontece com os outros sentidos. E é precisamente o selvagem, precisamente o homem natural que tem sentidos sãos, aguçados, vivos e inteiros, e consegue com os seus simples sentidos o que o homem da ciência não consegue com todas as suas ferramentas e instrumentos de trabalho. E a razão para isso não é apenas negativa, não apenas porque o que ele é - o homem natural - não está dentro das condições corruptas da vida humana esclarecida, que também não são resultado, direta ou indiretamente, do distanciamento da natureza, mas também positivo, o que ele suga é uma sucção inesgotável

E quando você passa disso para os sentimentos interiores e aqui há ainda mais do que na maior parte do continente, a pobreza do fluxo da vida, abundante da natureza para a alma humana, é ainda mais visível. O amor aos homens, o amor à família, o amor aos ímpios, o grau de misericórdia diminui à medida que uma pessoa «progride», em particular, à medida que a vida social se concentra cada vez mais nas grandes cidades (as grandes cidades, em geral, são sempre os centros de educação e de corrupção, e existem sempre à custa das aldeias e das cidades pequenas e cheias o seu défice é condenado). Mesmo onde você encontra esses sentimentos, você vê que na maior parte eles não surgem do coração, mas são influenciados pela mente. Em geral, todas as emoções, entre as boas e as que não são boas, uma espécie de ódio e coisas do género, continuam indefinidamente, murcham e degeneram. Mesmo o amor pela natureza, tal como se

revela em obras conhecidas, nem sempre é saudável e natural. E mesmo a emoção mais simples que menos precisa de algum tipo de excesso de espírito - o amor entre um homem e uma mulher - diminui e diminui, um amor natural que não tem nem as surpresas estranhas e mórbidas nem o fogo estranho e mórbido, um amor profundo , uma 'quantidade forte', como diziam antes, você não encontrará hoje, exceto muito raramente. A grande maioria brinca com episódios com esse tipo de 'amor', que é tratado especialmente por J. Berdychevski. O lugar do amor é cada vez mais ocupado pela luxúria grosseira.

Mas em particular você vê o entupimento dos canos da abundância suprema da natureza na contagem dos ideais e da criação. Você sente isso na primeira revisão da literatura e da vida. A análise psicológica é uma das coisas que meu marido neste momento trata com extremo carinho. Tudo é dissecado, tudo é cutucado e cutucado na miserável alma humana, e a análise de todo grande amigo é mais refinada e sua sondagem é mais profunda do que a de seu amigo. E toda essa sondagem só vem tatuar todos os fundamentos do mundo da nobreza e também do mundo da criação. Não existe amor independente, nem fé, nem idealismo, nem justiça, nem verdade; Mas existe uma 'vertical' que não conhecia sete. Existe um estômago, existem desejos e apelos e existe o engano do próprio homem. Aqueles com uma alma bela ainda adoram, consagram e reinam na beleza. Mas não é difícil perceber, porque mesmo o ídolo da beleza não tem certeza da vida eterna. Afinal, a criação não é mais uma questão do “Espírito Santo”, e há profecias de que no futuro a criação não será mais do que um negócio intelectual de combinações e justaposições inteligentes.

Sim, porque na verdade a vida está diminuindo cada vez mais, porque o “petróleo para a luz” está

acabando. Tudo o que resta na sociedade iluminada do amor, da fé, do idealismo, da criação, permanece para nós como uma herança das milhares de gerações anteriores e ainda existe em um grau conhecido em nossas almas, apesar de toda a nossa 'sabedoria' , apesar das nossas projeções, apesar de todas as nossas formas de pensar e sentir. Porém, a renovação da vida de tudo isso e o aumento da corrente de vida na medida em que o receptáculo da corrente da vida mundana se expande dentro de nossa alma e o gasto se multiplica, - todo aquele 'período de sangue', tudo isso ' a troca espiritual de materiais' não está dentro da nossa alma, porque estamos longe da fonte da vida - da natureza. Nós ganhamos a vida com o livro, um homem com os poemas “gordos” do amigo, amamentamos os dedos, um homem come a carne do braço.

Não é de admirar, porque na vida tal perda de força e escória leva o homem contemporâneo à troca de ideais (ou à “quebra de ídolos”, na expressão característica do nosso tempo) à velocidade do electrão, e mais recentemente – à apostasia completa. , a um vazio terrível e ao desespero total. Não a heresia, quando é perigosa para si mesma, mas a pequena e pobre heresia, que não tem raízes profundas na alma do herege ou em sua mente, mas é semeada por todo espírito, carrega a semente de calza em suas asas e cresce, como estes espinhos do deserto, num lugar onde não há alimento para plantas melhores. A grande e original heresia, filha da grande tristeza e do grande pensamento perscrutador, é fecunda e criativa não menos que a grande fé, que é também filha da grande tristeza e do grande pensamento perscrutador. A grande apostasia trouxe ao mundo nos anos antigos a maravilhosa religião do Buda, a grande apostasia criou em nosso tempo a ideia do 'homem supremo'. Este é o poder da grande tristeza que, onde quer que esteja, ela

cria. A grande tristeza não dá descanso ao seu dono, nem mesmo pedir descanso na morte lhe é dado, pois que bem a morte fará ao grande enlutado, se a tristeza permanecer no mundo mesmo depois de sua morte? É verdade que “ele salvará a sua alma” através de tal fuga, dando à sua alma tal certificado de pobreza? Ele pode escapar assim? Por necessidade ele vive, por necessidade ele suporta a grande tristeza – porque aqueles como ele a suportam. Quem como ele deterá o poder do conhecimento e saberá como carregá-lo? - e necessariamente pede meios para que todos os que sofrem possam suportá-lo - e cria. Este é talvez o mais terrível “como você pode viver”, mas também é grande e sublime. Tamanha heresia – assim como grande fé – você não encontrará muitos em nossa época. É por isso que existem tão poucos criadores e tantos que se desesperam e se perdem para saber. A heresia do nosso tempo é exaustiva. Tudo o que um homem contemporâneo tinha do frasco, do poder espiritual, da 'alma residual' ele gastou na negação, e para a carga não sobrou nada.

Também não é de admirar, porque na literatura uma condição tão mórbida levou à corrupção do paladar, e muitos pedem aquilo que dá origem ao cheiro de podridão. E encontram um sabor especial naquelas flores imaginárias, que nada mais são do que lesões que desabrocham na alma, e outros, vendo a fonte da criação cada vez menor, cada vez menor, perguntam e procuram uma luz escondida abaixo do limiar de consciência, pergunte e procure por 'pássaros azuis' e coisas do gênero. Como se só faltasse um pedido e uma busca. E não prestamos atenção, porque estamos perseguindo a sombra em vez de pedir a luz. Quando houver vida suficiente entre as nossas almas, quando houver vida eterna abundante nas nossas almas, sem interrupção e sem amortecimento, então não teremos que perguntar onde ela não pode ser encontrada -

abaixo do limiar da consciência, porque então a corrente irá ascende automaticamente ao limite da consciência, desde a sua própria característica de fornecer a luz.

Um mundo completo diante de nós, extensões, distâncias, profundidades, vida, luz sem propósito e sem exploração, - Mergulhe, ser humano, nas profundezas deste grande mar, abra todas as câmaras do seu coração e todas as casas da sua alma ao fluxo de vida e luz - viva! Viva em todos os seus átomos, viva a vida eterna! Viva - e veja que ainda há espaço para o amor, a fé, o idealismo, a criatividade! E talvez quem sabe? - Talvez ainda existam mundos dos quais você nem tem ideia!..

O mandamento absoluto da natureza humana, do espírito humano não é, portanto, aquele que é pregado no nosso tempo no mundo cultural: 'Conheça a natureza e ame-a!' Porque se é aquele cuja voz não é ouvida de forma alguma no mundo cultural, é aquele que canta como uma pomba dentro da alma que busca, lutando como um pássaro em sua estreita gaiola por falta de vida:

Viva a natureza!..

Mas como você vive a natureza?

Porque é isso também que os seus ouvidos, ser humano, deveriam ouvir: 'Retorne à natureza!' ... De novo - sim, você se arriscou a pensar de acordo com tudo o que ouviu - atrás de você, para a infância e para a vida da infância, porque o seu caminho, que você percorre, a grama está caindo! Novamente - esteja nu no dia do seu nascimento, para que não grude em sua mão do 'haram', então suas mãos cometeram um pecado por você!.. Como se a natureza de sua alma,

um ser humano, não fosse uma com a natureza mundana, e tudo o que nela se renova - na natureza do seu mundo - você não é uma das ações desta natureza mundana, que se renova. Cada dia é sempre um ato de Gênesis! Como se não fosse seu levar tudo o que tocou com o suor do nariz, tudo pelo que deu a alma, tudo o que pagou com o melhor do seu leite e do seu sangue, com a medula dos seus ossos e as lágrimas dos seus olhos !

Não, cara! Você não viveu em vão, sua força não foi em vão e vazia, e se você se desviou por um momento de seu caminho e se extraviou, ou porque parou em seu caminho, então você sentiu um peso em sua alma, e se você falhou e caiu, e se você sofreu, você sofreu. E quando você retornar à natureza, você não retornará aos calcanhares e não retornará vazio, mas quando retornar ao seu primeiro lugar o homem que percorreu a terra inteira - experiente, conectado, culto e rico - rico no olhar dos olhos e no caminho da alma, rico em espírito e também em muitos bens reais. Tudo o que tem lugar na natureza retornará com você.

E naquele dia você abriu os olhos, ser humano, e olhou diretamente nos olhos da natureza e viu neles a sua imagem. E você sabia que era um sábado para você mesmo, porque ao ignorar a natureza você ignorou a si mesmo. E você se sentou e viu, e aqui acima de você, acima de suas mãos e pés, acima de todo seu corpo e alma, fragmentos pesados, duros e opressivos estão quebrando e caindo, quebrando e caindo, e você está endireitando, endireitando, crescendo. E você sabia que estes são os fragmentos da sua carapaça, dentro da qual você encolheu ao capricho do seu coração, como uma tartaruga dentro da sua carapaça, e da qual você cresceu recentemente. E você sabia naquele dia que tudo não estava de acordo com a sua medida, e que você tinha que renovar tudo: sua comida e sua

roupa, sua roupa e sua moradia, a maneira como você trabalhava e a maneira como você estudava - tudo... e você sentiu naquele dia com toda a força do seu coração a pressão que as paredes das casas da cidade - e também da aldeia - pressionam sobre a sua alma, e você sente cada leve amortecedor, o amortecedor entre a sua alma e o mundano espaço, entre sua alma e a vida mundana. E quando você constrói uma casa para si mesmo, e você decide não multiplicar cômodos e cômodos nela, mas se você colocar todo o seu coração nisso - para que não haja nada nela como um amortecedor diante do espaço mundano, antes a vida mundana, porque quando você se senta em sua casa, quando se deita e quando se levanta - a todo momento e a cada hora você estará todo dentro daquele espaço, dentro dessa vida, e também construirá as casas de trabalho e artesanato, também as casas da Torá e da sabedoria. E porás um espaço entre casa e casa; Um grande lucro, que não extorquirá e não roubará de casa em casa a sua parte neste mundo.

E naquele dia teu filho, filho do homem, não será mais uma ruína para a majestade de nossos filhos do mundo, nem a glória de teus filhos será uma mancha na contagem da glória mundana; E o deserto natural com suas espadas esquecidas não será mais a única beleza verdadeira e infinita. E pegue a Torá da boca da natureza, a Torá da construção e da criação, e aprenda a fazer de acordo com o seu trabalho em tudo o que você constrói e em tudo o que você cria. E em todos os seus caminhos e em toda a sua vida você aprenderá a ser seu parceiro no ato do Gênesis.

E foi nesse dia que um novo espírito foi dado em você, ser humano, e você sentiu uma nova emoção, uma nova fome - não uma fome de pão e nem uma sede de dinheiro, mas de trabalho. E você encontra prazer em cada trabalho que faz e em cada ação que pratica,

como o prazer que encontra em comer e beber. E você prestou atenção naquele dia para agradar e saborear o seu trabalho, quando você presta atenção hoje para agradar a sua comida, e quando você presta atenção hoje para multiplicar os frutos do seu trabalho – o dinheiro. E você soube trabalhar para sua satisfação todos os dias. Você não irá subtrair ou adicionar. Mas acima de tudo, prestem atenção ao trabalho, a cada trabalho e a cada ato dentro da natureza, dentro do trabalho mundial, dentro da vida mundial e do espaço mundial. Você fará seu trabalho no campo e fará seu trabalho em casa. Porque é assim que você vai construir a casa.

E deixe seu escravo ser seu escravo, e deixe o vazio do mundo da oficina estar em seus olhos, e você e a natureza - trabalhadores. E um coração para vocês dois e um espírito. E você disse naquele dia: A natureza é bela na sua face, mas é duas vezes mais bela no espírito da sua vida, no seu trabalho. E houve um momento em que você ficou em pé para endireitar sua postura e inspirar, e você inalou não apenas ar para respirar, e sentiu que estava inalando outra coisa em seu coração, algo como uma massa, que você não saberá o que é. , mas que fecundará o seu sentimento e o seu pensamento, que acrescentará vida e luz ao seu gosto E você teria momentos em que ficaria todo em êxtase no infinito. Depois houve silêncio. Não só a fala, mas também o canto será aos seus olhos uma blasfêmia, e até mesmo o pensamento. E você obteve o segredo do silêncio e sua santidade. E você sentiu algo que não deveria ser expresso apenas no trabalho. E você trabalhou muito, com força, com alegria. E você ouviu uma voz saindo do seu trabalho e dizendo: 'Trabalhem, homens, todos vocês trabalham!' E você soube então e voltou ao seu coração, que existe um tesouro espiritual tão grande no trabalho que você vê apenas o fim zero dele, apenas um lado, apenas um

canto, e tudo isso não será visível exceto aos olhos de todos os videntes, que olharão de todos os lados...e depois da voz da filha - a natureza responde: Amém' - para dizer: Sirvam, gente! Não reduza o seu trabalho aos seus olhos - eu lhe darei trabalho! E você completou o que me faltava, para que eu pudesse completar o que lhe faltava...

Naquele dia o fruto do seu trabalho, filho do homem, será a vida, porque haverá vida no seu trabalho. E não perca um momento da sua vida na ociosidade. E em um dia ruim, quando os tormentos vierem sobre você, e deixe seus tormentos serem grandes, profundos, sagrados. Ou em um dia de escuridão, porque você falhou por um momento e pecou - e você teve força e gênio suficientes para carregar o pecado sobre você e fogo do inferno suficiente para adicioná-lo. E você conheceu a tristeza que derrama sobre você um espírito santo supremo e um amor supremo por todos os que vivem e sofrem, e você não conhecerá a pequenez, e não conhecerá a pequenez, e não conhecerá a vida branda.

E naquele dia você levantou os olhos, filho do homem, e levantou os olhos, e viu a terra e o universo que há nela, e viu os céus com todo o seu exército, com todos os mundos que estão em até que não haja propósito e nem pesquisa - e eis que estão todos perto de sua alma, e eis que todos estão levando Bênçãos para ela. Então obtenha a eternidade em um momento. Então você saberá qual é a sua riqueza, quão grande é o seu governo, quão grande é a bênção que eles lhe trazem. Então você saberá e disse em seu coração: Quão pobres, quão perigosas são as vidas dos outros, o governo para os outros, a luz para os outros!

E nesse dia você amou tudo que estava aí, e você amou o homem, e você também amou a si mesmo - porque seu coração estará cheio de amor.

E você acreditou em si mesmo, e acreditou em Adão, e acreditou em tudo que deveria ser acreditado - porque você estará cheio de vida.

E ali estava o seu sentimento e o seu pensamento, e ali estava o seu espírito como se estivesse se fortalecendo - sempre novo, sempre seu. Você sentirá até mesmo tudo de si mesmo, e aqui você é sempre novo, sempre seu. Assim serás aos teus olhos e assim serás aos olhos do teu irmão - pois a tua origem será abençoada e não faltará 'óleo para a luz'.

E nesse dia a pessoa não estará sobre a pessoa pelo fardo que o portador carregará por uma hora - e chorará. Porque naquele dia o homem será irmão das estrelas do céu e dos répteis da terra, porque haverá bastante céu na alma de cada pessoa e bastante terra, e grande será o seu percurso. E havia espaço suficiente um para o outro e distância suficiente entre eles para que ninguém caísse um em cima do outro e para que cada um puxasse o outro sempre, sempre.

E você conheceu naquele dia, ser humano, a natureza, porque seus olhos e todos os seus sentidos estarão bastante abertos, seu coração bastante aberto, sua mente bastante profunda; Mas você também conhecerá a vida - e compreenderá a natureza. E nesse dia a luz da sua sabedoria não será mais uma luz fria e terrível, porque será uma luz viva, abundante em todos os mundos.

E você soube naquele dia, ser humano, como você vive a natureza - porque você gostaria de saber...

terceiro. O relato da vida e do mundo ⚮
O homem, que tem consciência, vê na natureza dois mundos diferentes, dois aspectos diferentes do ser, separados um do outro por uma diferença abismal: natureza presente ou natureza inanimada e natureza viva. A natureza atual, o exame do seu ser é simples e abrangente, o homem não vê nela nada além de matéria e movimento e infinitas combinações de movimento. E a natureza viva é um exame de um ser que lhe é especial, como uma espécie de acréscimo ao exame do ser mundano geral, no qual o homem vê a vida em essência e que veio à luz através do método de diferentes corpos, dispostos em dois níveis principais, elementares um acima do outro: crescente, vivo (que também inclui o homem), porque sim, a natureza viva também é chamada de natureza orgânica e a natureza presente ou inanimada - inorgânica.

A natureza viva conhecida pelo homem é uma quantidade muito pequena aproximadamente da natureza atual, uma quantidade muito pequena, mesmo apenas aproximadamente, da natureza atual da terra sozinha. Além do fato de Adão, um filho da terra, nada saber sobre a natureza viva dos outros corpos celestes, por assim dizer, ele não sabe se existe alguma natureza viva ali - embora, por outro lado, a lógica exige que a vida não faça parte apenas da nossa terra. Mas em qualidade, por assim dizer, em seu valor em relação ao possuidor do conhecimento, a voz da natureza viva, mesmo apenas na medida em que é conhecida pelo homem, contra toda a natureza presente, contra toda a criação infinita. Afinal, na natureza viva está incluído o poder da cognição, através do qual apenas o possuidor da cognição

conhece a realidade de toda a criação global, e sem cognição ele não pode de forma alguma desenhar uma realidade para ele.

O principal portanto é o reconhecimento, mais corretamente, o reconhecimento é tudo para o dono do reconhecimento. Ela é para ele a única especular, da qual obtém toda a criação, da qual obtém tudo. No reconhecimento, para ele, a totalidade do ser infinito é refletida em todas as suas aparências infinitamente diferentes, todas elas chamadas de realidade. Mais do que isso, segundo o que conclui a teoria da consciência, a consciência não alcança tudo o que é apreendido por ela quando é para si, mas se as impressões da coisa, à medida que chegam à consciência através dos canais da alma do conhecedor , isto é, o que a consciência sente como algo externo a ela, como realidade, não é realmente uma coisa interna ou uma ação interna: uma soma de impressões, com as quais a alma do conhecedor fica impressionada pela coisa percebida, seja de fora , através dos sentidos externos - ou de dentro, através do sentimento interior, e que o reconhecimento encerra e ilumina à sua maneira e lhes empresta uma forma e uma entidade de ser, de realidade. Descobrimos na última linha que a realidade – isto é, o que percebemos como realidade – na verdade parece ter sido criada pela consciência. Mesmo que alguns tenham chegado a uma opinião geral de que não existe realidade alguma à parte do reconhecimento ou à parte do “eu” conhecedor ou pelo menos não há realidade para ele, para o “eu” conhecedor, isto é, ele não não alcançar fora de seu conhecimento.

Esta virtude especial da consciência, incomparável com todas as virtudes da alma vivente, faz dela, a consciência, o ponto de partida para todo pedido de ajuste de contas com o mundo. Todo pensamento vivo

suga de sua própria fonte, busca uma explicação para si mesmo com a vida e o mundo, considera necessário começar sua explicação esclarecendo a essência da cognição. Como se dissesse: ela vê a necessidade de examinar primeiro as ferramentas de sua arte, a única especular, que ela passou a olhar e obter dela o que deve ser obtido.

Porém, de onde você vê toda a capacidade da cognição para conseguir tudo, de lá você vê sua incapacidade de conseguir o principal. Se o conhecimento, de acordo com a sua constituição, de acordo com a maneira como é alcançado, exige que tudo o que é apreendido por nós não seja nada além de uma aparência e que a própria coisa que aparece não seja apreendida por nós de forma alguma, então nisso seu corpo testemunha para si mesmo, porque não tem capacidade de ser visível ao pensamento vivo, pela potência do 'eu' que pede o seu mundo, naquilo que ela pede. Porque aqui há algo na essência de uma coisa, que o “eu” vivo e conhecedor não pode negar sem negar a si mesmo: é o próprio “eu” autoconhecedor.

O que é aquela coisa que sabe, esse “eu” que vê e sabe tudo, e é ele próprio invisível e desconhecido? O que isso sabe sobre mim? O que é que vive em mim? O que é isso presente em mim? e de onde? E ele, o desconhecido, o “eu” incerto existe na realidade, existe como objeto, não apenas como fenômeno, pois sem ele não há nada. Descobriu-se que existe alguma realidade, algum ser, que o 'eu' cognoscente se reflete a partir daí e age e age a partir daí, o que não é reconhecimento, que não é o que se conhece, porque o 'eu' cognoscente não é conhecido .

O que é essa realidade, esse ser, que é desconhecido e dorme – dorme na essência do ‘eu’, e a partir dele em

toda a criação? Qual é a essência do 'eu', a essência de tudo, a essência da vida, a essência do ser?

Aqui chegamos à grande questão, global, eterna, à questão que o homem vivo pensa, vem do poder do 'eu' vivo, você o encontra desde o início de sua jornada na vida até o seu fim, você encontra para onde quer que você se vire e para que lado você se volte para buscar a vida e o mundo do 'eu' O animal, - para a questão que existe e há, como sabemos, respostas para ela, mas não há resposta, até recentemente tivemos o privilégio de ouvir que não há nenhuma questão aqui, porque a própria questão é um erro fundamental, porque a própria essência do “eu” é um erro fundamental, etc.

Não é profundo ver que a eliminação da questão pelo poder do reconhecimento experimental não é menos metafísica do que todas as respostas metafísicas. A teoria da cognição experimental pressupõe que ela não tem cognição senão aquilo que lhe vem da experiência. Porque a consciência não consegue nada por si mesma, por algum poder interior especial, a não ser através da experiência. Um pressuposto, como vemos, que não chega a reduzir o poder da sua concretização e a contabilização da sua concretização do reconhecimento até ao fim. E se com base nesta suposição limitante eles dizem para fazer uma afirmação, que não há nada fora da obtenção da consciência, porque tudo é compreendido ou pode ser compreendido por ela, e o que não é compreendido por ela não é na realidade, até que o próprio 'eu' é a própria base da cognição e da vida, os limites da cognição, uma vez que não pode ser conhecido, então não é na realidade ou nada mais é do que uma abstração ou algo semelhante, - não é como se eles fossem dizendo: visto que a cognição não pode realizar nada por si mesma, então ela pode realizar tudo?

A possibilidade de resolver, ou melhor, de descartar a questão de tal maneira e em tudo assim, mostra que a questão não está no fim da sua profundidade, não está do mesmo lado ou na mesma profundidade da realização humana, que a questão realmente surge daí, é daí que realmente se origina sua maravilha abismal. Aqui, em primeiro lugar, está em ação a visão que reduz as realizações humanas à pura consciência.

O "eu" vivo e conhecedor alcança a vida e o mundo através da cognição (no sentido amplo, que inclui também o sentimento familiar), e aqui a cognição encontra na vida e no mundo o que ela não entende, o que contradiz tudo o que exige, o que fala de algum mistério abismal. A consciência, por exemplo, tudo consegue apenas pelo lado da sua aparência, mas ela, pela sua própria essência, pela sua própria ambição de conseguir tudo, também pergunta pela própria coisa. Obtém cada ação como um elo de uma cadeia de rotação, de causa e de girador, mas também pergunta pela causa primeira. E tudo isso e tudo mais ela não consegue, em tudo isso e tudo mais ela encontra maravilhas abismais.

E aqui, desde que você pergunte sobre tudo isso do ponto de vista da obtenção de um reconhecimento que aborde o conhecido, isto é, enquanto você pergunte sobre a causa primeira sobre o objeto quando ele é por si mesmo, sobre a legalidade e a racionalidade do da vida e do mundo , é possível explicar tudo numa só explicação de acordo com a constituição da cognição: sobre essas questões nada mais são do que as perturbações da cognição, a irrupção da consciência para agir além dos limites de sua ação, porque fora da esfera da consciência, na essência da vida e do mundo não há lugar para legalidade, substância, razão, etc.

Tudo isso são apenas formas do modo de obter reconhecimento.

Mas na verdade é uma questão, na sua origem humano-cósmica, não do lado do conhecido, nem do lado voltado para o conhecido, mas sim do lado do conhecedor que não é conhecido, do seu poder de saber: o que é a coisa que sabe e de onde vem? O "eu" vivo e conhecedor está, na verdade, perguntando aqui sobre a primeira razão, sobre a legalidade e a inteligência de si mesmo: o que é que me reconhece, o que é que vive em mim? O que está presente em mim? e de onde? De onde vem a legalidade e a inteligência em mim, de que sou apenas uma das manifestações do ser, que não deve ser vista como inteligência óbvia? Se não, ela também tem inteligência?

Tal é a questão que está na sua base, no autoquestionamento do "eu" vivo e conhecedor, que dentro da casa criativa da cognição assume a forma de uma questão cognitiva dirigida ao conhecido, de uma questão sobre o objeto quando ele é em si, sobre a causa primeira, sobre a legalidade e racionalidade do mundo e da vida, etc. Se o 'eu', que nada mais é do que uma das manifestações do ser, sabe, é iluminado pela luz da inteligência, isso significa que a inteligência é essencialmente o ser e, portanto, a questão sobre ela.

É claro que a questão na sua forma fundamental, a questão sobre o conhecedor que não é conhecido, não pode ser resolvida nessa explicação do mau funcionamento do reconhecimento, da irrupção do reconhecimento para agir para além dos limites da sua operação. Aqui, afinal, o reconhecimento é perguntar sobre si mesmo, sobre a legalidade e a racionalidade com tudo o que está comprometido com isso de si: onde está a legalidade e a racionalidade nele, no seu

próprio reconhecimento, que é apenas uma das manifestações do ser?

O reconhecimento de acordo com as suas leis exige que a legalidade seja acidental, a legalidade que surgiu ou está a existir por acaso, a sanidade resultante da cegueira completa é uma contradição lógica, uma impossibilidade lógica completa. E se em relação ao que está fora do âmbito do conhecimento existe outra possibilidade lógica de resolver a contradição, assumindo que fora do âmbito do conhecimento, na essência do conhecido, na essência da vida e do mundo, não há legalidade , apenas a consciência, que cria a legalidade, a vê, a legalidade, como se estivesse fora dela, - mas não há como conciliá-la em relação à própria consciência: legalidade acidental, inteligência acidental na consciência corporal, como você será iluminado? Aqui em relação a si mesma, não há força no mundo que possa invalidar o reconhecimento da impossibilidade lógica da coisa. Tanto se rejeitarmos o poder judicial da cognição deste ponto de vista, como se decidirmos que a cognição não é fiel para testemunhar de si mesma, porque tem em si, no seu próprio ser e ação, algo (o 'eu' que conhece e o desconhecido), quando o obtém como algo e funciona, mas não o reconhece, não o obtém como coisa conhecida, como coisa que entra em suas formas e age segundo suas leis, - porque neste corpo, nos privamos de todo poder de julgamento humano, de toda realização humana. Para desqualificar o depoimento e o julgamento desta, de acordo com o seu único depoimento e o único julgamento discutimos tudo, seja positivo ou negativo, e de acordo com o seu único depoimento e o único julgamento devemos desqualificar o seu depoimento e o seu julgamento. É um absurdo.

São tudo o que ganhamos, seja por experiência ou de qualquer forma cognitiva, sobre a mesma coisa que sabe: a mesma coisa que sabe o que é? E de onde ele veio? E mesmo que conheçamos com conhecimento claro de quem se conhece todo o modo da sua génese técnica, se assim o devemos dizer, todo o modo da sua génese fisiológica e psicológica, e mesmo - digamos por um momento - se é possível para que possamos conhecer todo o modo de gênese da vida a partir da matéria inanimada, até que nós mesmos possamos fazer De materiais inorgânicos a uma criatura viva com consciência humana, mesmo assim a questão permanece sem mover um único centímetro: a gênese antes da consciência, que está além da consciência da própria essência da vida e da consciência, a gênese ou o ser daquela força que torna possível toda essa gênese, o que é isso? São tudo o que saberemos sobre isso, basicamente com base em uma suposição escondida de nossa própria consciência, porque tudo isso foi à força, e todas essas formações nada mais são do que diferentes formas de passar da força à ação. Isto é, tudo o que conhecemos como gênese nada mais é do que algo cujo poder de vir a existir, de assumir esta forma, estava nos mesmos materiais a partir dos quais veio a existir, estava em um estado inatingível para a consciência, e agora , por uma composição conhecida ou outra ação conhecida, passou para um estado conhecido pela consciência. Mas aqui a questão é sobre o próprio poder que surge nisso, que não está nos mesmos materiais, a partir dos quais se revela, sobre o próprio fato desse conhecido, que não tem nenhum conhecido. Como isso surgiu do nada? Como sair de forças cegas, sem qualquer centelha de consciência, de vida, de vida, de consciência com tudo o que há nelas? E a partir daqui – a questão continua: E como é que as forças cegas saltaram do nada, do zero? Como toda a existência surgiu do nada? Se coincidências cegas, se cegueira

total, por que não o zero absoluto? O que é ser, um ser? Ser, entidade, realidade, afinal, é algo que não pode ser compreendido sem uma inteligência conhecida.

Só uma coisa é absolutamente clara - porque aqui encontramos o que está além do reconhecimento, o que é o próprio ser, que é a nossa própria alma, e a alma se pergunta sobre si mesma e pergunta e pergunta, e o mais importante - ela não pode deixar de perguntar.

d. A consciência cirúrgica não consegue dar uma resposta

Deixaremos, portanto, o esclarecimento da essência do reconhecimento para pesquisadores ilustres e examinaremos primeiro a essência da questão que temos diante de nós. Esta questão, a primeira e a última de todas as questões, a questão das questões da alma humana, é pela sua própria essência completamente diferente de todas as questões. Hoh diz, na essência especial da questão, algo que tem uma importância especial e primária para a alma humana, algo que existe para nos ensinar um capítulo principal na teoria da vida humana, algo que deveria ser visto como a raiz da tudo o que se busca alcançar através dele. E talvez a pergunta em si seja a principal, e não a resposta em reconhecimento.

Em primeiro lugar, a atitude em relação à questão. Não há dúvida no mundo de que as pessoas tratarão de forma tão diferente, que serão estruturadas em faces tão diferentes, distantes umas das outras e contraditórias entre si, que serão avaliadas de forma

tão diferente umas das outras de uma ponta a outra, assim questão global, aparentemente igual a todas as almas. Não há dúvida no mundo de que, por um lado, o pensamento vivo sentirá tão profundamente o seu abismo, a impossibilidade sem pedir isso ou qualquer tipo de explicação, e que, por outro lado, o pensamento científico, a filha da consciência pura, irá ignorá-la, você verá nela algo desnecessário, escravizando sem necessidade tanto que você pedirá para se libertar disso, como esta questão das perguntas. Não há questão como esta, que por parte de sua origem viva, por parte de seu sujeito, por parte do "eu" vivo e conhecedor, será tão estabelecido, certo, seguro, firme, vital e que o que que se pretende alcançar através dele, por parte do seu objeto, será tão duvidoso na sua essência, no seu direito de existir, na sua realidade, a tal ponto que quase se pode dizer que há antes de tudo uma questão sobre a questão em si. Não há pergunta que dê espaço para respostas que distanciem os humanos uns dos outros e os humanos da natureza, que sirva de divisória, de parede de ferro entre os humanos e a natureza, como esta pergunta, que aparentemente busca um ponto de unificação para o entendimento mútuo entre humanos e realização mútua, se houver Dizer sim, entre homem e natureza.

Aqui você vê toda a profundidade da riqueza da humanidade e toda a profundidade da sua tragédia. Afinal, não é por uma diferença no grau de poder intelectual ou no grau de profundidade e riqueza da alma que a diferença na atitude dos questionadores em relação à questão e ao que é buscado e ao que é encontrado nele: aqueles que têm uma grande mente, uma alma profunda e rica, existem entre os diferentes tipos de questionadores. A diferença vem do fato de os seres humanos serem tão diferentes uns dos outros na natureza de sua alma, em sua forma espiritual, do fato de que a vida e o mundo se refletem em cada alma

humana de uma maneira diferente, fato que tem algo para testemunhar que cada pessoa é como um mundo completo em si mesmo. Você tem mais riqueza do que isso? E em contraste – que mudança! O ser humano aparentemente busca um ponto central que, como qualquer ponto central, concentrará com seu poder todos os pontos do perímetro, unirá todas as pessoas que aparentemente buscam, por mais distantes que estejam nas opiniões, nas qualidades da alma , na forma de seu mundo, um ponto central, que iluminará com a luz suprema toda a circunferência e a circunferência da circunferência até o infinito, - e aqui está este mesmo ponto ou o próprio arco deste ponto é a causa do oposto disso mais do que quaisquer outros fatores! Você tem uma tragédia mais profunda do que essa?

Não é este o lugar que o homem tem para se perguntar sobre si mesmo, para se considerar, para examinar e examinar todas as suas profundezas e segredos, para descobrir por si mesmo onde ele está no mundo, onde a humanidade está no mundo? Não é este o lugar para esclarecer a nossa natureza humana e cósmica mais do que em todo o mundo da consciência?

O que a pessoa está tentando alcançar aqui? O que uma pessoa tem e por que ela não é conhecida, o que ela tem e os desaparecidos? O que os motivará, o que os forçará a pedir o que não pode ser encontrado? Tanto por necessidade, se ele quer e se ele acredita, se ele dá contas a si mesmo e se ignora dar-se contas, por necessidade ele pergunta e pergunta, pergunta e pergunta sem saber, pergunta e pergunta por sua própria natureza humana. ser. Tanto cada momento de sua vida é uma pergunta quanto um pedido, que ele, nos momentos em que sua mente está livre, sente, senão reconhecido na forma de tédio e vazio, que a maioria de suas ações vêm apenas para desviar desse

sentimento , e se isso não lhe ocorre, muitas vezes isso o leva até mim, perdendo-se para saber. Eles são o alicerce de toda perda do conhecimento do eu, o alicerce antes de todo reconhecimento e sentimento, o alicerce no abismo da alma humana, é na verdade a questão global: o que é a vida e por que é a vida? E não só isso. Cada ato das ações do homem, cada relação de suas relações está essencialmente conectada numa conexão viva, embora na maior parte desapareça, na questão global, na relação do homem com ela. Afinal, não pode haver semelhança entre a maneira de agir e a atitude em tudo o que é feito e com tudo o que uma pessoa se relaciona, se a pessoa vê na vida e no ser uma luz suprema, uma ideia infinita, o a mente desaparece de todas as idéias, e entre a maneira do ato e a atitude, se ele vê na vida e sendo uma cegueira completa, um vazio terrível. Ou não é reducionismo e miopia ver o fundamento dos valores e relações humanas, do que se chama moralidade, apenas nas reivindicações da vida coletiva ou em algo parecido, em geral, em um círculo estreito de assuntos da vida e não em todo o âmbito da vida e na sua profundidade infinita? E o que, então, por outro lado, energiza o homem, o que o obriga a ignorar a questão global, a desviar a atenção dela ou mesmo a tentar livrar-se dela a nada, como se não existisse na realidade ou como se não passa de um imaginário ocioso, ocioso, insípido, talvez, que não tem interesse exceto para os preguiçosos e delirantes? Por que é tão fácil para os humanos, tanto do lado da lógica como do lado do julgamento mental, suportar a cegueira da existência mundana ou ver a luz da vida na ilusão, na ironia, no humor e em tudo o que vem com isso? isso, isto é, de fato, em autoengano consciente? o que é isso o que está aqui Qual é a questão do mundo eterno? Qual é a sua essência e valor? Ou talvez não haja realmente nada nisso e não tenha valor?

De todas as outras questões humanas, esta questão só deve ser aprendida, porque não há pontos de interrogação nela, há uma resposta para ela e nada.

Todas as perguntas são absolutamente claras e absolutamente seguras. Todas as questões são questões de reconhecimento, que se voltam para o lado familiar do ser, para a realidade. Eles perguntam sobre o que é visível e pode ser conhecido. Eles pedem opinião, a opinião da natureza visível e da vida visível, e são uma espécie de maneiras diferentes de direcionar o espelho do seu lado transparente exatamente contra o que é permitido refletir nele. Cada pergunta exige uma resposta e é uma espécie de abertura de porta para alguma informação solicitada, para qual elo falta na cadeia de visões da natureza e da vida ou para qual laço falta na teia de relações entre as visões, ou na teia de combinações de relacionamentos ou combinações de suas combinações. Em geral, todas as questões vêm para solicitar novos detalhes e sua inclusão em uma regra previamente encontrada ou para solicitar uma nova regra para detalhes previamente conhecidos que são recomprados a fim de agregar completude ao software de reconhecimento, e agregar conhecimento ao o reconhecimento e aumentar sua luz visível.

Em primeiro lugar, o homem sente que não só a consciência está pedindo, porque todo o seu ser está pedindo, toda a sua vida e todo o seu ser estão pedindo. Ele sente que a questão parece vir do lado opaco do espelho, do lado da consciência, preso à própria essência da existência global, do mesmo lado em que estamos, por assim dizer, “inclinados para o norte sobre o caos”: no por um lado - a consciência, um mundo revelado, e por outro - um abismo, um mistério eterno, sem fim. Na verdade, não é uma pergunta, porque se existe uma existência mental ela precede qualquer pergunta, cujo reconhecimento lhe

dá a forma de uma pergunta. Ao fazer esta pergunta, o homem se assemelha a esta criança, que vê que tudo o que está com ele se reflete tão lindamente no espelho à sua frente, e quer ver o que está ali, atrás do espelho, onde as coisas refletidas parecem estar lá. Aí, pensa ele, certamente existe tudo isso na perfeição viva e real. E ele vira o espelho - e não há nada ali, apenas um lado completamente opaco. Mas este átomo é o que constitui a própria transparência do espelho, é o que torna o espelho transparente. E talvez seja isso mesmo que se deseja - uma união completa do opaco e do transparente a ponto de constituir a transparência em completa perfeição.

Mais precisamente, a cognição é limitada a formas fixas e permanentes: lugar, tempo, causalidade, etc. A consciência capta o que é familiar como se estivesse impresso. Ela só percebe o que tem um escopo, o que não tem escopo - a eternidade no tempo e a eternidade no lugar - ela só percebe no negativo: a eternidade da expansão (no tempo ou no lugar) na forma de infinito, sem fim, sem limite e a eternidade da redução ou eternidade Não atinge a profundidade na forma de um átomo, ou seja, indivisível, e a eternidade do devir, ou seja, as ações das forças da natureza e da vida, mas na forma de um razão e gira, como se dissesse, na forma de dois estados diferentes, um movendo-se dentro do outro. Ou em outras palavras: em cada devir, em cada ação, a consciência atinge um estado separado, seja na forma de elos de uma cadeia ou na forma de órgãos de uma máquina complexa. A transição de estado para estado, o momento em que a coisa está nos dois estados, quando a coisa parece mover-se para dois lados opostos ao mesmo tempo, como se dissesse a vida que o devir não alcança. Tudo isso é bastante claro e bem conhecido. A consciência não entende como é possível que algo seja infinitamente divisível e vice-versa: como é possível que não seja infinitamente

divisível. e assim por diante. E mesmo as transições fisiológicas (e até psicológicas) na vida de quem conhece seu corpo ela não consegue, por exemplo - a própria transição da vigília para o sono ou do sono para a vigília, etc., etc. Pode-se dizer que ela não consegue nem mesmo as transições psicológicas na vida de quem conhece seu corpo. Em cada estado da alma humana, como se fosse diferente. E não é à toa que disseram: 'Nenhum homem passa pelo seu passado a menos que um espírito de tolice tenha entrado nele', como se ele então tivesse uma atitude diferente em relação a si mesmo e ao mundo inteiro e uma conta diferente. e assim por diante. Escusado será dizer que a consciência não realiza as grandes transições cósmicas, como a transição entre ser e ser, entre matéria e espírito, entre vida e morte, entre um ser ainda cósmico e um ser de vida, e na contagem da vida - entre corpo e alma, entre a consciência e a vida antes da consciência. e assim por diante.

Em suma: toda a força da cognição nada mais é do que um detalhe da vida, isto é, o detalhe daquilo que o “eu” conhecedor vive sem meios em toda a sua perfeição existencial e em toda a sua profundidade essencial. Ao fazer isso, pelo seu poder de quebrar as generalidades da vida, está nas mãos da consciência apreender o julgamento e a vida infinita e também entregá-la parte por parte, como quem distribui uma carga pesada - por exemplo, um grande pedra ou, para maior clareza, o corpo de um animal grande - para que tenha a capacidade de levantá-lo e carregá-lo para aprovar ser seu objeto. Com este poder, ela também une os detalhes em um todo lógico, um todo, - mas para alcançar o tudo mundano e intramundano (como se dissesse: passar a pedra na sua primeira perfeição e no seu primeiro ser; a vida na vida) para alcançar a alma da natureza e da vida, os animais da natureza e da

vida, toda a natureza e a vida não estão em seu poder, senão ela depende de outro poder.

Ou seja: a consciência nada mais é do que uma força redutora e concentradora, semelhante, por exemplo, ao vidro que acende, que reduz e concentra uma quantidade conhecida de linhas de luz solar em um ponto de combustão. E quanto maior a redução, maior o poder de queima, maior a clareza do que vem a ser alcançado pela cognição. Porém, na mesma medida, a própria coisa, o conceito, também é distinto e separado de tudo no mundo, da luz cósmica, da vida cósmica, da mente cósmica.

Tal é o reconhecimento no sentido limitado, e também o é o sentimento fundamental de reconhecimento. Quanto mais o sentimento é limitado, mais profundo ele é, mais concentrado, mais intenso, mas também mais distinto ele é da vida cósmica. E pelo contrário, toda luxúria física, por exemplo, é uma grande redução, mas especialmente a luxúria sexual, é a redução mais profunda de todas as forças vitais do homem (como de toda criatura viva), mas na mesma medida é também a separação mais reduzida de toda a vida humana e cósmica. O oposto disso é, por exemplo, o sentimento de beleza, e ainda mais o sentimento religioso (é claro, o sentimento religioso verdadeiro e supremamente puro), que são a expansão maior, a expansão infinita, mas na mesma medida eles também são menos reais. Eles podem elevar e talvez também excitar, mas não queimar. E você descobre que a beleza artística é mais intensa que a beleza da natureza e, portanto, também mais perceptível e mais compreensível, mas de acordo com a verdade - na mesma medida também difere da glória do mundo, da glória isso é infinito. E o mesmo ocorre com a dor física comparada à tristeza espiritual. e assim por diante.

Seria uma imaginação muito fraca e insuficiente se disséssemos que a consciência na sua forma de perceber a vida e o mundo é semelhante a alguém que vem construir todas as formas de engenharia a partir de linhas retas, que, por mais que queira, divide as linhas nas menores partes possíveis, nunca alcançará precisão absoluta, por exemplo, na construção do círculo, da bola, etc., etc., e junto com isso - para quem deseja fazer uma forma permanente a partir de um líquido fluindo.

Tudo isso leva ao fato de que o “eu” conhecedor, na medida em que conhece, na medida em que sente e pensa, vê no mundo e na vida contradições e contradições infinitas, e vê a si mesmo, na medida em que ele se esforça para reconciliar as contradições, apanhado na mira de uma contradição oculta para uma contradição mais profunda e mais ampla do que a que recentemente foi atingido pela contradição abismal e fundamental, que inclui todas as contradições.

Por um lado, ele vê na natureza uma legalidade absoluta e absolutamente precisa, uma ordem existente que não se desvia do seu caminho, qualquer inclinação do mundo para a eternidade. Ele vê isso em particular na natureza morta, como um todo e em todos os seus detalhes, como a formação dos métodos dos corpos celestes, em seu curso, em sua destruição, nas visões físicas, nas celestiais, etc., etc. ., que tudo ali é visível antes do reconhecimento; Numa tal ordem eterna é impossível ver um ato acidental, cego, sem a luz do reconhecimento, do pensamento, da ideia. Nenhum cérebro no mundo compreenderá e tolerará a legalidade acidental. Legalidade, contradição lógica, dois opostos num só assunto.

E por outro lado, o 'eu' conhecedor vê, vê exclusivamente nas manifestações da vida na natureza

viva, o caos e não as rachaduras, a luz e as trevas são usadas em uma mistura, estranhas coincidências, o gasto de energias infinitas em vão, o criação da vida e a destruição da vida no caos e no pânico, uma guerra cruel, uma cegueira terrível em toda a natureza viva, a guerra do homem contra o homem, nação contra nação, não menos cega, nem menos nem muito mais cruel, terrível no todo o reino da raça humana, a guerra das forças mentais entre si em um homem, nele, no conhecido, em si mesmo, uma guerra, foi a mais difícil para ele de todas, na medida em que é concebível Bland, vazio, na medida em que não pode ser visto iluminado pela luz suprema, a luz do mundo, tristeza, sofrimento, todo tipo de caos, todo tipo de feiúra terrível, cruel, sombria, lançando sombra e sujeira sobre toda a largura do espaço do mundo, e tudo sem medida, sem fim, e o principal – Sem sentido, sem razão e sem cálculo, sem necessidade, sem propósito. Em tudo isto não se devem ver sinais de reconhecimento, intenção deliberada, pensamento, ideia, razão.

É verdade que esta contradição fundamental e abismal deve ser conciliada com o mesmo argumento muito justo do lado da lógica, isto é, novamente do lado da cognição, de que as dimensões da vida e da existência mundana não podem ser estudadas pelas dimensões do homem. , no que é bom ou ruim aos seus olhos ou para ele, bonito ou feio, claro ou escuro, etc. Mas o homem está vivo, busca a vida e pergunta pela vida. A vida, incluindo esse reconhecimento, é plena para ele, e se não apenas de acordo com a sua realização, contradições, que contradizem tudo para ele, porque o que ele tem em tudo menos a vida, não há nada para ele. E que ele tem à sua disposição, em todo o tesouro da alma humana, um método de realização, um método de realização, segundo o qual não haverá

contradições? E se existe ou poderia existir, esta é a questão.

E a dor de tudo isto, o facto de as contradições estarem principalmente precisamente no lugar do reconhecimento, o 'eu' vê-se dividido em duas fissuras que não se juntam e que cada uma entra em contradição consigo mesma: por um lado Por outro lado, o “eu” conhecedor – o reconhecimento – vê-se como conhecedor do Tudo, mas não pode deixar de ver, porque não consegue tudo, porque nem tudo entra nas formas fixas de cognição; E, por outro lado, o “eu” irreconhecível que se apega à própria essência do ser mundano – chame-o de alma ou força vital ou algo semelhante – parece alcançar ou pode alcançar mais do que a consciência alcança (pois se não fosse assim, não haveria lugar para ver, porque há algo que não pode ser apreendido pela consciência). Mas ele não sabe nada, e a partir disso nada pode ser conhecido. E enquanto isso a vida é rápida, para dizer: do jeito errado? A luz fria da realização traz desespero. Na luz fria da realização, fique tão esperto quanto quiser, fique mais forte que puder, emagreça o máximo que puder, se ao menos você não quiser se enganar, não verá mais uma coisa terrível, branda, repulsiva. vazio, extinguindo toda centelha de vida. E a luz que desaparece da alma, daquilo que escapou à consciência, quem sabe se há luz aí? Quem pode decidir alguma coisa sobre os desaparecidos?

E aqui o “eu” interroga-se sobre si mesmo, interroga-se sobre a vida, interroga-se entre os seus dois lados, o transparente e o opaco, entre os seus dois mundos do visível e do invisível: como compreender isto? Como conseguir isso? O principal é como vivê-lo? Um segredo para si mesmo, um segredo para a vida e para o ser, um segredo para sempre! Ou não é segredo? Ou um vazio infinitamente terrível?

E o questionamento ou a questão, tal como surge dos dois sefiros diferentes - o sefior do reconhecimento permanente e o sefior da vida antes do reconhecimento contínuo - e o principal como a reivindicação é viver, pedir a vida, é por sua própria essência de duas caras: 'O quê'? E 'por quê'?

Do lado do reconhecimento, a questão é: 'O quê'? - uma questão sobre a própria essência da existência mundana, mas toda alma humana viva sabe que isso não é o principal, o principal é a questão da vida. A alma vivente pergunta: 'Por quê?' E talvez mais corretamente 'O quê?' e 'por quê?' Num discurso, numa pergunta: O que é 'eu' e porquê 'eu'? O que é a vida – por que a vida? O que é ser - por que é ser?

Escusado será dizer que aqui, neste "porquê", a questão não é sobre um propósito externo. Não haverá nenhum propósito aqui neste sentido. No ser infinito, na generalidade absoluta, não há lugar para um propósito, assim como não há lugar para uma vontade que luta por um propósito, assim como não há lugar para uma razão, pois não há particulares nem apegos. de particularidades. Tudo o que pode ser usado como razão e propósito e tudo o que pode ser desejado, procurado, está dentro do ser absoluto. A questão é sobre o propósito de um papagaio, sobre um ajuste supremo de todos os detalhes ao infinito, de tudo o que é e será em relação ao todo absoluto. A questão é um tanto semelhante – uma semelhança distante, é claro – à questão sobre a finalidade das partes individuais de um organismo vivo em relação ao corpo inteiro. A questão é se existe uma conformidade suprema com o propósito de uma perfeição suprema num ser infinito, se existe uma perfeição suprema, o equilíbrio sobre todos os detalhes, por assim dizer, como a vantagem da vida em que uma criatura vive

pela soma total de todas as partes do seu corpo e de todas as forças nas partes do seu corpo. E, novamente, não há dúvida sobre a moralidade do ser, sobre a justiça global, etc. 'Moralidade', 'justiça', etc. são conceitos do mundo do homem, de um mundo muito limitado em relação à existência infinita. A conformidade suprema, que foi questionada, é superior ao propósito de perfeição suprema no ser infinito, se houver uma perfeição de luz retornando desta luz suprema, pela qual a alma anseia consciente e inconscientemente.

E a pergunta é feita (ou a pergunta é encontrada) na alma de cada pessoa na terra (se não na alma de cada ser vivo?). É perguntado desde o abismo, antes do reconhecimento - o reconhecimento, tal como explicado, vem depois da pergunta e dá-lhe expressão à sua maneira. Eles perguntam tudo. Perguntam de diferentes maneiras e sob diferentes pontos de vista, perguntam com conhecimento de causa e ainda mais sem saber, perguntam os olhos da criança, arregalando os olhos pela primeira vez para ver este grande e terrível mundo. Pergunte aos olhos do moribundo, eles abriram os olhos pela última vez antes de se fecharem para sempre.

E a questão tem muitas facetas, de acordo com o estado de espírito e de vida dos questionadores e de acordo com as suas diferentes realizações. Eles perguntam: O que é a criação global? O que há antes, o que há depois? Qual é a essência do ser? Existe um Deus se não existe? Existe uma opinião no topo? Existe justiça na liderança do mundo? Existe uma vantagem para o homem? A alma humana existe? Uma pessoa tem escolha? Obtendo o equilíbrio? E os iniciantes das filiais também perguntam com caras diferentes. Eles perguntam: O que tem maior probabilidade de libertar, expandir e aprofundar o

espírito humano, de enriquecer e melhorar a vida humana, se a opinião monoteísta, ou panteísta, ou ateísta? Eles perguntam: O que é mais importante em termos do valor da vida, se expandir a vida e aumentar o poder do todo, do kibutz, da sociedade ou aumentar o poder e nutrir o espírito do indivíduo, do indivíduo? e assim por diante.

Mas o ponto central em todas estas questões é: este grande e terrível mundo com esta vida abismal, que "eu" criei e "eu" o vivo e "eu" trago à luz, o que é e por que veio? Se for uma coincidência cega e sombria, um vazio terrível, a ausência de tudo que tenha semelhança com a cognição, com o sentimento, com a inteligência, com o pensamento, com uma ideia, que não há conteúdo nem propósito a ser encontrado em meu vida que viverei, ou uma ideia iluminada e poderosa, infinitamente grande, que posso trazer à luz de acordo com a extensão da minha realização, da minha vontade e da minha força?

A questão é: existe um propósito para a vida e existe uma ideia na vida, que existe morte com eles e existe tristeza e todos os tipos de sofrimento sem fim, e existem mentiras, ódio, maldade, maldade, crueldade, mesquinhez , vileza, feiúra, sujeira, impureza, brandura sem fim? Adianta viver em meio a contrastes e contradições, que dividem a alma como a fenda de Capricórnio, rasgando-a em lágrimas que não se juntam, senão por força de outros contrastes e contradições? Existe um motivo e uma ideia para perseguir incessantemente as aparentes contradições, para alcançá-las e resolvê-las de alguma forma, a fim de encontrar outras, mais profundas abaixo delas, e assim por diante, sem fim? Existe um fundamento universal, iluminado por uma luz suprema para toda esta perseguição, para toda esta vida, para todo este

mundo? E o mais importante, existe a possibilidade de trazer isso à luz?

A questão é: o 'eu' que tenho no meu mundo, mas 'eu', que me vejo na vida desapegado e escondido deste grande mundo, solitário e maravilhado no mundo, tempestuoso por todos os lados e por todas as profundezas como palha de uma eira, - o que tenho realmente eu e este grande mundo com tudo o que nele vive e está presente Nele, o que sou 'eu' para ele e o que ele é para mim? Existe algo que me une na profundidade do meu ser nele como um todo e em todos os seus detalhes, começando pelo homem até todas as coisas vivas e o presente, um relato infinitamente grande e infinitamente profundo, um relato de minha mente e alma , meus pensamentos e meus poemas? Ou tudo isso nada mais é do que uma falsa imaginação, de que “eu” nada mais sou do que uma espécie de palha levada pelo vento de uma eira, e não tenho outras relações com o mundo inteiro, e nenhum outro cálculo além da relação e cálculo de a guerra do universo, e não tenho nada além da vida, que conquistarei, e o mundo, devo criar para mim, seja com base na felicidade material ou com base na glória e majestade ou com base na grandeza e heroísmo e governo? Se não for melhor para mim, um ser humano verme, de vida curta, saciado e irritável, viver meu pequeno e insosso 'Viva como quiser' simplesmente como vivi, de acordo com minha vontade e capacidade, sem qualquer sofisticação insípida e sem qualquer poética falsa e infantil, criando mundos dependentes da Contenção ou menos que da contenção - sabendo do autoengano?

A questão é de outro ponto de vista, em termos do ajuste supremo: por que há tantas trevas, cegueira, contradições, confusão, comoção no mundo, que tem tanta luz, sabedoria, pensamento, poesia, criação? Por

que há tanta tristeza cruel, maldade, ódio, mesquinhez, maldade, brandura, feiúra, impureza num mundo que tem tanta misericórdia, bondade, amor, grandeza, glória, santidade? Por que o governante das mentiras no mundo, cujo fundamento é a verdade? Por que o homem sofre com tudo e por que tudo sofre com o homem? Por que as feras, os animais, os pássaros, os peixes rastejantes, os peixes – tudo o que vive e na medida em que vive – sofrem? Por que há tantas lágrimas no mundo, tantas e em formas tão diferentes e estranhas, que os olhos já estão escuros de vê-las, que o coração está entorpecido de ser sensível? Por que tudo o que vive deve sofrer e causar tristeza, ser vítima da vida dos outros e devorar a vida dos outros? Por que tudo tem que pecar, condenar, se desviar - e carregar sua iniquidade, suportar e suportar? Por que exatamente o homem, que sabe mais do que qualquer ser vivo, sente mais, realiza mais - por que exatamente o homem se torna o predador mais horrível, o parasita mais feio, o pecador mais depravado? Ou pelo contrário: por que exatamente o homem é o predador mais terrível, o parasita mais feio, o pecador mais depravado, por que exatamente o homem conheceu mais do que qualquer ser vivo, sentiu mais, alcançou mais? Por que toda a escuridão junto com a luz, a impureza junto com a verdade, a beleza, a santidade - toda essa dança circular, repetindo-se até a codorna, até o ponto do terror? Por que toda a vida e todo o ser? Por que, por que, por que?.. O que tudo isso significa, para onde tudo isso está me empurrando, 'eu', vivendo tudo isso, envenenado por tudo isso em minha mente e sangue e em todo o meu ser? Será que tudo isto significa que o mundo é o meu mundo e a sua responsabilidade recai sobre mim? Será que tudo isto me impele a participar nesta tristeza mundana, para que eu possa participar na sua poesia abismal, na sua criação infinitamente ignorada? Tudo isto exige que eu renove a minha vida, a vida humana, para expandi-la e

aprofundá-la infinitamente até renovar a face do mundo? Ou será que tudo isto apenas empurra para um abismo de nada absoluto, de desespero absoluto e de negação absoluta da vida? Ou talvez tudo isso não signifique nada, apenas minha imaginação humana, doente de delírios de grandeza, está me enganando?...

Estas são as raízes da pergunta que está sendo feita - em sua essência, em qualquer forma, constrangimento mental, tristeza, vergonha, e às vezes também na forma de admiração sem motivo conhecido - e ela se repete e é feita indefinidamente na mente de tudo .

E a resposta também está instalada na alma de tudo. Filósofos, pensadores de opinião e todos os que têm pensamentos respondem com uma mente clara, todas as religiões do mundo respondem com uma mente obscura, toda a alma humana (se não a alma de todos os seres vivos?) responde sem o conhecimento - porque o a própria resposta é a própria essência da vida.

o. A posição do homem no mundo. A lágrima

Mas, em particular, a questão global torna-se clara em todo o seu alcance e profundidade, quando a olhamos da perspectiva da sua forma primeira e primordial. A questão global encontrou a sua expressão mais enérgica, mais profunda e mais viva na forma da questão sobre a realidade de Deus. Aqui, nesta forma de pergunta, a unidade absoluta da alma humana na alma do mundo e da vida humana na vida do mundo é destacada antes de tudo em toda a sua vitalidade, a ponto de não haver outra fundamento e nenhuma outra pedra de toque para o gosto da vida humana e a luz da

sua vida, bem como para as qualidades mais elevadas do homem, fora desta unidade suprema, Destacou, quanto, pelo contrário, a alma humana se tornou vazia e sua vida é branda, quando estão ausentes desta unidade, quando são arrancados da alma do mundo e da vida do mundo, quão limitados e falsos são todos os fundamentos e pedras de toque para as medidas do homem e suas aspirações mais elevadas, para o gosto da vida e da luz superior, tiradas fora desta unidade, como o benefício, o prazer, etc., etc. E por outro lado, cabe aqui rever numa só revisão a questão global desde o início da sua formação no mundo do homem até ao fim da sua obscuridade.

Como o homem chegou à ideia da realidade da divindade, que fatores psicológicos e externos deram origem e desenvolveram essa ideia entre ele - este não é o ponto principal do nosso assunto. No nosso caso, o principal é a preparação mental, que precede qualquer ideia sobre a palavra de Deus. Para cada ideia religiosa e até para cada emoção religiosa.

A nossa questão, no fundo das coisas, diz respeito à própria origem do “eu” humano. Porque o que é a natureza humana em contraste com outras naturezas animais? - basicamente as mesmas forças internas, mentais e cognitivas que o resto dos vivos só possuíam num desenvolvimento especial e superior, - as mesmas forças, exceto que através de uma abundância especial de vida, nascida das condições de vida, coletivos especiais, mais unidos e mais concentrados, tornaram-se cada vez mais concentrados, cada vez mais concentrados num ponto ardente - no 'eu' humano - que os iluminou na mesma medida cada vez mais com uma luz humana especial e inteligente e lhes deu o mesma qualidade de uma organização superior, que eles chamam de natureza do homem. Não é este o poder do 'eu', que centraliza o

mundo dentro de si, como se de cada ponto e ponto de toda a criação global infinita, que o 'eu' toca, linhas saíssem e se concentrassem nele em um absoluto unidade, num ser iluminado pela sua luz especial. As mesmas forças psicológicas inferiores, que vários pesquisadores consideram como se tivessem dado origem à emoção religiosa, também estão presentes em sua fundação entre os outros animais superiores - e quão longe estão de uma emoção religiosa! Hui diz que no período de formação da natureza humana algo será renovado.

O que será renovado é a nova relação entre o homem e a natureza, que é definitivamente diferente da relação dos outros animais. Esta relação especial nasceu, é preciso pensar, com o falcão quente do pensamento humano, até então a vida humana era semelhante à vida de outros animais, encapsulada na vida da natureza, fluindo onde quer que fluam, subindo e descendo onde quer que subam e outono, e não houve registro perceptível como uma performance especial, como um mundo em si. Somente com o aparecimento da primeira linha de luz do pensamento humano é que apareceu a primeira fissura. que separa a alma humana da alma da criação global como um todo e a vida humana da vida do mundo. A linha de luz apareceu no lugar da fenda e saiu da fenda - fora da separação da consciência da vida da alma antes da consciência - da mesma forma que uma faísca elétrica aparece no lugar da interrupção da corrente e fora de sua interrupção. Afinal, o reconhecimento é antes de tudo uma diferença, uma distância conhecida, o homem começou a conhecer a si mesmo e ao mundo, ou seja, começou a ver a sua imagem no mundo como se fosse um espelho e a ver o mundo na sua imagem, isto é, novamente, ele começou a ver a diferença entre ele e o mundo. Quem está na água não verá a sua visão na água, até que levante a cabeça acima da água, e na

medida em que se levante inteiramente, com todo o corpo, fora da água, na medida em que veja a visão do seu corpo, ele se verá em toda a sua altura. Ou seja, o reconhecimento é uma espécie de especularidade da pessoa, do seu "eu", dirigida contra o que está fora dela, para trazê-lo para dentro dela. E na medida em que a consciência ocupa mais pontos de fora, na medida em que ela se enriquece, se expande e se aprofunda, na medida em que o 'eu' se concentra, se diferencia e se isola mais para si mesmo, como se cada ponto do que chega de fora, separa-o do grande mundo, diferencia-o de si mesmo e ilumina-o para si. Portanto, o homem vê a princípio, antes que sua consciência esteja suficientemente desenvolvida, antes que seu "eu" esteja suficientemente desenvolvido nele, como se, por assim dizer, todo o seu "eu" estivesse naquilo que está fora dele (semelhante ao lado privado, como se ele e todos os outros estivessem na mesma partição com ele, mas que está mais perto dele).

E portanto a pessoa então vê tudo em forma humana, como se tudo vivesse, sentisse, pensasse, agisse como ser humano, o que se chama antropomorfismo, e inversamente, na medida da diferenciação excessiva do 'eu', a pessoa tende ver o mundo inteiro em si mesmo, no seu conhecimento e nas suas realizações, como foi dito acima.

Mais claramente, juntamente com a diferenciação do reconhecimento, veio também a diferenciação da essência da pessoa, o 'eu' começou a ser identificado como uma unidade em si mesmo e a marcar a sua relação com aquilo que não é 'eu'. A planta está ligada ao solo, sua vida está ligada à essência da natureza e nada mais é do que uma espécie de revelação especial da natureza inanimada. E não há espaço para nenhuma atitude. O animal, cuja virtude que o diferencia da planta é o seu movimento livre, carrega de fato vida

própria, e eles são como se entregues à sua disposição, e neles já há espaço para relações conhecidas. Porém, se do lado fisiológico difere da natureza geral, aqui do lado psicológico, do lado da vontade que nele atua inconscientemente, quase mecanicamente, do lado do domínio ilimitado dos instintos, a sua vida não está longe de a vida de uma planta. A virtude do homem, que o distingue de todos os animais, é o movimento psicológico-volitivo e cognitivo-livre, e é como se toda a vida e todo o ser tivessem sido entregues à sua completa disposição, como se todo o ser infinito tivesse sido reduzido e veio para ser revelado ou feito para ser revelado ou poderia ser revelado em sua alma O animal e a venda. É aqui que começa uma relação humana, uma relação entre o infinito em redução, o infinito em profundidade e o infinito em expansão, o infinito em alcance, entre o "eu" humano e o "não-eu" humano.

A partir do curso dessa coisa, que não pode ser retratada sem agitações e choques internos e externos, a alma começou a mover com uma sensação entorpecida a ruptura que se formou entre ela e a alma do mundo, entre a sua vida e a vida do mundo. O homem começou a sentir que é diferente de todos os seres vivos, diferente dos dois aspectos opostos juntos: diferente pelo positivo, pela força (do lado da consciência remanescente, que inventa para ele meios de defesa e de guerra, que nenhum outro animal conhece o exemplo de) e diferente pelo negativo, pela fraqueza (do lado da falta de meios de defesa e da guerra, de que existem outros animais além dos prontos, também do lado do sentimento redundante e das necessidades redundantes) , começou a sentir em si toda capacidade e nada, uma vantagem sobre tudo e inferioridade de tudo (isto deve ser visto em particular na sua admiração pelos animais, plantas, etc.). Por um lado, um sentimento de grandeza e poder, e por outro,

um sentimento de medo, fraqueza, escravidão, orfandade.

Esta fenda que se formou na alma humana desde a sua saída do seu estado animal é ampla e profunda.

Toda criatura viva, exceto o homem, é uma parte da natureza, como um membro de uma criatura absolutamente, absolutamente completa (completa no mesmo sentido, que é tudo e fora da qual não há nada), absolutamente eterna . Como membro de sua criação completa, a criação viva é completa em si mesma, ou pelo menos naturalmente, como parte de uma criação eterna ela é eterna, - eterna, é claro, não na forma temporal, que nada mais é do que uma passagem. combinação na teia de combinações infinitamente mutáveis, mas eterna em todas as suas partes, em todos os seus elementos que existem em todas as combinações. Como membro de uma criação definitivamente única, ela, a criatura viva, está definitivamente unida a todos os outros indivíduos numa vontade suprema e numa realização suprema, isto é, unida por si mesma sem qualquer conhecimento e sem qualquer desejo da sua parte, com todos os indivíduos no mesmo ser global global.

Não é assim o homem, pelo seu conhecimento excessivo, que pode abranger o mundo inteiro, a sua forma é completamente especial, diferente da forma de todos os animais. Esta forma, a forma da raça humana em geral e a forma de cada indivíduo que carrega dentro de si um mundo e sua totalidade, é um mundo especial e distinto para si mesmo e está ao norte dele, pois é ela mesma uma reivindicação de existência absoluta, uma afirmação que é repetida continuamente em cada detalhe. Conseqüentemente - uma aspiração por dois lados opostos ao mesmo tempo: por um lado, uma aspiração consciente e aberta pela singularidade

absoluta , pela redução absoluta - e portanto sua eternidade - da forma privada, e por outro lado - uma aspiração psíquica , desaparecido e obscurecido, para a união completa com o mundo inteiro como um todo e em todos os seus detalhes. Com isso, o homem é antes de tudo dilacerado dentro de si mesmo , arrancado da perfeição da existência mundana, arrancado da unidade. A compreensão que elevou o homem das humilhações da sua condição animal, que o dotou de um arbítrio aparentemente livre (em qualquer caso, livre aproximadamente à vontade dos outros animais), que o iluminou para a vida, o mundo e a sua plenitude, que conquistou o face de novos mundos, - a mesma constatação trouxe o fato de que o homem é escravizado Muito mais do que todos os outros animais, ele é escravizado antes de tudo à sua própria luxúria (incluindo o desejo de governar os outros), escravizado aos seus semelhantes , à sociedade humana, escravizada também à natureza, que ele afirma controlar, e antes de tudo à pequena e limitada natureza humana. E então você vê, porque a vida humana é na verdade, se medida em um nível cósmico mais elevado, muito mais limitada, difícil, sombria, mas especialmente muito mais feia e poluída do que a vida de todos os outros animais, - porque eles estão aprisionados no mundo limitado do homem, porque estão dilacerados, escondidos e selados da vida eterna.

Tal é a ruptura entre o homem e a natureza, tal como veio à tona até hoje e, portanto, deve-se pensar, foi ignorada no início de sua formação na alma do homem primitivo no exame do ser pela força ou no exame de um embrião no útero de sua mãe. Havia, é preciso pensar, que sensação sombria, oclusa, aterrorizante em sua escuridão, em sua imprecisão, que sensação de estar infinitamente distante daquilo que deveria estar próximo e unido à alma e que você não está

compreendendo isso. A miserável alma humana começou, por assim dizer, a ver-se fora das brumas do seu abismo, como se fosse um átomo arrancado do grande mundo, um grão de poeira sacudido por uma mão desapareceu no espaço de um mundo, um órgão infinitamente pequeno e esgotado de uma criação global infinitamente grande, e começou a se perguntar sobre si mesmo sem saber o quê, a cambalear e a aspirar sem saber o que e a perguntar sem saber o quê.

A evidência e o esclarecimento de tudo isso podem ser encontrados na mesma lenda, repetida inúmeras vezes entre todos os povos antigos em diferentes formas, que conta em diferentes imagens, que primeiro, no início de sua criação, o homem caminhou com Deus e então, depois de ter comido da árvore do conhecimento (ou depois de ter obtido conhecimento de alguma forma), ele foi atormentado. Ele é banido de seu mundo do Éden, e amaldiçoado será ele e tudo o que lhe pertence, e a terra será também será desarraigado por causa dele.

e. A origem da religião antiga. Religião e nacionalidade

É assim que se deve pensar, formou-se na alma humana o pano de fundo para o crescimento da religião, o mesmo sentimento de alienação e orfandade cósmica com o desejo oculto de sarar novamente a fenda, de aderir ao mundo inteiro, que preparou o base para a questão global, cuja primeira manifestação, antes de todo reconhecimento, foi a religião. Foi assim que se criou a virtude da natureza humana, que serviu de espécie de substrato para a emoção religiosa, que os fatores reais puseram em ação de forma real, na

forma de uma religião que incluía em si, antes de tudo, tudo o que o homem poderia então obter da vida e do mundo. Tanto naquele antigo estado de formação da natureza humana, como no estado dos selvagens conhecidos em nosso tempo, que não está longe desse antigo estado, o homem não tem assuntos humanos, exceto os assuntos religiosos. Tudo o que o homem vive então como pessoa, tudo o que ele sente, pensa, questiona é religião. Tudo na alma - religião: um desejo silencioso e abissal, união com toda a existência mundana e todas as suas manifestações, e tudo na natureza - Deus: poderoso, iluminado, maravilhoso, influenciando a vida - e terrível, visível - desaparecendo, próximo - e infinitamente longe, não mais, mas até mesmo. As necessidades animais parecem estar vestidas com um manto de religião (a santificação da comida pelo sacrifício de uma porção conhecida aos ídolos, a santificação das relações sexuais pelo acasalamento em prol da religião). A natureza humana ainda é nova, e o mundo é novo para o homem, e tudo o que o homem conhece do mundo que ele vive ou alcança é uma conquista mais vital do que a cognição humana que ele conhece. A mente humana parece ainda estar no horizonte, principalmente a imaginação humana funciona na pessoa, é o falcão da mente ou o retorno da luz da mente. O mundo ainda está cheio de segredo e mistério - por um lado, do lado das realizações mentais e vitais; E por outro lado, do lado da realização cognitiva, tudo é simples, claro, na medida em que ainda não há luz suficiente para uma observação informada e focada e uma distinção precisa, e não há espaço para dúvidas, esta é a elemento vibrante da cognição humana, que desperta para a ação o poder de julgar, o pensamento agrimensor e pesquisador. O intelecto parece operar apenas ação reflexiva, mas toda ação reflexiva, mas não ação lógica intencional. Aos olhos do homem, tudo é visível e invisível, certo, sólido - e ao mesmo tempo

suscita a dúvida, o questionamento mental, que é como uma transição da certeza essencial para a dúvida cognitiva, mas não a própria dúvida cognitiva, racional.

O primeiro homem não conhece a dúvida conscientemente, a partir de um pensamento pensante, a dúvida em assuntos abstratos, porque ainda não aprendeu o trabalho da abstração lógica e não conhece as contradições lógicas. Em sua alma vive a certeza vital, a certeza da vida, que precede a dúvida cognitiva, assim como a polpa precede o fermento, que nela dá origem à fermentação. Ele não pergunta: Existe um Deus se não existe nenhum? Ele nem sabe fazer tal pergunta, pois não há mais espaço em sua mente para conceitos sobre realidade e não-realidade ou ser e não-ser. Ele nem sequer imagina a não-realidade, o não-ser em parte alguma, e não tem nenhum conceito de "realidade", de "ser" num sentido lógico. Não há nada diante dele senão o que seus olhos veem, o que seus ouvidos ouvem - o que ele vive, e quando ele vê, por exemplo, um dos familiares morto e seu corpo apodrecendo, simplesmente em seus olhos o propósito dos ataques , justamente porque não tem ideia do não-ser, porque a partir de agora o morto vive se viver Outros, o que vive, o que vive sem corpo, 'espiritual', ou em outro corpo, em algum outro lugar. E assim, quando ele vê, por exemplo, o céu às vezes brilhante e refrescando seu coração e às vezes sombrio e dando origem a um espírito sombrio nele, ou quando ele vê o sol às vezes lhe dá luz e aquece e faz cada planta crescer e às vezes queima sua carne e seca e queima todas as plantas, ou quando ele vê o vento às vezes lhe traz vida e bênção e às vezes maldição e morte. E assim por diante, - novamente aos seus olhos o propósito dos ataques é simples, sem qualquer dúvida ou pensamento, porque todos esses são objetos vivos como ele, com consciência e vontade como ele, exceto que são incomensuravelmente maiores e mais fortes

do que ele e mais sublime do que ele e pode fazer o que não pode. A partir daqui não está longe de conjecturar com as conjecturas, que no decorrer do desenvolvimento e de uma longa cadeia dessas pinturas imaginárias, o conceito de desaparecimento de objetos espirituais nasceu na mente humana, começando talvez na forma de todos os tipos de espíritos e demônios, bons e maus, e finalmente na forma de Deus, que não difere de fato por uma diferença completa do homem, estando presente Real como ele, com desejos e inclinações humanas como ele, e também próximo dele e participando com ele em suas tramas e fantasias, como ele quer ou como lhe agrada, exceto que elas são superiores a ele, como ele é, por exemplo, o pai da família ou o chefe da tribo, superior à sua família ou à sua tribo.

A questão começa com ele a partir do relacionamento – do relacionamento entre ele e os ídolos e entre os vários ídolos e eles próprios. Aqui ele vê pela primeira vez que seu caminho com os ídolos nem sempre é bem-sucedido e que as relações dos vários ídolos entre si nem sempre são como ele pintou para ele. Aqui surgem e surgem contradições diante dele em relação à essência de sua vida, nasce uma questão de vida: como se aproximar dos ídolos, para que eles lhe afetem o máximo de bem? Como fazer a paz entre si, para que as lutas e guerras entre si não obscureçam o seu mundo? Porque ele vê nos ídolos não apenas ajudantes como poderosos em sua guerra pela sua existência, mas também se eles são pais e que são irmãos mais velhos bons e misericordiosos, que encorajam seu espírito e tornam a vida agradável para ele, é claro, se quiserem. ele, se ele merece, e se o ódio e o ciúme e as guerras entre eles Eles próprios não são a causa, porque de um lado pelo desejo de vingança do outro lado ou de provocá-lo, sua raiva pode estar em

ele, no amor do outro lado, e ele traria sobre ele todos os tipos de caos e vergonha.

Aqui você vê em imagens vívidas o surgimento de seu mundo espiritual a partir de seu mundo real, a aspiração visível de sua forma privada pela singularidade, por uma existência limitada e o anseio de sua alma que desapareceu pela união com a criação e todas as suas manifestações e a agitação em sua alma e mente, nascido da colisão desses dois. Religião - ou o sentimento abismal diante da religião, o sentimento de união da alma humana com a alma do mundo como se viesse ensinar o filho varão a pensar e sentir humanamente, a aprender o trabalho de abstração, elaboração e lógica e também calibração supostamente emocional, para aprender à sua maneira, não com desenhos da vida e da natureza, mas se Na vida real e na natureza, sem meios. Não há meios aqui e nenhum aprendizado visível. O homem parece aprender aqui, antes de tudo, o conhecimento de conhecer a si mesmo, antes de tudo, o conhecimento da arte da abstração, do detalhamento e da calibração de seu poder como parte de um detalhe maior e como detalhe do todo abrangente. Ou seja, a pessoa aprende antes de tudo o início da mente de conhecer o 'eu'. O 'eu' como um mundo em si, como parte do 'eu' do kibutz (tribal, nacional, principalmente - nacional), que é como uma transição do 'eu' para o 'não-eu'. Quanto mais cresce, se expande e se aprofunda a relação com tudo o que toca, mais se torna qualificado para criar o conceito lógico e a emoção, para pensar em conceitos, para pensar logicamente e para sentir com distinção, para se sentir humano. Entende-se que as necessidades se multiplicam e as relações se expandem e se aprofundam na medida em que o kibutz se multiplica e cola um vínculo sustentável, e o seu poder vital é aumentado por isso, ou seja, que a ligação entre os indivíduos é orgânica, conexão essencial, que

transforma todos os indivíduos em um corpo vivo do kibutz, como uma criatura viva em si mesma, reproduzindo-se no segundo nível, superior. Este é o poder da nação. E nisto, a virtude dos indivíduos da humanidade se unirem em kibutzim orgânicos vivos, em corpos vivos superiores, esta é talvez a base de todo o poder do homem para se desenvolver e crescer numa extensão que não é possível no resto da vida animal. mundo, que não tem esta virtude desde o início de sua criação ou não tem condições para o desenvolvimento superior desta aspiração de se unir em uma criação orgânica, viva, superior

Todo o fato desta criação mental deve ser visto mais em termos das buscas, explorações e confusões da religião, de acordo com o que ela não soube pedir, do que de acordo com o que ela pediu e encontrou naquele momento. Aqui a nação está surgindo e tudo é baseado na religião ou com a participação da religião. O lugar que a religião ocupa na formação da nação é tão amplo e profundo que não se pode imaginar a formação de uma nação viva e independente sem a formação de uma religião nacional; e vice-versa. Não se deve pintar a formação de uma religião – uma formação primitiva, claro, e não de outra religião – sem a formação de uma nação. De qualquer forma, vemos que na medida em que o kibutz humano foi mais longe e se expandiu e se diferenciou e se uniu e se organizou - da família para a comunidade, a tribo, a nação, na medida em que a religião foi e assumiu uma forma mais bonita , mais informada, mais esclarecida - do individual, o limitado, o real ao mais geral, o mais abrangente, o mais espiritual, e vice-versa, de acordo com o desenvolvimento da religião, o kibutz humano também se desenvolveu, - a ação repete.

A princípio, o mundo emergente do homem parece estar preso no lugar. A natureza disto exige que, antes

de mais nada, o lugar desperte a pessoa, que o grupo de pessoas, do qual ele é um dos membros, uma família ou várias famílias em forma de comunidade e similares, esteja ali e viva ali, com tudo o que há de mais importante naquele lugar. O homem trabalha o céu e a terra, o sol e a lua, o animal e as aves, a madeira e a pedra locais. Funciona em especial os espíritos dos antepassados e de outros parentes falecidos, e assim por diante. O principal é que os ídolos, que são adorados num grupo, num só lugar, sejam considerados por todos como deuses, próximos de cada membro do grupo, e que influenciam o grupo ou são inconscientemente sentidos na alma do grupo como um totalidade única, unindo todos os membros do grupo entre si e com sua própria natureza em uma totalidade viva. Isso - porque aqui atua principalmente o sentimento de união - é especialmente revelado em um feriado para os membros do grupo - ou na oferta de sacrifícios, que também são considerados uma festa de feriado - em que todos os membros do grupo participam juntos com os ídolos - ou com o ídolo, a quem eles sacrificam, cuja alegria e entusiasmo são infinitamente grandes.

E do grupo - para a tribo, e da tribo - para a nação. Em tal situação, quando os grupos se unem em uma tribo, todos os ídolos ou os mais importantes deles em todos os grupos se unem em uma associação, que é adorada por toda a tribo e une toda a tribo. E a mesma coisa e ainda mais do que isso, quando as tribos se unem numa nação (a unificação também pode ocorrer até certo ponto através de guerras e conquistas, apenas sob uma condição, que os conquistadores e os conquistados não sejam, de acordo com as suas características, tão distantes um do outro que não podem se fundir em uma família). Nesta última situação, quando a nação é criada, um ídolo ou um par de ídolos, um homem e uma mulher (sobre a maior

parte do céu e da terra ou do sol e da lua) eleva-se acima de todos os outros ídolos, a quem , ao ídolo escolhido ou ao casal escolhido - o governo é dado a todos os outros ídolos e, em qualquer caso, a todo o povo da nação. Aqui se destaca o desejo de refinar a divindade e de aumentar a união do povo da nação com a natureza, desde o seu lugar até uma perfeição viva. Na medida em que os seres humanos gradualmente se unem em um corpo e em uma alma vivente, em uma nação, na medida em que os deuses principais diminuem e se unem em uma associação, cuja essência se aproxima da essência de um objeto em diferentes graus; Até que ponto o conceito segue a palavra de Deus - pelo menos nas almas mais sensíveis e pensantes - e despoja-se da sua forma bruta e física e assume uma forma espiritual cada vez mais refinada, unificada, geral. E na medida em que a divindade se aproxima da unidade absoluta, na medida em que seu poder aumenta para unir seus servos em uma totalidade, e antes de tudo - para unir o homem dentro de si mesmo, como se apegando-se a uma única divindade, que é tudo, eterno e responsável por todos, foi-lhe dada a oportunidade de recuperar a união com Tudo no mundo e com a eternidade, que lhe foi perdida quando saiu do estado animal e de encontrar uma base para se sentir responsável por si mesmo, pela sua vida e pela sua mundo.

É assim que se forma, é preciso pensar, a nação viva, a grande família, ou seja, se forma a alma da nação, mas nem todo, aparentemente, se forma o reino, que conquista e escraviza e engole diferentes nações, com características nacionais, que não combinam bem. Os deuses também se unem aqui, mas, se é preciso dizer, uma união política e não uma união cósmica. A evidência é a religião da Roma Antiga e, em geral, as religiões de todos os antigos povos conquistadores.

No entanto, a união suprema entre uma pessoa e ela mesma, entre uma pessoa e os seus semelhantes da sua nação, entre uma nação e os seus semelhantes, e a partir desta - entre os membros das diferentes nações, e, portanto, entre o homem e a natureza com tudo o que vive e existe nele e a partir de tudo isso - a religião só alcança a responsabilidade suprema quando atinge a conquista Um deus único e absolutamente único, definitivamente desaparecido, só uma religião, que atingiu ou pode atingir um nível de realização tão elevado, pode alcançar ideias como: 'ame o seu próximo como a si mesmo', 'uma nação não levantará a espada contra outra nação', 'e um lobo habita com um cordeiro', 'porque plena A terra viu o Senhor como as águas que cobrem o mar ', e de outro ponto de vista, em termos de responsabilidade: 'Sede santos, porque eu sou o Senhor vosso Deus.'

G. A mente que desaparece ⚭

E isto é compreensível, o mundo do homem está baseado no seu “eu”. Do lado da consciência, este mundo parece aderir ao grande mundo do seu lado visível, como se todos esses pontos do mundo traçassem linhas para o 'eu' que os une em uma totalidade. Através disso, o mundo do homem é encontrado inteiro e unido ao grande mundo pelo seu lado visível. Porém, o “eu” do homem ainda não está completo com isso, o “eu” se vê do seu lado desconhecido aderindo ao mundo por um lado e é o principal - do seu lado que desaparece, do lado do próprio ser, e busca um ponto central deste lado também, do seu lado inatingível, que de todos esses pontos do mundo também haja linhas saindo e se concentrando e se unindo no ponto central do grande

mundo a partir do seu próprio lado, do seu lado desaparecido, e que ele, o ponto central do grande mundo, será mais uma vez colado e unido em completa união com o eu humano do seu lado desconhecido, voltado para a própria essência do ser, que será, como por assim dizer, o grande mundo. E o mundo do homem está unido no 'eu' em uma perfeição absoluta. E o 'eu' estava completo, e o mundo do homem estava completo em todos os lados e em todas as profundezas. É claro que este ponto global só pode ser um ponto de unidade absoluta, que não tem percepção alguma, uma espécie de ponto de engenharia, mas, se assim posso dizer, um ponto de engenharia vivo, para o 'eu' desconhecido, vindo de a própria vida, da vida anterior à Consciência alcança apenas a vida. Portanto - é todo o direito da alma vivente pedir a um Deus vivo que é certamente único e especial, cujo intelecto desaparece de qualquer ideia, mas uma personalidade, uma 'vertical' suprema: 'minha alma tem sede de Deus - de uma vida Deus'.

É compreensível, porque do ponto de vista do puro reconhecimento , esse anseio mental não deveria receber tal expressão. Afinal, 'eu' é um conceito do mundo da consciência, uma redução, uma coisa limitada; O 'eu' é definido pelo 'não-eu' e só pode existir onde existe um 'não-eu'. Na essência do ser, no ser absoluto e infinito, não existe “não-eu”, absolutamente tudo está aí e não há lugar para o “eu”. O 'eu' e o 'não-eu' não são ambos juntos, mas as manifestações daquele que é procurado e desaparece, a quem a alma buscadora chama de essência do ser, Deus. Em geral, quando você diz: o intelecto desaparece de todas as ideias, você o está tirando do domínio da cognição, você está dizendo que a cognição não tem percepção dele e não tem objeto ou conceito para ela, e não deve ser educada no intelecto da cognição nem falar dele na linguagem da cognição.

Conseqüentemente - novamente uma contradição. Sem a luz visível da consciência, a alma não tem meios de trazer à luz ou aumentar a sua luz invisível. A consciência não tem nada em seu mundo senão o que ela traz à luz, seu mundo visível é bastante completo para ela, sem ter que pedir reservas no mundo invisível da alma. E pelo contrário, assumindo um mundo desaparecido, ela vê segundos, e se ao fazê-lo uma brecha conhecida emerge no seu corpo, então ela procura um meio de fechar a brecha, limitando os seus próprios domínios e trazendo à luz, porque todos os as contradições nela provêm apenas da Imprudência, do fato de que ela pode, se for preciso dizê-lo, pela força da inércia sair de seu domínio. E como o visível é mais claro e mais real que o invisível, então também é mais firme que ele, o conhecimento é mais firme que a alma vivente, pois possui todo o poder de prova, toda lógica, e usa-o de acordo com seu próprio caminho. Em vez de pedir formas de colmatar a ruptura humano-global, ela isola-se e fortalece-se cada vez mais nos seus muros secos e alarga e aprofunda a fenda de tal forma que se forma um abismo, cujo fim não pode ser visto, como se não houvesse realmente nada no mundo humano além desta enumeração da consciência. E ao invés de usar a luz visível, para aumentar a luz invisível da alma, ela, a consciência, busca e encontra formas de provar seu direito ao governo absolutamente exclusivo e cortar um rim sobre a luz invisível da alma. E nada mais do que isso obriga o miserável, a alma vivente, a contentar-se com o canto obscuro, que, a consciência, lhe atribui o limite da fronteira do seu governo, no limite da fronteira conhecida, e a cumprir daí suas necessidades, suas aspirações e suas demandas, permitindo-lhe divertir-se com imaginações e sonhos do invisível e de tudo o que há de bom e belo diante dela na contagem da poesia e da arte.

Mas a alma vivente não é um dispositivo que o criador possa dirigir de acordo com sua boa sabedoria. E se você tem uma alma viva dentro de você, não se beneficiará de nenhuma sabedoria, porque a alma viva é muito exigente com todos os devedores, ela se sente órfã em um mundo de infinito, em meio a contradições e contradições que não podem ser exploradas , quando não há nada, ele vê uma conexão interna, uma conexão de vida entre isso e o nada-fim. Ela se sente balançada pela funda, quando não vê, porque o espírito que a carrega, a anima, os seus próprios ossos são um espírito do alto, um espírito de vida eterna. Ela pede vida à imagem de Deus e pergunta: Existe Deus se não existe? E responde o que ela responde. Ela, como mencionado, tem permissão para perguntar assim e responder assim. A alma vive e fala a linguagem da vida, e sua linguagem é estruturada, ou seja, sentida.

E assim, segundo o persistente e problemático Leveti da alma, a consciência finalmente se vê forçada, pelo menos em episódios conhecidos, a se perguntar: o que faz esse desgraçado, que não sabe perguntar ou que sabe demais para perguntar, quem é chamada alma, quer? E aqui está, a consciência pura, vem e coloca a mesma questão da mesma forma que a alma pergunta, e pede uma resposta à sua maneira, - e, claro, fica enredada nas teias de aranha da metafísica ou encontra uma resposta que é exatamente o oposto do que a alma pede.

Mas a questão é antes de mais nada, se o reconhecimento vem discutir o que está ao seu alcance, não será menos cuidadoso quando se trata de discutir o que está fora do seu alcance? Afinal de contas, a cognição pura está perguntando aqui sobre uma coisa que está além do seu alcance, sobre uma coisa que está além do seu alcance, sobre uma coisa que não está de forma alguma dentro do escopo de sua

realização, e uma coisa que não está dentro do alcance do seu alcance. âmbito da sua realização, porque também no seu modo de ser, considerando o seu ser, não está no âmbito do ter e de modo algum.

A consciência é a ferramenta de conquista, com a qual o homem alcança o lado visível do ser. Mas a questão é: tudo o que uma pessoa alcança com o seu conhecimento é tudo o que há no mundo para alcançar, ou há algo no mundo que o conhecimento não compreende, como vimos no verdadeiro “eu” conhecedor de seu lado desconhecido? Mas aqui novamente uma questão: se 'há', então a consciência o apreende, já que o próprio conceito de 'há' 'presente' é o produto da consciência, e tudo o que entra neste conceito, está necessariamente no limite de consciência? Afinal, 'existe', 'presente', isto significa: existe no lugar e no tempo e em outras formas de reconhecimento, caso contrário o conceito de 'existe' ou 'presente' não será de todo compreendido. E se não for 'lá', o que resta a alcançar? Hoh diz: A questão está aqui: se a cognição humana é o único modo de realização que deve ser esclarecido no mundo, ou talvez outro modo de realização será esclarecido, uma realização que não se baseia nas formas limitadas de cognição? E como corolário disso: o tem que ser educado foi, que não se enquadra nas formas de realização da cognição limitada 'é' e 'não é', assim como não se enquadra nas formas de lugar e tempo, etc.?

Quando a consciência pura pergunta por algo que não está ao seu alcance, se existe ou não, então neste mesmo corpo ela a inclui na totalidade das coisas que pode alcançar, ou seja, pede um absurdo. Daí a conhecida antinomia, a contradição, que está ligada à própria essência da cognição, à sua própria capacidade de prova em relação à questão da realidade

de Deus e do seu oposto. Esta contradição apenas prova que a forma da questão é absurda, mas não a questão em si. A contradição está nos conceitos 'é' e 'não é', que acompanham a questão sobre o que não está no âmbito de existe e não existe regra. Naquilo que negam a Deus os títulos, naquilo que dizem: há um absoluto, um ser absoluto, um absoluto ou mesmo um objeto quando é para si, nada se salva. Isto apenas indica que a coisa em si não é um conceito para a cognição, mas não que o seu modo de ser não esteja de forma alguma na cerca entre existe e não existe. Pelo contrário, aqui se enfatiza que a coisa existe definitivamente, como se quisessem incluí-la na cerca da conquista do reconhecimento. E mesmo quando dizem: o ‘infinito’ é em termos de ‘nada’, não há muito benefício nisso. Por um lado, o conceito de “não”, mesmo que apenas a título de empréstimo, engana demasiado, porque aqui não se trata de um conceito abstrato, mas sim do que está presente, apenas não de forma conceptual ao nosso conhecimento. E, por outro lado, exclui menos do que suficiente, ou seja, não exclui definitivamente este modo de ser do modo de obter reconhecimento, pois mesmo o “nada”, tal como o entendemos, ainda cai no âmbito do formas de reconhecimento, ainda que de forma negativa. Atraímos o “nada” para nós na forma de um lugar vazio de tudo, na forma de uma espécie de vazio. Negamos o que obtemos como tendo, e o que resta aos nossos olhos é nada, zero (o zero absoluto não é apreendido por nós, nem sequer temos um nome ou pensamento para ele, porque mesmo o conceito abstrato ainda não é absoluto zero. O zero absoluto é compreendido por nós menos que o ser absoluto).

Deveria antes de tudo ficar absolutamente claro o que o reconhecimento puro procura alcançar, na pergunta a Deus, e a partir disso já fica claro como colocar a questão corretamente.

Da posição da consciência como mediadora e do seu papel na teoria como mediadora entre a vida mental antes da consciência e a vida real depois da consciência e, por outro lado - entre o grande mundo antes da consciência e o mundo do homem depois da consciência - de tudo isso emerge que o que a consciência pergunta, numa pergunta a Deus, Ela é um ponto que ilumina para ela, para reconhecimento, para si mesma e para ambas as partes, que ela faz a mediação entre elas, como uma só. Por um lado, a alma. Para que a alma viva uma vida desde a sua origem sem meios em toda a sua plenitude, é necessário que o ponto de união seja iluminado pela luz da consciência, para que a consciência não volte a ir para o lado oposto da aspiração da alma , puxe-o depois e assim renove a fenda. E por outro lado, na medida em que a consciência pura participa da vida real e prática do homem, ela precisa de um ponto iluminador à sua frente, para o qual possa dirigir o caminho da vida e nivelar todos os passos do homem desta forma. , precisa de um critério seguro, para ter a capacidade de medir por ele cada medida e medida, cada ato e ação, sejam eles adequados para seu certificado ou não, se isso deve ajudar no seu cumprimento, ou pelo menos não interferir, ou melhor, interferir. E tudo isso no mesmo ponto, que é necessário para o auto-reconhecimento na sua contagem, para que a sua realização cognitiva seja iluminada por uma luz suprema, para que não haja separação entre o que pode estar preso, - para que o intelectual o pensamento será mais uma vez um com o pensamento intuitivo e criativo.

A consciência pura procura, se é que assim deve ser explicada, uma espécie de ponto de engenharia, que não tem percepção alguma, pergunta sobre a fundação de um mundo, sobre a fundação de tudo o que conhece

e entende, se é uma fundação mental ou um fundamento cego, pergunta: o mesmo ser que consigo no seu lado visível, tem a qualidade de uma criação informada, deliberada e sabiamente dirigida ou não? E como de dentro de si mesma, de dentro de suas formas e leis limitadas, a consciência não pode fazer um julgamento sobre isso, ela pergunta: talvez seja possível que desapareça algum tipo de mente, que consegue o que não consegue, age de uma maneira que não é compreendido por ele e se relaciona com tudo o que conhece e alcança uma relação que não é compreendido por ele, uma mente. Essa realidade nada mais é do que uma consequência visível de sua ação invisível? De certa forma que o mundo e a vida são de facto uma ideia grande, iluminada e poderosa, mas ela só o consegue de um lado, da sua aparência, da sua privacidade, e não de si mesma, da sua generalidade, e portanto de tantos contrastes e contradições. Vimos acima dos limites do reconhecimento, vimos, por exemplo, que a vida em transição não chega até ele. Há, portanto, razões para pensar que o nosso conhecimento nada mais é do que um dos métodos de realização através dos quais o mundo pode ser compreendido. Isto significa: a questão sobre uma coisa que desapareceu, sobre uma forma de alcançá-la é definitivamente diferente da conquista do reconhecimento, quando é por si mesma é muito lógica.

O que provoca um dilema lógico é a possibilidade da realidade e do modo de realidade da mente que desaparece. A consciência não tem o poder de educar a realidade senão na mesma forma em que educa a realidade: na forma de uma coisa presente num lugar, de um verbo no tempo, etc. E como você pode assumir a realidade de algo que não tem nenhuma percepção disso, que não tem relação com lugar, tempo e nada parecido com isso? Contudo, por outro lado, a

cognição não é salva deste dilema lógico, mesmo pela expiação com o intelecto em extinção. De qualquer forma, mesmo na expiação da mente perdida, ela é forçada a assumir um fundamento cósmico que lhe é inatingível, que desapareceu dela, apenas não um fundamento intelectual, mas um fundamento cego. E novamente uma pergunta: É uma vontade cega, agindo inconscientemente, sem qualquer inteligência, pensamento, ideia, aquilo sobre o qual nenhuma inteligência ou sabedoria agirá, e cria aquilo que nenhum pensamento e nenhuma intenção intencional criará, ou existem forças cegas ou movimento cego, agindo cegamente, fortuitamente, sem interrupção, sem fim e sem objetivo, até que finalmente cheguem à legalidade e à criação da vida e do reconhecimento, - será tudo isso mais um conceito de reconhecimento, menos desaparecimento dele? do que uma mente desaparecendo? Não permanece aqui também no seu primeiro efeito racionalizado, porque aquilo que não é apreendido pelo conhecimento também na forma de ser não é apreendido por ele? A regra prática: o reconhecimento entre isto e aquilo pressupõe um fundamento cósmico desaparecido, e não há outro caminho antes dele, exceto que, em última instância, ele desiste de sua racionalidade e alcança o absurdo, nem a realidade nem a lógica.

É claro que o reconhecimento da questão da fundação do mundo deve, em todos os sentidos, interrogar-se sobre um outro modo de ser, definitivamente diferente do modo de ser da realidade que compreendemos. Por outro lado, é claro que na questão da mente invisível; Para Deus, ela pergunta principalmente não sobre a sua realidade, mas sobre a sua possibilidade lógica: a realidade não tem poder senão obrigar e não excluir, - só tem o poder de obrigar uma possibilidade lógica. Ela pergunta não com o propósito de descobrir a realidade dele - o que para ela é impossível - mas com o

propósito de descobrir o que gira a inteligência dele na realidade que ela percebe, no mundo e na vida, não com o propósito de descobrir a raiz desaparecida de a árvore quando é por si mesma, mas com o propósito de descobrir a mesma virtude que a árvore tem e que se revela pelo fato de ter uma raiz. Encontraremos uma. Afinal, quando decidimos que o mundo se comporta com sabedoria e sabedoria de qualquer ponto de vista, vemos a nós mesmos e às nossas vidas como dignos de pedir alguma luz suprema, alguma abundância suprema, que não podemos encontrar e não temos ideia de pedir, assumindo uma base cega. O cerne da questão não é, portanto: 'Existe uma mente (ou Deus) que desaparece?', mas sim 'cuja sabedoria é uma mente (ou Deus) que desaparece?' Porém, para a completude lógica da questão, isto é, em termos da necessidade de enganar, porque aqui não se trata de um conceito abstrato, mas de uma coisa presente, apenas de um ser não realizado, e para escapar de uma confusão de conceitos, que é, como vimos, neste lugar, misturando o conceito deste ser com o conceito do ser de A realidade é, você tem que pedir uma expressão diferente e especial para a pergunta.

Tudo o que é explicado aqui parece dizer que falta aqui algum elo, falta algum conceito, que em todo caso não tem um nome apropriado na linguagem, um conceito que precisa ser criado. Existe um conceito para uma coisa, que não está no âmbito do nosso conhecimento, - que é pronunciado com o acento 'coisa-alguma coisa' ou a palavra 'o que' apenas, ou onde não há outros acentos, limitado como em o caso da 'mente desaparecida' de Didan, 'Deus' e assim por diante. Mas para seus títulos, que também não estão no alcance do nosso conhecimento, não há ideia. Há uma ideia para o tema, mas não há ideia para o casamento dele. Pessoas casadas são usadas emprestadas do mundo real, e isso inevitavelmente cria uma confusão de

conceitos. Talvez para tanto seja permitido construir um verbo a partir do substantivo 'o que' na forma 'o que', cuja instrução será - sendo de uma forma que não entendemos, pois não está no âmbito de 'é' , mas também não está no âmbito do ‘não é’, pois corresponde àquilo que não está ao alcance do nosso conhecimento. Desta forma, a forma da expressão desejada para a questão que temos diante de nós será: 'Qual é a mente que desapareceu?' Ou 'Quem conhece a Deus?', entenda-se também - a sabedoria? - também - é, o presente? - mas por ser inatingível para nós. Nada mais pode a consciência pura pedir. Como existe essa mente em extinção? Está fora da natureza revelada ou dentro da natureza revelada? Ou talvez seja a mesma natureza revelada, só que não do lado das manifestações do ser e nem mesmo do lado do próprio ser, como o entendemos, mas sim do lado do conteúdo, se for necessário explicá-lo dessa forma, profundamente longe de todo ser, longe de todo ser? Ele criou o mundo ou a sua existência exige a existência do mundo? Qual será a sua proteção para o mundo, para a vida, para o homem? etc., etc., - todas essas questões não têm lugar depois da primeira e principal questão. Como a cognição assume que tudo desapareceu, ela tira tudo isso do seu alcance e coloca tudo sob sua responsabilidade, ou seja, coloca tudo ao alcance do seu alcance que desaparece.

Embora nesta expressão renovada a questão seja talvez demasiado vaga. Mas não precisamos levar em conta, porque estamos tratando da definição do ponto de engenharia, no sentido explicado, do próprio ser, até onde a consciência pode desenhar para si e definir o lugar do seu mundo a partir nisso. Em qualquer caso, desta forma a pergunta é muito lógica e a resposta também pode ser lógica. Diante da consciência pura - dois pressupostos em sua pergunta sobre a fundação do mundo: uma mente que desaparece ou um

desaparecimento cego, pressupostos que por sua própria essência só podem ter o valor de hipóteses sobre a consciência pura e ela deve apenas escolher a mais lógica , o mais aceitável para o coração e o mais próximo da vida. A própria solução virá para ela de outra fonte de poder de realização, da fonte da vida mental anterior à consciência, como será explicado a seguir. O principal é que uma suposição sobre algo que desapareceu dessa forma não rompa a cerca da cognição, não atinja suas leis e, por outro lado, abra uma ampla porta para a enumeração das vidas anteriores à consciência. , que constituem a consciência e, em qualquer caso, é mais lógico do que qualquer suposição sobre uma coisa cósmica fundamental cega, para não dizer , é a única suposição lógica. Não deveria estar finalmente absolutamente claro que o ateísmo também nada mais é do que uma crença em Deus, sobre a qual não há conceito de conhecimento, isto é, em Deus, que toda a sua vantagem nada mais é do que a sua cegueira. Aqui você só vê como a consciência pura, pura de toda a vida, não está a salvo do enredamento em teias de aranha, quando sai da vida para discutir quais são suas raízes no abismo da vida. Lógico é, por exemplo, a suposição de que a legalidade em geral está apenas nas formas de cognição, e que a cognição, ao obter a natureza apenas a partir dessas formas, vê a legalidade como se ela estivesse na própria natureza. A outra suposição, oposta, também é lógica, de que as leis da cognição se desenvolveram a partir da experiência, do fato de que ela vê na natureza visões que sempre aparecem e agem de uma maneira, em uma ordem fixa, e que suas leis não se estendem ao que está fora dos limites do seu governo, ao que não se aprende com a experiência. Mas a conclusão tirada das suposições de Deus, por exemplo, de que na natureza, por sua vez, só existe cegueira, coincidências, vazio, e não há mente, nem cálculo, nem ideia, ou que não há natureza por sua

própria parte, e ainda assim há vida e consciência, isto é, há algo que se opõe às leis da cognição, ou que as leis da natureza surgiram ou existem por acaso - algo que nenhuma mente sofre, e o tipo e tal? A cognição educa apenas a legalidade e obtém apenas aquilo que tem leis, e de acordo com suas leis a legalidade acidental não será esclarecida de forma alguma, de acordo com suas leis a legalidade é absurda. E se eles vierem e lhe provarem que seu círculo de conquistas é limitado, ela é obrigada a permanecer completamente silenciosa, porque ela não tem percepção alguma do que está fora dos limites de suas leis. Mas não há nenhuma força lógica no mundo que o obrigue a admitir que a legalidade acidental sem qualquer pertencimento a qualquer mente é possível, ou que do vazio absoluto surgiu a consciência, etc. Isto significa: todas as investigações sobre uma questão de vontade cega ou de algum tipo de força, que agem inconscientemente, sem qualquer razão ou ideia, que não têm poder para agir, e que criam a partir da cegueira e do vazio o que não criará pensamento, nem poder criativo e nenhuma intenção deliberada. Todas essas investigações são absurdas.

Conclusão: por parte da cognição, não há contradição com a suposição de uma coisa cuja mente desapareceu, e nada mais do que a cognição pura, como mencionado, está mais próxima e mais obrigada a aceitar esta suposição do que qualquer outra suposição. Porque, seja como for, se a cognição não tem o poder de alcançar uma mente desaparecida, mas tem e tem o poder de iluminá-la, ela tem e tem o poder de julgar tudo o que esta ideia exige sem negar a si mesma e a sua próprias leis. Mas principalmente, é claro, a opinião sobre o desaparecimento da mente para a alma vivente é próxima. Quanto a Dida, este mistério supremo quando ela está consigo mesma é a prova mais vigorosa de uma sabedoria suprema. Ser e

como se não fosse! E você, ser humano, quis tudo o que quis, sábio, governou, criou a si mesmo e ao seu mundo de acordo com a sua conquista e de acordo com o poder da sua criação, Deus estava nos seus olhos! Você, que tem inteligência, é uma imagem de Deus mais brilhante e poderosa do que esta. Uma contradição à inteligência do invisível, como vimos acima, deve ser vista precisamente nessa esfera, que é a alma humana, que anseia pelo invisível! inteligência, é apenas uma parte dela - na esfera da vida. As contradições em termos da conformidade suprema, que vimos na contagem das vidas, são principalmente aquelas que desafiam a mente que desaparece e minam a sua sanidade. não em 'o quê?' de reconhecimento , porque se em 'por quê?' da alma vivente – a fonte da contradição. 'Você vive por sua conta e risco', 'É conveniente que uma pessoa que não foi criada seja criada', M - você tem contradição maior que essa para a inteligência dos desaparecidos? E não é a tristeza da vida que leva as pessoas, por exemplo, como Buda - ele não procurou, num sentido bem conhecido, refúgio na tristeza - ao desespero, à negação da vida e à heresia acima de tudo, mas antes a suavidade da vida, o vazio e a estupidez da vida. Principalmente isto leva a reflexões difíceis e apelos deprimentes: o homem procura, como se costuma dizer, a felicidade na vida, a felicidade privada e a felicidade geral, - mas a felicidade - também a felicidade espiritual num sentido bem conhecido - provoca a inferioridade do carácter da pessoa, se não for devido à gordura e à estupidez e, na verdade, à tristeza - especialmente à tristeza. O Supremo, é claro - ainda brilha em um grau conhecido a imagem de Deus no homem, ainda lança uma luz conhecida sobre a vida. Tão profunda é a tragédia do homem. Até que o homem não saiba viver no bem, mas também não saiba viver na tristeza. Aqui está o problema, tem solução? O

que há? - Perguntar é nosso dever de qualquer maneira.

H. A experiência como ferramenta de conquista ⚮
Tudo isso significa que a mente que desaparece deve primeiro ser procurada na primeira fonte da questão e da contradição como uma só - na alma vivente. Ainda assim, a ferramenta artística da alma, da vida antes da consciência, necessita de um exame, que talvez ilumine o caminho para corrigir o que foi danificado na contagem da consciência ao ser arrancada da vida.

A pessoa consciente, quando vem perguntar sobre o mundo e a vida, não encontra nada além de uma certeza absoluta – a vida. Ele não tem mais certeza absoluta. Ele definitivamente sabe, porque vive e porque tudo vive com ele ou porque vive tudo. Como se dissesse: o ser privado de cada indivíduo que ele realiza faz parte da sua vida, ou como se a sua vida fizesse parte do ser geral de tudo o que inclui tudo o que ele realiza. Em essência, o homem não alcança o ser senão examinando a vida, ou seja, o ser de uma coisa não se alcança para ele completo e vivo senão examinando o seu conteúdo - como se examinasse a alma existencial - para os seus ensinamentos não é apenas uma relação externa, na relação entre a coisa e a cognição , mas antes uma relação interna, entre a essência do realizador E esta é na verdade a base da conquista, a conquista a partir da generalidade da coisa e não dos detalhes e de todos eles, a vida em realização. O homem realmente vê que existem coisas nas quais não há vida, aprende a conhecer as características dessas coisas, aprende a saber que há forças atuando nessas coisas, aprende a conhecer as

leis dessas forças e as relações que existem entre todos estes e entre eles, e a natureza como um todo e entre nós. Ele sabe tudo isso por reconhecimento. Mas o que é essa compreensão cognitiva? Não é apenas compreensão, porque há coisas que lhe são distintas, estranhas a ele, como se as formas fossem despojadas de todo conteúdo, se sua alma vivente não as obtivesse do lado de seu conteúdo, que cria sua forma . Essa compreensão do reconhecimento de uma coisa na realidade, sem a participação da alma vivente, é apenas o hábito de pensar para compreender o que tem a forma de uma coisa kosher por parte da razão. Na verdade, uma pessoa só entende e alcança aquilo que não conhece , mas também vive isso.

Isto não significa que se deva duvidar do dever do conhecimento de definir com precisão os seus campos, de descobrir os seus fundamentos, as suas formas, as suas leis. Isto não significa que a constituição do reconhecimento não esteja antes da constituição da vida. Pelo contrário, tal visão só pode levar a um emaranhado equivocado e à confusão no cálculo das realizações humanas, em vez da iluminação. Isto significa que o reconhecimento é apenas um lado, uma parte do poder de realização, que o homem alcança através do reconhecimento apenas com o poder da vida e que separar o reconhecimento da vida é uma espécie de tirar a alma do reconhecimento.

Isto significa que a vida - especialmente na sua forma humana - não é apenas uma grande força cósmica, mas também um grande poder de realização, que é a base de toda a realização humana, não apenas um exame de um ser especial, mas também um exame de um ser especial. conquista.

Contudo, o termo 'vida' neste sentido requer uma definição especial e um nome especial neste lugar 1 . Os nomes: 'Vida', 'Animais', 'Animais', 'Vitalidade', 'Força Haim', 'Ruch Haim', são inadequados. O que mais se aproxima de atingir o conteúdo necessário é mesmo o primeiro nome: 'vida', mas esse nome não atende exatamente à necessidade: por outro lado, é usado principalmente para ensinar diferentes formas ou situações de vida (vida social, vida nacional , vida eterna, vida temporária, vida corporal, alma, etc.) e é difícil reduzi-la precisamente ao seu ensinamento cósmico humano; Por outro lado, o fato de vir na forma plural e também o fato de nesta forma ser semelhante ao adjetivo plural diminui um pouco. E sem escolha, poderei inovar ali em forma de experiência no peso do ser.

O conceito de experiência corresponde, por um lado, no sentido da própria vida, ao conceito de ser, pelo qual entendemos a própria realidade, e por outro lado, no sentido de poder de realização, é paralelo ao conceito de "reconhecimento". O conceito de experiência parece situar-se no meio, entre o conceito de "ser" e o conceito de "cognição", tanto de acordo com o seu âmbito cósmico médio (e também lógico) como no sentido de que a experiência é a força mediadora entre o ser. e cognição.

Essa conquista da experiência (de vida) não é uma conquista de reconhecimento, uma conquista de diferenciar o que o realizador vem alcançar do ser infinito e concentrá-lo em um ponto, pelo qual se torna claro e inteligente, porque se uma conquista é essencial, uma conquista de expansão daquilo que o realizador chega a alcançar no todo infinito e, portanto, não é conhecido nem sentido, mas, através de seus canais de experiência desaparecidos, mantém a união absoluta entre o que a consciência concentra em um

ponto e o mundano. ser que se estende ao infinito, pelo qual o que é alcançado pela consciência é novamente unido Com todo o infinito e vivendo em todo o infinito. É a conquista da generalidade absoluta e da unidade absoluta de tudo o que a consciência alcança nos seus particulares, que é a sua ordem, o seu colégio e lhes dá uma forma inteligente. Esta conquista da experiência inclui não apenas o que se entende na expressão 'o que está abaixo do limiar da consciência', mas também o que está antes dela: nesta conquista estão ligadas não apenas todas as forças mentais e todas as forças vitais das células do corpo , mas também todas as forças físicas e animais dos átomos do corpo - tudo o que há para ser visto, como se fosse o lado opaco do espelho, cujo reconhecimento é o lado transparente. Ou em outras palavras: nele se acrescenta à conta da conquista – à conta da conquista e não apenas à conta do ser e da vida – não apenas o que o homem conhece a natureza, mas também o que o homem vive a natureza. Parece dizer que a cognição, como a experiência, não é uma força distinta da natureza mundana e paralela à natureza mundana, mas uma força ligada à essência da natureza mundana, porque a natureza mundana atua sobre a cognição e constitui a cognição não apenas como o que é conhecido como objeto, mas também como aquilo que reconhece, como sujeito ou como aquilo que está diante do sujeito, como o 'eu' que reconhece desde seu lado desconhecido. Ou em outras palavras: a natureza universal, o ser infinito, transborda na alma do homem, no seu sentir e saber, de dois lados: daquele lado, que ele sente e sabe, e daquele lado, que não é conhecido e não é sentido por ele, mas que ele o vive (como explicado no primeiro capítulo).

A experiência superou o reconhecimento. O reconhecimento faz parte e a experiência é tudo. A consciência está limitada ao limite das formas fixas,

que captam o familiar como numa impressão, enquanto a experiência é infinita. A consciência é o detalhe do ser, pelo qual é possível perceber e também comunicar uma parte, mas a experiência não é dividida e nem detalhada. O animal consciente conhece os detalhes do ser e o vivencia em sua totalidade infinita , em todas as suas revelações e em todos os seus mistérios sem fim (caso contrário, não lhe seria possível saber tudo o que sabe). Nesse sentido, a experiência é semelhante a um guindaste ou a um método de guindastes, que levanta toda a carga, todo o ser de uma só vez , apenas com a devida moderação, até que o levantamento não seja sentido.

E não só do lado do alcance, - também do lado da profundidade (ou especialmente do lado da profundidade) a experiência supera o reconhecimento. Na medida em que uma pessoa se aprofunda na vida, ela chega a um sentimento geral vago ou a uma realização geral essencial que precede o sentimento claro, porque além da vida visível ela vive outro tipo de vida que não é visível, uma espécie de vida, da qual sua vida visível é apenas uma parte. Ele percebe, na profundidade da experiência, que existe outro tipo de exame da vida, que é definitivamente diferente em termos da vida que ele vive conscientemente, um exame abrangente e global da vida, que toda a natureza como um todo está viva, que todos o ser infinito está vivo. Se em relação às manifestações privadas da natureza ele complementa com uma compreensão intuitiva, cerebral, livresca, aqui em relação à natureza como um todo ele não pode tratar-se desta forma. Ele se sente único quando está sozinho na natureza, quando se vê sozinho, com todos os seus nomes e abismos humanos, selados na amplitude do espaço do mundo, - ele se sente com todo o seu ser, porque está unido em algum maneira especial com esta criação universal e eterna. E a união é tão profunda, que o

homem não se vê apegado a ela, a esta criação, nem a ama, assim como não se vê apegado a si mesmo, ama a si mesmo.

E do sentimento geral ou da conquista geral antes do sentimento - ao pensamento geral: talvez toda a existência mundana até o infinito seja apenas um exame da vida, no qual não conhecemos uma percepção? E falar na linguagem da consciência, ou quebrar o ouvido: talvez este seja o exame da vida de expansão infinita, enquanto o exame da vida da natureza viva é o mesmo exame da vida do ser apenas reduzido ao infinito, reduzido em cada criatura viva, como se estivesse concentrada em um ponto? De tal forma que nesta força cósmica geral possamos talvez ver uma espécie do que vemos nas forças privadas conhecidas da natureza, nas mais visíveis para nós, por exemplo na força elétrica: quando tal força está em estado de expansão, sua ação não pode ser vista e sua realidade não pode ser sentida, e quando é reduzido em uma máquina que pode falar, nós vemos sua realidade e sua operação, mas esta força geral, uma vez que é a fonte de todo o ser e o segredo de todo o ser, e uma vez que foi revelado no exame do que chamamos de vida, é na verdade uma espécie de redução de toda a força do ser em um ponto, então, no exame de sua expansão, é necessariamente assim desaparecido E o exame da sua redução é tão profundo que não há neles reconhecimento de percepção. Deste ponto de vista, talvez a eterna troca entre a vida e a morte e, em geral, entre a criação e a criação deva ser vista como uma transição incessante, a transição gradual em termos de uma vida de redução para um exame de uma vida de expansão e vice-versa. , semelhante em alguns aspectos - uma semelhança distante, é claro - por exemplo, à transição de um estado real aquoso para um estado vaporoso, arejado, e sob condições conhecidas - para um estado sólido e

gelado, o que sabemos - para um estado gasoso, e vice-versa - de um estado gasoso novamente para um estado aquoso e também para um estado sólido e gelado, o que vemos na água, e nos outros líquidos, e tudo isso deve ser visto como uma espécie de coisa para ser visto (conforme explicado no artigo 'Eternidade e o Momento') na relação mútua de tempo e lugar em termos de eternidade: a experiência, a vida da natureza viva, é a redução de toda a força de ser em um ponto , e o ser, os animais do infinito, é a expansão da experiência ao infinito.

O que é uma vida de expansão? Existe um sentimento nessa vida? Um sentimento, não é uma redução? E como a redução será representada numa vida de expansão? Eles têm um desejo? Afinal, o desejo é também uma redução, um desejo de alcançar o que não existe - e como pode ser desenhado o desejo, onde não há nada a desejar, onde tudo está lá, e não há nada fora do que está lá? Existe reconhecimento aí? O reconhecimento na mesma forma em que é conhecido pelo homem é talvez a maior redução - e o que deve ser reconhecido num lugar onde a essência da vida é a essência de tudo o que pode ser reconhecido? E o que há em vez de tudo isso? Certamente a cegueira não será retratada ali, certamente não será retratada, porque o sentimento, o desejo, o reconhecimento, que existem numa vida de redução, surgirão do nada, da cegueira? Como funciona essa vida, afinal? Qual é o caminho de sua transição da expansão para a redução? Qual é o seu lugar e ação na natureza morta? Afinal, o que há? E talvez o substantivo a mente que desaparece?

De tudo isso, é claro, nada sabemos e não podemos saber nada, tudo isso está além do poder da cognição. Tudo isso podemos viver num sentido conhecido, alcançar em toda a experiência . Contudo, aqui é o

lugar para o reconhecimento iluminar o caminho antes da experiência, para descobrir o que deve ser tirado como conclusão da suposição de uma coisa viva em expansão. E neste sentido pode-se dizer que aqui não só tem o direito do pensamento vivo de pedir o que quer, de perseguir para alcançar o que parece impossível de alcançar, não expirado, mas pelo contrário, aqui é como se o muro entre a vida humana limitada e a vida infinita do mundo foi destruído. Há espaço e há distâncias e há profundezas e tudo o que atrai o pensamento vivo, que busca a vida além da consciência e sustenta a consciência no '. óleo para exame leve. Mas antes de mais nada é preciso extrema cautela com a linguagem, porque com a linguagem o pensamento pode voltar a ficar enredado nas teias de aranha, se marcarmos com absoluta precisão os conceitos e exemplos usados no assunto que temos diante de nós, que fala do que não é uma conceito de cognição, para não misturá-los com conceitos e exemplos da realidade real.

Não devemos pintar a natureza na forma de um grande organismo, que constitui aquela vida de expansão, que opera na forma das forças da natureza e vem à luz na forma das visões da natureza. Tal exibição é gratificante e enganosa. Tal exame de vida é novamente um exame de vida de redução, que teve que ser alcançado para reconhecimento , e não um exame de vida de expansão. Não há nenhuma semelhança entre esses dois exames de vida. Na vida de expansão não há percepção para a cognição e elas não devem ser misturadas com o que a cognição percebe. As forças da natureza, as visões da natureza - que o pensador deve deixar no mesmo aspecto que a consciência as apreende, e assim como não se deve pensar, por exemplo, nas forças físicas e animais de uma máquina elétrica, que trazem à luz a força elétrica, para a essência desta força, ou o poder do vidro

brilhante, que me traz a descoberta do poder do calor do sol, para a essência do fogo, - desta forma as forças da natureza e suas visões não deve ser devolvido à essência da vida de expansão. Todas estas, as forças da natureza e suas visões, são a forma pela qual o ser se revela à consciência , ou pela qual a consciência percebe o ser. Deste lado, o ser é invadido pela mente visível do homem , para reconhecimento, e não é invadido pela sua 'mente que desaparece' , para experiência.

O que se mostra da coisa da vida em expansão é o que se mostra do conteúdo da natureza antes da forma alcançada para reconhecimento, por assim dizer, no mesmo sentido em que o sítio precede toda substância e todo movimento. Isto, se assim for explicado, é demonstrado na coisa da vida nua, pelo fato de que ela inclui tudo, todos os tipos de ser e todos os tipos de vida e todos os tipos de realizações, todos os tipos de conteúdo e todos os tipos de forma. , do fato de que constituem tudo e nada os constitui. E deste ponto de vista, as forças e visões da natureza inanimada e viva são manifestações dessa vida, mas apenas deste ponto de vista, isto é, apenas do ponto de vista das manifestações de uma vida desaparecida e não no ponto de vista de constituir uma vida de redução. Portanto, que a vida não deve ser medida pelos padrões de uma vida reduzida, e os padrões utilizados nesta vida não devem ser atribuídos a eles, não há necessidade de sentimento, desejo, reconhecimento nesse aspecto, que são conhecidos pelo homem, e também não há lugar para o bem e o mal, a justiça e a maldade, etc. nesse aspecto limitado, pois não há sentimento limitado e tristeza limitada, na medida em que a vida existe acima de tudo isso. E, portanto, a cognição humana é incapaz de compreender nem essa vida nem o intelecto dessa vida. Não através da cognição, como mencionado, a pessoa tem que

conseguir tudo isso, mas através da experiência, ou seja, ela não tem que reconhecer, mas sim viver tudo isso, e somente através desse canal de experiência a consciência consegue o que pode. alcançar. Eles são também a sua própria essência, o seu 'eu', o homem não o conhece de dentro de si, mas se o vive e o conhece pela experiência. Deste lado, o ser é invadido pela "mente desaparecida" do homem, para a experiência, e não é invadido pela mente revelada, para a cognição.

Por meio de uma parábola e da imaginação devemos desenhar para nós a vida de expansão em forma de um mar de vida, abrangendo toda a criação do mundo como um todo e todos os seus detalhes e detalhes, mesmo os atômicos, assim como o a água envolve o peixe (enfatizo que esta pintura da vida é abrangente, como todas as pinturas seguintes neste assunto. Esta, uma espécie de 'vida nua' e coisas do gênero, é uma forma de explicação muito rebuscada. Em geral, os termos 'fora' e 'dentro' vêm aqui num sentido oculto e visível, mas realmente não há lugar naquela vida para algo semelhante a isso). Desta forma, parecem reter do exterior as partes do todo e de cada detalhe, empurram-nas umas contra as outras, unificam-nas e animam-nas, mas não há nenhum registo visível delas a partir do interior, ou seja, , na verdade - na natureza visível. Eles são a regra de tudo, o espírito de vida de tudo, do todo e de todos os seus detalhes e detalhes, são a inteligência de tudo, mas quanto à sua interioridade ou, como mencionado, quanto à natureza visível , são tão se eles não existirem . Aí os detalhes trabalham uns contra os outros, atraem-se, repelem-se, unem-se, separam-se, tornam-se mais complexos, tornam-se mais específicos, etc., etc., tudo sob o seu próprio poder. Nomeie o governo da causalidade. A causalidade nada mais é do que a conexão interna dos indivíduos em sua relação entre si. Fora dos detalhes

não há causalidade, não há necessidade de causalidade. Deste ponto de vista, é preciso dizer que a vida de expansão, que constitui e anima tudo, é uma espécie de causa das causas, uma causa do todo e uma causa de cada detalhe, de cada causa e causa, mas não em termos de uma causa primeira, e nem mesmo em termos de uma causa, mas sim em termos de uma união. Desaparecimento de todos os detalhes e desaparecimento de todas as causas. Porque a vida não está ligada nem em geral nem em particular por uma conexão de causa e efeito. Eles estão fora de qualquer causa e se referem à conexão de causas, que operam abertamente na natureza, como se não existissem na realidade.

para maiores esclarecimentos.

A investigação da natureza levou à opinião geral de que não há poder no mundo que seja criado de novo, assim como não há poder perdido no mundo, assim como não há perda material (ambos podem ser uma coisa), mas que existem diferentes combinações e diferentes manifestações de forças ou de uma força que sempre existe, ou seja, que Tudo o que vemos no mundo como se tivesse sido criado de novo, nada mais é do que algo que já está contido na essência do ser, mas que neste momento ele, como dizem, saiu do poder para a ação ou assumiu uma forma visível, e o que vemos como se estivesse perdido, nada mais é do que algo que voltou a ser pela força do ser real ou assumiu uma forma invisível. E se assim for, então nesta opinião um corpo já está incluído na ideia de que mesmo o que chamamos de vida, sentimento, consciência, mente, pensamento, etc. , porque se for a própria ferramenta - a única ferramenta - que o conhecedor consegue nele as formas que os poderes do afogamento podem assumir, ou tudo o que sai do poder em ação, então ele não tem capacidade de

alcançar, como o presente, como é possível a realização sem aquelas formas em que tudo se alcança, e qual é a essência de tal realização, como constitui a vida, ou seja, a consciência, sua origem imediata, sem as formas em que se alcança a vida, e qual é a essência de tal vida. Não tem possibilidade de alcançar uma vida de expansão e de transição de uma vida de expansão para uma vida de contração. Ela é incapaz de ver a progressão que lhe é compreensível, que ela vê nas transições de uma contagem de manifestações do ser para uma contagem acima ou abaixo dela, por exemplo, da contagem de plantas para a contagem de animais, e mesmo em a transição da contagem do inanimado para a contagem das plantas, da qual ela ainda não foi mantida em segredo. E a razão é simples: aqui ela encontra uma transição do que era antes das formas e antes dos detalhes, que mesmo o conceito de 'transição' ou 'pendurado' não é apropriado. O homem, por exemplo, pode imaginar-lhe o desenrolar da sua vida "eu" desde o momento em que saiu para o ar do mundo, mas não pode de forma alguma imaginar-lhe o desenrolar da sua vida "eu" antes de partir. nos ares do mundo, no ventre de sua mãe. O elo que liga a cadeia antes do reconhecimento - se deveríamos chamá-la de cadeia de acordo com a forma de explicação - à cadeia após o reconhecimento, é a experiência . O lugar que a experiência ocupa aqui é o tipo de lugar que é ocupado pelo desenvolvimento da natureza visível crescente, onde termina o desenvolvimento da natureza inanimada e começa o desenvolvimento da natureza viva - uma transição, cujo segredo tem ainda não foi determinado pela consciência humana, mas pela linguagem, em vez de a questão ser o que está antes da consciência, o segredo desapareceu definitivamente, e não há esperança de reconhecimento para defendê-lo a tempo. Mas o segredo desaparece dentro da experiência, dentro do desaparecimento da mente do homem, e assim como a

planta recebe uma abundância suprema do sol e cria nela de uma forma que não podemos compreender o seu verdadeiro osso, que sustenta todas as coisas vivas, também o o ser recebe uma abundância suprema da vida de expansão de uma forma que não podemos compreender e sustenta nela o reconhecimento.

A união entre o homem e essa vida é, portanto, uma união de vida e de realização, e se ele não tiver a capacidade de alcançar essa vida sozinho, aqui está a possibilidade de ele alcançar o que há dessa vida na vida. de sua alma na forma de um desejo velado de viver essa vida à luz daquela vida em sua vida visível. E aqui, devemos pensar, está a fonte de todas as aspirações mais elevadas do espírito humano.

A certeza da vida exige mais uma certeza: cada alma vivente é um pequeno elo na construção do mundo, a vida de cada ser vivo é uma pequena gota no mar infinito da vida. Esta certeza limita o lugar do homem, que vive e compreende o mundo na vida mundana de ambos os lados: do lado da realização - do lado do reflexo da vida mundana nos ossos do homem, e do lado da vida - do lado da participação dos ossos do homem na vida mundana e na criação mundana.

do lado da realização. Há razões para pensar que a incapacidade do homem de alcançar a ideia global advém não apenas da essência específica da cognição, que só atinge detalhes específicos, mas também do detalhamento da vida em diferentes corpos, da revelação da expansão da vida em detalhes. E talvez ha baha tlia: a particularização da consciência na particularização da vida. Somos luzes, porque não existem opiniões humanas iguais, e não só nos ramos, mas nas raízes, na própria essência da vida e do mundo. Esta diferença, como vimos na parábola de Marx e Nietzsche, não pode ser explicada por uma

diferença no grau de poder do pensamento. E não há necessidade de dizer que a diferença não deve ser explicada a partir da mesma explicação que se encontra na teoria da cognição experimental, de que a realização subjetiva do indivíduo nada mais é do que uma experiência organizada por uma organização individual, isto é, , uma experiência que não inclui todas as suas necessidades, enquanto a verdade objetiva é uma experiência organizada por uma organização social. Isso significa uma experiência agregada a partir das concepções individuais de todos os indivíduos (como, por exemplo, A. Bogdanov considera em seu 'Empiriomonismo '), já que a diferença aqui não está na forma de pensar, mas sim na qualidade especial do mundo dada no coração de cada indivíduo na qualidade especial do 'intelecto' O 'desaparecimento' de cada indivíduo para alcançar a vida e o mundo de uma forma especial para ele. Tudo isso parece dizer que a realização de uma pessoa não pode abranger toda a ideia de mundo, que o ser infinito não pode ser refletido inteiramente em uma gota de vida, porque em cada gota ele se reflete de uma forma diferente em algum aspecto. Tudo isso parece dizer que não existe um mar de vida de expansão refletido em sua totalidade, em toda sua plenitude e perfeição, mas sim no mar de vida de toda sua redução , naquele mar de vida que na verdade chamamos de vida.

Na essência da vida humana, estes dois aspectos da vida, expansão e contracção, devem ser vistos como os fundamentos da própria essência da vida humana, como forças que trabalham e activam a alma humana e criam a vida humana através da sua acção repetida. Por um lado, uma tendência para uma vida de prazeres, para a realização dos próprios desejos, que são a maior redução, para um egoísmo estúpido, que só se conhece, e por outro lado - desapareceu uma tendência oposta, uma saudade velada por uma vida da alma, que

está acima do prazer, uma tendência, eu diria, ao egoísmo que invade todos os lados e todas as profundezas, Abraça o mundo inteiro. São todos os tipos de agradabilidade iguais, e a diferença entre eles depende apenas dos altos e baixos da voz e de suas combinações (e da sua marca - porque onde você encontra uma preparação excessiva para o prazer estético ou em geral para o prazer de criação, aí você encontra principalmente uma preparação excessiva para a luxúria sexual). A alma aspira acima disso, ao espaço, a uma liberdade superior, a uma vida em que haja expansão na vida do mundo, no infinito, a uma vida que seja responsável pela santidade da vida do mundo e se destine para corrigir o mundo no reino da santidade suprema. Você encontra esse anseio latente – embora nem sempre expresso de forma adequada – em todo celibato e monaquismo puro e profundo, especialmente no celibato absoluto de Buda e, em geral, em toda aspiração religiosa profunda.

E a mesma contradição você encontra na criação do mundo: por um lado, o detalhe infinito, a guerra de cada detalhe pela sua redução, e daí - a ausência de qualquer unidade, e por outro lado - unidade absoluta, legalidade penetrante todos os mundos e todos os abismos, perfeição, profundidade, luz - até o infinito.

Esta contradição, que não sabemos resolver na vida do mundo, encontra interpretação suficiente na vida humana.

Esta contradição na alma humana parece ensinar que a vida humana desejada nada mais é do que uma fusão das duas tendências mencionadas: a tendência para uma vida de redução e a tendência para uma vida de expansão. A contradição nada mais é do que a força motriz, que, como toda força geradora de movimento, tem um objeto e seu oposto. O homem, vivendo a

natureza no seu mais alto nível, parece estar na fronteira entre a vida de redução e a vida de expansão, a sua alma é invadida pelos dois mundos, que se complementam, como um só: um mundo de redução infinita e um mundo de mundo de expansão infinita, que dá origem à sua luz em sua alma o topo

A vida superior não tem a ver com a aspiração de escapar do próprio “eu” para o “eu” dos outros, nem com a aspiração de se fortalecer do resto dos mundos dentro do próprio “eu”, como uma tartaruga em sua armadura, para aumentar e glorificar o 'eu' dos outros Ou cancelar o próprio 'eu' do 'eu' dos outros, e não da aspiração de se fortalecer do resto dos mundos dentro do próprio 'eu' como uma tartaruga em sua armadura , para ampliar e glorificar o próprio “eu” com o poder do governo – e deixar que haja governo no espírito – sobre o “eu” dos outros como esta planta parasita que cresce em outras plantas. Estas duas virtudes juntas – altruísmo e individualismo na sua forma nietzschiana – têm uma raiz. Eles surgiram da mesma visão antiga de que o homem aspira a uma vida superior para obter uma recompensa ou para se livrar do dever e, portanto, o principal é se destacar, mostrar heroísmo. Mas a vida superior representa simplesmente a aspiração natural do homem de viver, de viver, tanto quanto possível, mais, de viver tudo de si mesmo, desde o abismo de sua alma até o fim de suas esferas superiores, de viver a partir de seu próprio “eu”. ', de todas as suas luzes e de todas as suas sombras, de toda a sua poesia e de todo o luto no 'eu' dos outros, de tudo o que vive e é, em todas as suas luzes e sombras, em toda a sua poesia e em todas as suas tristezas. Somente na miopia você vê o egoísta grosseiro, como se ele vivesse mais para si mesmo do que para uma vida superior. De acordo com a verdade, o egoísta grosseiro vive apenas nas esferas inferiores de si mesmo, mas não vive de forma alguma nas esferas superiores de si

mesmo. Não existe egoísmo grosseiro, mas sim a redução da essência do homem, enquanto a vida superior representa a expansão da sua essência em todas as esferas e em todos os mundos. A vida superior é opcional. O homem aspira a uma vida superior por uma profunda necessidade mental, ou melhor, por uma profunda necessidade mental, porque sem ela a sua vida não é vida.

O movimento mental para a vida de expansão se revela de uma forma que tem uma espécie do que há nos círculos que se formam na água de um rio, quando uma pedra é atirada neles; No início, no centro, círculos estreitos, cuja forma é mais para ver o seu estreitamento do que a sua expansão, embora neles resida toda a força da expansão seguinte: outros - cada vez mais largos, até desaparecerem do olho devido à sua amplitude, devido à fragilidade da sua acção. O movimento para uma vida de expansão começa com o sentimento entre um homem e uma mulher, que você não sabe o que é mais: redução ou expansão. Em segundo lugar, depois da emoção sexual, está a emoção dos pais - especialmente a emoção da mãe - em relação aos filhos, e em terceiro lugar - a emoção familiar em geral. Depois deles vêm: o sentimento nacional, o sentimento humano, o sentimento para com cada ser vivo. Conseqüentemente - a emoção da misericórdia, a emoção da justiça, a emoção da moralidade. A seguir - o sentimento em relação à natureza e sua plenitude, em relação ao ser infinito. Daí o sentimento de beleza, o sentimento de amor supremo, o sentimento de verdade, o sentimento de santidade suprema, o sentimento religioso (talvez não seja permitido comentar, porque o sentimento religioso existe em toda parte, que existe amor supremo, verdade suprema , santidade suprema, mesmo onde não há crença em Deus E a evidência é a religião do Buda).

nono. Como a vida de expansão e a vida de redução se unem ⚮
De tudo o que foi proposto até aqui, obteremos uma espécie de ponto fundamental para o nosso relato geral da vida. Agora a questão: como encontrar um ponto tão fundamental para a nossa conta privada com a vida, como adaptar esse ponto fundamental para a nossa conta privada com a vida? A questão é: qual é a fusão suprema de redução e expansão na vida real? Qual é a sua forma real?

Não existe aqui um mundo separado de nobreza, um mundo separado de criação e um mundo separado de fazer – não existe outro mundo senão um. Aqui não há Torá separada e ação separada, poesia separada e vida real separada - há vida. Existe uma vida completa e existe uma vida incompleta, danificada e defeituosa. É verdade que nenhum homem, de carne e osso e imagem de Deus, pode ser completo, mas pode viver na perfeição, isto é, viver todo de si mesmo como é, com toda a força vital de expansão e toda a força vital de contração nele de uma só vez, sem meios, em todos os momentos da vida. E isso é o suficiente. Isto determina o seu lugar no mundo, o seu lugar como um pequeno elo que não pode ser completo por si só, a perfeição suprema de todos os elos é também a completude de cada elo. Afinal, este é o próprio segredo da vida - que a vida é uma unidade absoluta, e tudo o que a divide - mata na medida em que divide. Este é o poder da vida e é também a dificuldade nela contida. Isto é o que fez com que eles fossem defeituosos até agora, e é isso que torna difícil corrigi-los de agora em diante. Não há correção para a vida

exceto de dentro e de fora, de todos os lados e de todos os aspectos igualmente, ao mesmo tempo; Não há correção nem ascensão à vida exceto na correção e ascensão do homem, e não há correção nem ascensão ao homem exceto na correção e ascensão da vida; Não há correção nem ascensão para o público, para o todo, exceto na correção e ascensão do indivíduo, do indivíduo, e não há correção e ascensão para o indivíduo, exceto na correção e ascensão do todo. Ação repetitiva, mas também um círculo vicioso.

Por um lado, é claro que não é tão difícil encontrar o caminho para a vida desejada, mas sim prová-la definitivamente, provar uma prova de vida, porque a pessoa deve pedir um novo caminho de vida, começar tudo de novo, como um bebê recém-nascido, e trilhar esse novo caminho. É especialmente difícil na situação de vida atual descobrir na alma humana e despertar o desejo de pedir o que é tão difícil de pedir. Não importa o quanto você trace as raízes ocultas da alma, não importa o quanto você descubra a fonte de sua luz que desaparece, - no final, não existem qualidades da alma que sejam superiores às coisas reais, cuja realidade deve ser ser comprovado com fatos e a veracidade de sua realidade, o direito de sua existência - com números. Nem o anseio oculto por uma vida superior é uma das coisas que existem em cada alma em igual medida. Mais do que isso: mesmo numa alma que possui tal ‘sentido musical’, o fundamento dos anseios superiores não é tão sólido, a ponto de ser uma força vital que comprova sua própria verdade e atua como uma de todas as realidades da vida. forças. Porque a vida limitada, à qual a alma está presa como um cão acorrentado, chega a qualquer momento e acaricia o rosto dessa alma e a força a sair do seu próprio nada para ver o nada em tudo, em toda a vida e em todo o ser. , e de sua negação de si mesma, de seu eu mais elevado - para negar toda a vida superior, toda a razão

desaparece e apenas às vezes lhe ocorre acordar e quebrar a corrente e viver ou se esforçar para viver em toda a extensão de sua estatura , viver ou se esforçar para viver à imagem da mente que desaparece. E quão fácil é para aqueles que o desejam usar o verdadeiro poder da vida limitada e provar que uma alma que não é suficientemente polida para se sentir no seu lugar na esfera ocupada da vida limitada ou que não é capaz de se condicionar na sua redução nas vestes leves da estética, uma alma que lança raízes selvagens, não reais e talvez não Estéticas, no próprio ser, é uma alma deficiente, com corpo doentio, por falta de sangue, de falta de uma vida saudável, que não peça muitas contas e que toda essa saudade oculta do que está acima do véu da vida real ou do que está nas profundezas da luz do pensamento é vaidade e má vontade, Alucinação, ociosidade, misticismo, metafísica, etc., etc., como sabemos.

E por outro lado, a falta de uma vida plena é principalmente a causa da falta de plena segurança na certeza da vida, devido à existência absoluta das aspirações mais elevadas da alma, à falta do desejo de buscar a vida para toda a amplitude da vida mundana. Não é profundo de ver, porque durante toda a vida, se ao menos pudessem ocupar o seu lugar natural, há neles força e luz suficientes para corrigir e renovar o homem.

Aqui está um círculo vicioso: por um lado, a vida procurada necessita de uma enorme força mental para a pedir, e por outro lado, a força mental para a pedir necessita da força da vida procurada. Qual é a origem?

Claro, porque só existe um lugar para procurar uma origem: a natureza. Renovar os fundamentos da vida é, de acordo com tudo o que foi dito, expandir e aprofundar a vida humana na vida da natureza até que

ela se torne uma com a vida do mundo, uma espécie de exame duplo de uma vida. Contudo, esta única saída é na verdade a mesma coisa com a qual temos dificuldade, a mesma coisa, que é chamada de fusão da vida de redução e da vida de expansão.

Antes de mais nada deve ficar claro qual é essa origem: da natureza? Voltar à condição humana antes da civilização humana? Aparentemente, isso não exigiu e não exigirá ninguém. Afinal, é novamente a mesma vida de redução, exceto que, como são menos complexas, menos complicadas, como a redução nelas é menos profunda, ainda permanece um espaço conhecido e uma proximidade conhecida com a natureza e com a própria essência da vida. ser infinito. Além disso, o homem não pode voltar atrás e não pode abrir mão do que conquistou e do que adquiriu, e deixar que essa conquista e essa propriedade fiquem apenas na conta do reconhecimento e não na conta da vida. Finalmente, o reconhecimento também faz parte da vida, ou melhor, é um alicerce dos fundamentos da vida. O homem pede espaço, pede ascensão, mais espaço, mais ascensão – mais vida. E ele pede um caminho, mas o caminho não pode ser para trás, mas para frente. A partir daqui a estrada começa a ficar cada vez mais vertical, e não há como desviar, se se quiser subir ao topo do planalto.

'Deus da natureza' significa Deus de absoluta naturalidade, tanto em termos da natureza mundial como em termos da natureza humana. A natureza humana também é natural, mas é a verdadeira e completa natureza humana, não a imperfeita e defeituosa. Natureza humana - crescer em espírito, subir cada vez mais alto. Não importa quão pessimista possa ser a nossa visão, - finalmente o homem elevou-se, elevou-se na sua consciência, mas também elevou-se na sua mentalidade. Da mentalidade do animal

superior à mentalidade do homem, com todos os seus defeitos e deficiências, a distância talvez não seja menos grande do que a distância entre a consciência do animal e a consciência do homem. Contudo, o crescimento do espírito humano é difícil, e a tristeza deste crescimento é grande, e os seus fracassos são muitos. O crescimento físico do ser humano individual também é mais difícil do que o de outros animais. Tanto mais difícil é o crescimento do espírito humano em geral, difícil segundo o valor da virtude desse crescimento, segundo o valor da altura que o espírito pode atingir. Os difíceis erros e fracassos na formação do espírito parecem colocá-la no caminho certo e ensinar-lhe a teoria de andar ereto. O ditado 'Ninguém defende nada da Halachá a menos que falhe nela' não é em nenhum lugar verdadeiro em toda a sua precisão brutal como neste lugar.

A principal deficiência no crescimento da psique humana advém do facto de a cognição se ter desenvolvido, à custa da experiência, e a experiência permanecer, nesta medida, danificada, subdesenvolvida, isto é, não trazida à luz em perfeita harmonia com a cognição. A consciência ocupou um lugar tão importante no desenvolvimento da natureza humana, como se fosse o todo do homem, a totalidade da natureza humana, e a experiência nada mais é do que o lado obscuro e oculto da natureza humana, como o material com o qual a cognição pode criar o mundo do homem. Embora não haja realmente consciência, mas sim uma parte da experiência, uma luz visível brilha a partir da luz que desaparece da experiência, que é a vida, e nela, sem vida, não há nada. A consciência nada mais é do que luz visível e poder visível, é mais visível a todos os olhos e mais certa aos olhos de todos. É verdade que ela também se extraviou muito e falhou muito, mesmo dentro dos limites de sua contagem limitada, até encontrar o caminho certo, mas

como ela é uma luz visível, muitos lados e muitas profundezas da natureza lhe foram reveladas. mesmo andando no caminho errado, o que a ajudou a finalmente encontrar o caminho certo. Em contrapartida, a experiência é uma luz que desaparece, na verdade não realiza, não ilumina, não atua no sentido cognitivo, mas antes vive o que deve ser alcançado, iluminado, atuado. Ele vive - em termos de uma vida que desaparece - fora da vida de expansão, fora do ser do mundo, fora da luz que desaparece para a vida de estreitamento do familiar, para a alma humana, e novamente vive ou pode viver - em termos de vida visível - fora da alma humana, através de suas manifestações na vida prática, na vida da Espalhamento, na vida eterna, como uma corrente rotativa de vida. Nisto, neste fluxo circular de vida através da alma humana e da vida prática humana, parece unir a natureza humana, o 'eu' humano com a natureza do mundo, ilumina-o com luz eterna e cria-o como uma espécie de 'eu' mundano. ', vivendo em sua vida limitada a vida eterna .

Este é o modo de seu surgimento, seu refinamento e sua ascensão ao topo das emoções humanas, em que toda a luz mais elevada chega até eles por estarem unidos e fechados - e na medida em que estão unidos e fechados - em uma emoção suprema, na emoção da união completa do “eu” humano com toda a existência mundana e todas as suas manifestações; Este é o caminho da ascensão da realização humana a um nível superior de realização – tanto cognitiva como intuitiva; Este é um caminho para a liberdade da vontade humana. Isto significa: a base do conteúdo e da luz da vida humana, do mundo do homem é esta emoção suprema, e todo o papel da cultura humana a este respeito é concentrar-se no desenvolvimento e crescimento desta emoção e aumentar o seu poder. de ação na vida da mente e do corpo e na vida prática

cada vez mais. Mas de tudo isto depende a experiência , cujo poder supremo desapareceu, na luz visível da consciência. Sem a luz visível da consciência é como se a luz da experiência que desaparece não tivesse lugar para ser revelada no mundo humano. A consciência é, neste aspecto, uma espécie de vanguarda, cuja função é criar cada vez mais espaço para o fluxo da experiência, mas – deve-se acrescentar – não preencher o seu lugar. A capacidade que foi dada à consciência de se desenvolver e crescer infinitamente, de conhecer e obter cada vez mais a natureza do seu lado visível, como se dissesse, que uma pessoa recebe procuração completa para transferir a vida do mundo desaparecido para uma vida visível de acordo com o grau em que o reconhecimento é alcançado. Quando a consciência alcança cada vez mais, de acordo com seu caminho visível, a unificação completa de todos os visíveis do ser, ela parece expandir cada vez mais a invasão da alma humana e de sua vida prática para a corrente crescente de experiência, que passa do invisível a vida do mundo na vida visível do mundo e como se transferisse sua luz que desaparece para uma luz visível. Para maiores esclarecimentos: A consciência, na medida em que alcança a natureza mundial, é uma conquista visível, como se conquistasse a natureza mundial, como se conquistasse a natureza mundial antes da natureza humana, antes da experiência humana em toda a sua generalidade, que também inclui. consciência. A "mente que desaparece" global parece ceder o seu direito à "mente que desaparece" humana – à "mente que desaparece", mas não à mente visível – de criar a vida do mundo que desaparece, a vida humana visível, de acordo com a extensão do lugar que a consciência conquistou da natureza visível. E este é o segredo da liberdade da vontade humana. A escolha não é entre o bem e o mal numa vida de redução, na qual o homem é proibido como um cão acorrentado - a escolha é nada

mais nada menos do que a capacidade de escolher um dos dois modos de vida: seja em uma vida de redução de acordo com o reconhecimento limitado ou numa vida completa, numa vida de expansão de acordo com a realização Tanto cognitiva como intuitiva. Na medida em que uma pessoa vive de dentro de si para a vida do mundo, a sua vontade, em qualquer caso, estende-se na mesma medida a tudo o que a pessoa vive e torna-se, nesta medida, um livre arbítrio. (A escolha é principalmente geral, humana e nacional, na medida em que a nação cria a vida real. É privada apenas na medida em que o indivíduo participa na criação da vida do geral, como será explicado mais adiante). O papel do reconhecimento a este respeito é, portanto, descobrir o poder da experiência e dar-lhe espaço para agir sem meios e com toda a força, e este papel não foi cumprido pelo reconhecimento. Ela experimentou algo parecido com o que aconteceu com as folhas da planta, que devido ao desaparecimento da ação do vegetal nelas - absorvendo faíscas de luz solar e criando material real a partir delas com o propósito de construir a planta - os humanos não sabiam de toda a importância das folhas na vida da planta.

Isto ficará mais claro se lhe dermos uma expressão mais concreta. Todas as questões sobre o modo de vida que uma pessoa deve aspirar: se viver de acordo com a moralidade ou não de acordo com a moralidade, se altruísmo ou egoísmo, se a vida do comum é o principal ou a vida do indivíduo, em geral, seja para ajustar o cálculo da vida ao cálculo deste ou daquele mundo ou para viver sem Conta, - todas essas questões e coisas semelhantes são, deste ponto de vista, nada mais e nada menos do que a questão: como viver mais ? Como viver uma nova vida em cada momento da vida? Se o homem deve viver todo o seu ser. Seu osso superior aspirando a uma vida de expansão, com seu osso inferior reduzido, de uma só

vez, ou a viver apenas uma parte de si mesmo, a parte mais real, a vida de redução. Deste ponto de vista, o afastamento da vida, o ascetismo, é uma vida de redução, uma parte da vida e não a totalidade da vida, e de forma alguma uma vida de expansão. A aposentadoria da vida é mais ou menos o que a fofoca pela fofoca é em termos de mente: ela conquista, forja a vontade de nada, assim como a fofoca aguça o intelecto ao nada, mas não o viola e não o eleva ao nível de uma vontade superior. Ou noutra face: a questão é se a vida de redução é toda a vida do homem ou apenas uma parte da sua própria vida, porque a vida de todo o seu eu é a fusão da vida de redução e da vida de expansão. E o julgamento disto está inteiramente nas mãos do reconhecimento.

J. O controle da cognição sobre a experiência e seus resultados ⚭

É opinião comum que o reconhecimento nada mais é do que o poder do objeto da existência privada e sexual, como uma espécie de instrumento utilizado pelo animal com o propósito de garantir a sua existência e lutar pela sua existência. E com isso pensam provar que a pessoa privada, como todo ser vivo, nada tem senão a sua vida privada, que se limita ao seu corpo privado e a tudo o que tem relação com as necessidades da sua vida privada. A afirmação é bastante válida em termos do cálculo habitual da vida, que divide a vida numa vida egoísta e numa vida altruísta ou numa vida privada e numa vida geral. Mas aqui a questão não é: se o homem é feito para si mesmo ou para os outros, se para o indivíduo que há nele ou para o todo, - aqui a questão é: como viver para si mesmo: se viver totalmente de si mesmo ou apenas

uma parte de si mesmo? Se os sentimentos e tendências inferiores de uma pessoa são todos dele mesmo ou seus sentimentos superiores também são uma parte igualmente importante de si mesmo? E nisto o reconhecimento não pode emitir um juízo de justiça sem examinar na sua totalidade a reivindicação da experiência , que se expressa no mesmo sentimento de vazio que uma pessoa sente quando vive apenas uma vida de redução.

O reconhecimento é o poder da vida, mas de toda a vida, da experiência em toda a sua totalidade. O crescimento do reconhecimento vem do crescimento da experiência e do crescimento da experiência, – ação repetida. O homem sabe mais, ou seja, a experiência humana se esforça para viver mais, para viver uma vida nova e completa. Mas a questão é: o que é viver mais? Como viver mais? Comer, beber, satisfazer todos os seus desejos mais físicos? Para tal vida, para viver a vida do próprio corpo ou uma vida parasitária às custas da vida dos outros, uma pessoa não precisa de consciência humana excessiva. Uma resposta lógica e vital, clara e satisfatória a esta questão é aparentemente dada pela vida superior do homem ou pela aspiração a uma vida superior: o homem vive mais naquelas emoções e sentimentos que não existem no resto da vida ou existem em menor grau: no sentimento de beleza, amor, misericórdia, conhecimento, verdade, etc., isto é, naqueles canais, em que a vida transborda em sua alma de toda a existência mundana e de tudo o que vive e existe ou em que ele vive de dentro de si mesmo em toda a existência mundana e em tudo o que vive e existe.

Porém, como a experiência humana não aumentou de acordo com o grau de crescimento da consciência , e como resultado essas emoções superiores na alma humana não alcançaram o mesmo valor de vida que as

forças inferiores têm, e o principal é que o o sentimento de união absoluta do homem com toda a existência mundana não aumentou, não aumentou a ponto de ser o governante O único em toda a alma humana, aquele que anima e ilumina toda a alma humana, - as emoções mais elevadas são não é capaz de decidir definitivamente, que a sua resposta à pergunta 'como viver mais?' é a única resposta real, eles não foram capazes de forçar a consciência a obrigar absolutamente o que eles decidem. E nada mais senão termina com esses sentimentos, seu corpo retornando respostas diferentes de uma ponta a outra, às vezes até contrárias ao reconhecimento nada menos que contrárias à resposta proposta neste, deste ponto de vista vemos a abundância de vida no multiplicidade dos elementos da vida, no detalhamento, na profundidade da redução de cada detalhe e na profundidade da riqueza da soma dos detalhes, que se contradizem; Vemos a glória da vida no heroísmo da guerra em vida e na glória do heroísmo, que brilha no conhecimento da tragédia na vida, no conhecimento da profundidade da vida nas rupturas, nas contradições, no caos na vida. Por outro lado, do ponto de vista aqui proposto, a abundância de vida deve ser vista na unificação absoluta de toda a vida e de toda a existência mundana até o infinito, que os indivíduos com toda a profundidade de sua estreiteza não são uma questão de divisão, mas de exame das células de um organismo geral, toda a profundidade de sua vitalidade lhes vem da universalidade da vida infinita. Estas e somente na medida em que se enquadram nesta generalidade absoluta, enquanto a redução de um ou vários detalhes em o gasto do resto dos detalhes corrompe a vida e a diminui. A proeza da vida, de acordo com esta visão, a profundidade da vida, a glória da vida está na proeza da vontade, na profundidade da união nas profundezas de todas as reduções, na proeza e glória desta vida infinita, infinita

em riqueza e profundidade infinita, e na criação desta vida.

Como decidir? Como vocês medirão ou pesarão entre si o infinito em redução e o infinito em expansão?

Isso não pode ser feito pelo poder da cognição sem meios, isso é feito pela experiência - a vida - que inclui todos os valores em um valor supremo e todas as dimensões em um grau supremo, cósmico e infinito. Vemos como a experiência é decisiva onde ela precisa decidir à sua maneira e a consciência não tem controle sobre ela. Por exemplo, onde há perigo para a vida da mãe e para o fruto do seu ventre, vemos que a mãe dá a sua alma pela alma do fruto do seu ventre. o que isso significa Não é por reconhecimento, nem por dever, nem por consideração que a mãe, e em particular a mãe entre os animais, dá a sua vida para salvar o fruto do seu ventre. Na dedicação da sua alma há mais vida do que no prazer de salvar a sua alma. É, se medirmos esta visão a um grau mais elevado, cósmico. Ele diz: Num momento de expansão da vida há mais vida do que na soma total da vida de redução. A condição principal é aqui, como vemos, o imediatismo da experiência, seu domínio sem meios e sem limites, a realidade de um canal não mediado na alma vivente para uma vida de expansão, na forma de uma emoção viva, agindo sem meios e com toda a força da vida, como no caso de Didan, embora em menor medida Minúsculo, minúsculo Anfin, na forma da ligação da alma da mãe na alma do fruto do seu ventre.

A questão começa, portanto, com a consciência humana, que parece ter surgido entre a experiência e as suas manifestações na vida real, com a descoberta do poder da consciência humana para agir com uma mente clara sobre a experiência humana e também para governar a experiência humana de acordo com

seu próprio caminho. A questão é que o poder do reconhecimento tem duas faces: por um lado, o poder de conquistar a experiência, de forçá-la a viver dentro do limite da vida de redução de acordo com a explicação do reconhecimento; E, por outro lado, o poder de influenciar a experiência humana é uma habilidade especial, que não está na experiência do resto do animal, uma habilidade de viver da vida de redução para a vida de expansão no exame da vida a partir de a consciência clara , a vontade inteligente e o poder direcionado do homem, uma habilidade que deve ser vista naqueles sentimentos e emoções, que não estão no outro animal, viveu o que havia em sua vida limitada a partir da vida de expansão irracional , apenas pelo poder da natureza mundial - a questão 'como viver mais?' que foi proposto neste, em vez de todas as questões sobre o modo de vida do homem, assume, portanto, uma forma diferente: ajustar a experiência à cognição ou ajustar a cognição à experiência? No primeiro sentido, significa viver uma vida de redução, quer o reconhecimento conquiste a experiência e a obrigue a viver de acordo com o seu relato limitado, quer não conquiste e lhe acrescente uma vida própria dentro da redução, uma vida de seu próprio. Toda a imoralidade na vida humana, tanto a feia como aquela cuja feiúra não pode ser vista, é fruto do reconhecimento, fruto daqueles acréscimos desnecessários às concupiscências humanas, dos acréscimos à vaidade, concupiscência pela luxúria, pelo mero prazer, que não estão no resto da vida. Mesmo toda moralidade aceita é na verdade dirigida contra esta imoralidade, mas também ela permanece, na maior parte dos casos, dentro do limite da vida de redução. E na segunda forma - se ajustarmos o reconhecimento à experiência - a questão é principalmente: como deve agir o reconhecimento, para que não seja um amortecedor entre a experiência e as suas manifestações na vida real? O que deve fazer

para que a experiência funcione na natureza humana criativa, na vida superior do homem, com o mesmo imediatismo e o mesmo efeito, como funciona na natureza viva, a partir do inconsciente? Ou mais claramente: O que ela deve fazer, para que a emoção da união absoluta do 'eu' humano com todo o ser e todas as suas manifestações, como uma emoção geral suprema, que afeta supremamente todas as emoções humanas, que constitui a realização suprema e o desejo supremo, que dirige toda a vida humana Para este propósito supremo, - o que deve a consciência fazer para que esta emoção funcione, na alma humana conscientemente com o mesmo imediatismo e com a mesma força, que a experiência funciona no alma de todo ser vivo sem o conhecimento do ser vivo, apenas pelo poder da natureza mundana, e somente no momento de necessidade, como, por exemplo, no sentimento da mãe que dá a Sua alma trai o fruto de seu ventre? E antes de mais nada, como trazer à luz se este é o modo de vida humana e o modo de cultura humana e se está ao alcance do poder humano alcançá-lo?

Vejamos o que a cultura tem respondido a esta questão até hoje, e talvez a partir disso fique claro para nós o que estamos pedindo esclarecimentos. Num sentido conhecido, pode-se dizer que toda a cultura humana, desde o início da sua criação até hoje, representa neste aspecto a aspiração de assimilar cada vez mais o reconhecimento da experiência e da natureza, pode-se dizer , do mundo e da natureza humana. Com o poder da cognição, o homem conquista a natureza, subjuga-a à sua vontade e obriga-a a tornar a vida mais fácil e agradável, conquista a experiência. O reconhecimento, de acordo com este modo de realização, é o sol da experiência, que lhe dá luz e ideia, e não o “sol” da experiência, que vem elevar a sua auto-luz. Na experiência dizem que não há luz nem ideia - só existe

poder, tal como não há luz nem ideia naquelas forças cegas da natureza que o homem põe nas suas máquinas e as força, de acordo com a extensão da sua vontade. conhecimento, talento e poder para trabalhar de acordo com sua ideia. A vitória da consciência é a vitória da luz sobre as trevas.

Esta é a conquista e esta é a aspiração.

O homem conquistou a natureza, mas não viveu a natureza, não viveu a própria natureza em toda a sua perfeição. O homem, como vimos, distanciou-se da natureza na medida em que a conheceu, e da consciência, na medida em que ela se expandiu, se aprofundou, se enriqueceu, na medida em que se viu distante da experiência, daquele lado da a alma que invade a própria existência do mundo.

O que causou isso? Por que o espírito humano não cresceu de maneira aparentemente mais natural? No caminho do crescimento da planta - na altura e na profundidade, ao lado do reconhecimento e ao lado da experiência ao mesmo tempo? Primeiro, no início do crescimento do espírito humano, antes da criação da cultura humana, começa realmente o crescimento de ambos os lados, começando pela religião. Até a religião sabe contar na sua perfeição, na sua simplicidade, conforme o seu jeito, porque o homem comeu do fruto da árvore do conhecimento e do fruto da árvore da vida não comeu, ou não pôde mais comer , e foi expulso de seu paraíso. A religião atribuiu a culpa ao que o homem comeu do fruto da árvore do conhecimento e não ao que ele não comeu junto com o fruto da árvore da vida, e também foi atrás da redução e portanto não conseguiu, talvez a consciência, a força principal que elevou o homem do estado de besta e fez dele um homem, deveria antes de tudo ser diferente, para se destacar, para aumentar a sua luz a tal ponto

que obscurecesse ou mesmo obscurecesse a luz da experiência, para que o A pessoa vê com vívida clareza o que tem que fazer, de modo que vê que se não pedir uma maneira de aumentar a luz da experiência a um grau apropriado, seu mundo escurecerá para ela e sua vida não terá vida. quem sabe Enfim - o fato é um fato.

O primeiro resultado da proeminência da consciência, a criadora das formas, sobre a experiência é a tendência de dominar na vida a forma sobre o conteúdo, de buscar a luz da vida não do conteúdo para a forma, mas da forma para o conteúdo. , buscar a correção da vida, a melhoria da vida, a elevação da vida, não aumentando o poder supremo da experiência para fluir da vida do mundo em ithasia e se espalhar para a vida do mundo em ithalia, mas por reprimindo a experiência e colocando-a em formas nobres da esfera da glória, grandeza, heroísmo, graça, etc. Conseqüentemente - seus meios, sua natureza mecanicista e padronizada da vida cultural. Isto não é vida proveniente de sua fonte, mas vida atraída para dentro do recipiente, que tem a forma e o tom do recipiente. Mesmo toda a essência das mais elevadas ambições culturais nada mais é do que uma aspiração de dar ao recipiente a forma e o tom mais desejáveis, refinados a tal ponto que o conteúdo, o fluxo da vida, flua através dele e seja refletido de maneira elaborada. , mas não para dar à vida humana a possibilidade de fluir sem meios com a corrente da vida mundana.

Este fermento da cultura humana encontrou uma expressão vigorosa na mesma visão, que a nossa Torá conta nos ataques (e que, como se sabe, é vista ainda hoje entre os selvagens conhecidos): 'E os olhos de ambos foram abertos e eles souberam que estavam nus, e coseram folhas de figueira e fizeram cintos para eles... e ouviram a voz do 'Deus anda no jardim ao vento do dia, e o homem e sua mulher se esconderão

do Senhor' Deus dentro da árvore do jardim. E o Senhor Deus chamou o homem e disse-lhe: Lamenta. E ele disse: Ouvi a tua voz no jardim e tive medo, porque sou a cidade deles e vou escondê-los. Linha de caráter: Não é de sentir o frio ou o calor escaldante ou a umidade que o homem tem a ideia de se vestir bem, mas sim do reconhecimento da necessidade de ignorar a si mesmo e à natureza ou, como se diz hoje, de a necessidade de embelezar e decorar.

Esta é a cultura: a pessoa se veste e se esconde. A cultura não tolera a nudez total, a imodéstia total, a vida do ser infinito se espalhando ao infinito. Todos os tipos de formas emprestadas, todos os tipos de roupas, todos os tipos de fronteiras, todos os tipos de meios para ignorar, para definir, para fortalecer, para encolher. Do traje e do apartamento aos costumes e à ordem social (existente e desejada), - todos são direcionados principalmente (a necessidade necessária é quase nula na minoria) para esse fim. O padrão para medir o gosto, a beleza, a grandeza, o heroísmo, a moralidade é a mediocridade, a autodefinição, a fortificação, o desrespeito do homem por si mesmo (e, em qualquer caso, pelos seus semelhantes, ou no início - de qualquer maneira, e no final principalmente pelos seus). próximo) e para a natureza ou pelo menos a distração de si mesmo e da natureza. Até a língua é usada por uma pessoa vestida para cobrir a sua nudez. Maeterlinck diz com razão que as pessoas não sabem calar ou mesmo temem o silêncio, quando estão juntas há anos numa relação estreita, porque a maior parte da conversa chega a esconder alguma coisa. Não há nenhuma ação mística aqui - é simples. Durante milhares de anos o homem aprendeu a ter vergonha da sua nudez, a ignorar a natureza, a si mesmo e aos seus semelhantes, e não é de admirar que hoje ele esfolie a sombra da sua imagem? Tanto a sombra de sua imagem ele vê na alma de seu amigo a partir do

silêncio, tanto sua alma velada pela mão do silêncio diante da alma de seu amigo ele teme. E o seu sinal - porque mais do que nós ele sabe calar-se com o amigo, não sabe falar com o amigo na mesma linguagem arrastada, em que a alma fala consigo mesma nas horas de completo enredamento espiritual. E um sinal prova ainda mais - que mesmo consigo mesma a alma nem sempre pode ficar calada, porque mesmo consigo mesma nem sempre está completamente coberta com roupas emprestadas da sociedade. Há momentos em que uma pessoa se lembra de algum discurso ou ato ofensivo de sua autoria (especialmente insultá-la na frente de outras pessoas), o que torna sua alma tão difícil que ela não consegue ficar quieta consigo mesma. Portanto, fuja de sua boca, ou, quando sua vontade o impedir, permaneça sob o limiar de sua boca abrindo palavras ou expressões (na maioria das vezes, aquelas que nada têm a ver com a mesma coisa), que vêm apenas para esconder a mesma coisa. coisa da alma, para silenciar o sentimento difícil, o homem soube calar-se sempre consigo mesmo, soube falar com o amigo na linguagem da alma, - e também soube ficar calado com o amigo. Mas não se pode saber falar sim, enquanto a língua não souber falar sim, enquanto a vida de quem fala a língua dos homens não souber falar sim.

O segundo resultado de destacar o reconhecimento sobre a experiência é que a experiência não tem espaço para se espalhar na vida do mundo, na luz do mundo, então inevitavelmente encolhe e encolhe, engrossa e fica distorcida. Quando não há espaço suficiente na vida cultural de uma pessoa para as suas aspirações mais elevadas, espaço suficiente para a difusão da sua energia vital em todas as partes do seu corpo e alma em igual medida, para o desenvolvimento dos seus instintos superiores, por assim dizer , em perfeita harmonia com seus instintos inferiores, toda a

energia vital caiu para o domínio de seus instintos inferiores. Em vez de permanecerem fiéis ao seu papel essencial e natural, transformaram-se em luxúrias vis, a tal ponto que são incomparáveis com outros animais.

E um terceiro. A forma de cultura que foi criada à imagem da consciência, criadora das formas limitadas, que não permitiu que a experiência humana fluísse e continuasse na sua forma atual, fez com que o ser humano, que teve o seu início, o seu A origem primeira, na vida do mundo, foi arrancada não só da vida do mundo, mas também de si mesma. A experiência humana foi dividida em anos. O homem começou a ver e sentir em sua vida duas partes que não se combinam, a vida corporal e a vida da alma, a vida material e a vida espiritual, a vida egoísta e a vida altruísta, a vida individual e a vida geral, - e tudo dentro da vida limitada, dilacerada da vida do mundo! O homem não é aqui a imagem de Deus, que inclui na sua estreiteza tudo o que está incluído na existência mundana na expansão infinita e na vivência do seu estreitamento em tudo o que vive e existe na existência que se expande até ao infinito, que é a vida de tudo isto, entre a vida de cada pessoa e entre a vida de tudo o que vive e a existência de tudo o que é, portanto, são a sua vida real, na medida em que, claro, ele pode alcançá-las, vivê-las, - o homem nada mais é do que um dos detalhes de uma das regras, que no seu mundo não tem senão a sua privacidade limitada e cuja vida inteira nada mais é do que esta redução, o aprofundamento da sua redução e o fortalecimento da sua redução. Conseqüentemente - ou uma guerra contra sua redução, contra o aumento de seu poder limitado e concentrando sua luz limitada em seu limitado, pequeno e pobre “eu”, etc., etc., ou salvando seu limitado “eu” cancelando-me completamente ou submergindo-o isso em nome do 'eu', o limitado e diluído do 'outro' e assim por diante.

Resumindo: a natureza da cultura na forma como é vestida até hoje é o caráter de uma planta sem clorofila. O mesmo afastamento da fonte de luz, da fonte da vida, a mesma qualidade parasitária e parasitária com tudo o que lhe diz respeito, a mesma falta de simplicidade, o mesmo adorno com flores às custas do trabalho e da vida dos outros, o mesmo embotamento da força vital, que favorece a vida do feito, do real em detrimento de uma vida de criação da luz e do ar, conhece-se a mesma definição no campo da sucção. Porque falta o principal – falta o poder de absorver a abundância suprema e ser construído a partir dela. A vida humana foi desligada da sua fonte e é, de qualquer forma, limitada, pobre, pequena, insípida, vazia, zero. Daí, por um lado, a busca ardente de uma vida de prazer, a ambição mórbida de arrancar do sedimento da vida o que ainda nela há de sabor, de caçar peixes em águas turvas. E por outro lado, daqui - os constrangimentos mentais da ociosidade, o ceticismo estéril, o questionamento e a perplexidade sem propósito, os pedidos aéreos ou místicos, o desespero para cancelá-lo. Perdeu a luz da vida, perdeu o sabor da vida, perdeu a capacidade de alcançar a vida, perdeu a capacidade de viver.

11 Reconhecimento e experiência no animal e no humano

A cultura humana continua até hoje no caminho de uma acção repetitiva incompleta entre os dois tipos de realização – experiência e reconhecimento . É assim que tem que ser? O homem sente a necessidade de acreditar de outra forma, sente a necessidade de acreditar, porque teria sido de outra forma. Talvez

fosse necessário que o homem reconhecesse antes de tudo o seu próprio poder especial, o poder do seu conhecimento que é superior ao de todos os animais, para que esse reconhecimento se destacasse, se tornasse mais forte, ocupasse o seu lugar especial na vida e na vida. o mundo, para que o homem seja libertado antes de tudo da sua escravidão animal à natureza ou da sua própria queima. Seja o que for - e essa coisa deixou sua marca em todo o curso da vida humana. A principal vantagem da cognição humana destacou-se na sua capacidade de se desenvolver, expandir e aprofundar infinitamente. No entanto, esta vantagem está associada a muitas avarias e problemas. A vida do homem tornou-se iluminada, inteligente e humana pelo poder de seu conhecimento excessivo, mas na mesma medida sua perfeição cósmica foi perdida por eles. Toda criatura viva, exceto o homem, cujo grau de consciência corresponde precisa e estreitamente às necessidades de sua vida, de acordo com o que é aqui, de acordo com seu lugar cósmico, nada menos e nada mais. Com o poder da sua consciência ela mantém a sua existência e sustenta a sua existência privada e sexual, na medida em que entra no cálculo supremo e cósmico, na medida em que é necessário para a beleza da harmonia suprema, a harmonia mútua e abrangente de tudo o que vive e é. Todo o resto: o sabor da vida, o prazer da vida, e por outro lado - a ideia de vida, a responsabilidade da vida, tudo isso é feito pela própria experiência, pela força vital do ser vivo. A criatura viva está viva, e o raciocínio e o cálculo parecem ser dados e feitos pela própria natureza com a força vital de suas criaturas vivas. A criatura viva, pode-se dizer - talvez com uma limitação conhecida, - vive apenas o momento presente no tempo e o âmbito que ocupa no lugar, mas vive isso plenamente. Quando e onde ela se considera a salvo do perigo, ela vive a sua segurança em plenitude, - nenhum vestígio de morte obscurece o brilho da sua

vida; E no momento do perigo ou no momento da perda da vida, mesmo assim ela a vive completamente, exatamente com a mesma consideração que a natureza do mundo exige. Na hora e no lugar diante dela para realizar seu desejo, ela o realiza completamente; E embora não haja nada diante dela para satisfazer sua luxúria e o corpo não tenha a mesma luxúria, não há nenhum vestígio dessa luxúria diante dela. A luxúria não surge nela desnecessariamente e não corrompe o sabor natural de sua vida. Ela busca satisfazer sua luxúria apenas quando tem uma necessidade vital disso. Tudo isso parece dizer que em sua vida todos os seus poderes, seus sentimentos, seus desejos, seu grau de consciência são adequados para o seu certificado e cumprem perfeitamente o seu papel.

Não é assim o homem, segundo a forma que lhe foi dada pela sua cultura, a criação da consciência que se desenvolveu à custa da vida. Toda a força da consciência humana é que ela é excessiva, excessiva em qualidade e excessiva na medida necessária para a existência física, privada e sexual do homem. E os dois lados desta vantagem ou excesso, o excesso em grau e o excesso em medida, são convenientes para entrarem em conflito um com o outro. O excesso da consciência humana em qualidade , em qualidade, além da necessidade de vida física, não tem contradição com a vida como força cósmica, e pelo contrário, sendo fruto de uma ação completa e repetida entre a conquista da experiência e a conquista de reconhecimento, vem trazer à luz a luz da vida que desaparece. O que não é o caso por parte do excesso, que em termos de vitalidade é sinônimo de inanimação ou de vida vazia e enfadonha, sendo fruto de uma ação repetida incompleta entre a conquista da experiência e nela a conquista do reconhecimento. A natureza disto exige que, além do seu conhecimento da extensão da sua vida física, o homem a utilize antes de tudo para a

expansão e melhoria da sua própria vida física. A proteção contra os danos da natureza viva e inanimada, o sustento para as necessidades da existência privada e sexual tornaram-se infinitamente mais belos para o homem do que para o resto dos animais, e na mesma medida a sua vida também se tornou mais bela do que a vida deles, e assim seu poder sobre eles aumentou e na mesma medida também seu valor aos seus próprios olhos. E o excesso de consciência tornou-se cada vez maior à medida que a vida humana se expandia, à medida que o homem acrescentava fortificação, provisão, expansão à sua vida física, porque aqui há uma ação repetitiva. E o homem passa a acrescentar à sua vida física a partir deles, do prazer da vida física, estimulando seus desejos, para que estejam sempre despertos, aguçando o próprio poder do desejo e acrescentando magia à questão da luxúria. Ele usou seus poderes da esfera espiritual para isso: o poder da imaginação, o poder da criação, o sentimento de beleza. O poder da imaginação ajudou-o a excitar os seus desejos em todos os momentos e aguçá-los ao limite, e o sentido da beleza com o poder da criação ajudou-o a dar uma bela forma à questão da luxúria, e os outros poderes ajudaram a cumprir sua satisfação. A partir de agora, as concupiscências físicas não eram mais apenas um meio para a existência privada e sexual do homem, como é a prática entre outros animais em virtude da necessidade natural, mas se elas se tornassem um fim em si mesmas e, num sentido bem conhecido, também o fundamento da vida, que muitas vezes levou não só à corrupção do espírito, mas também à corrupção do corpo. Segundo a história, os ricos entre os antigos romanos costumavam, depois de comer o quanto quisessem de todos os tipos de iguarias, colocar um dedo na boca e vomitar o que haviam comido, para que tivessem a oportunidade de saborear os alimentos. de luxúria novamente. Não é

difícil imaginar o quão prejudicial tal medida é à saúde do corpo. E quanto à luxúria sexual, na medida em que se tornou um fim em si mesma, na medida em que não raro a morte é intencionalmente precedida por aquilo que a luxúria vem dar à luz, e na medida em que corrompe corpo e alma conjuntamente, há não há necessidade de fornecer provas. Uma espécie de ramo da luxúria sexual é o desejo de enfeitar e exibir, que leva, por exemplo, o selvagem a sofrer severos tormentos, para enfeitar seu corpo com uma inscrição tatuada que lhe agrada aos olhos. Não muito longe disso está o desejo das pessoas cultas por uma roupa rica, um apartamento e utensílios ricos, etc., o principal em tudo isso não é a satisfação da necessidade essencial para elas, nem a satisfação do sentimento de beleza - pois existe o desejo de pensar, - mas sim a satisfação do desejo de se exibir, de crescer, de se definir. Mas mesmo isso não é suficiente. Quanto mais uma pessoa aumenta seus desejos, mais ela dá uma bela forma aos objetos de seus desejos, mais ela realiza seus desejos - ainda não será suficiente para ocupar toda a sua consciência, ela ainda terá um excesso de consciência , que, em termos de vitalidade, é, como mencionado, aquele com falta de vida ou com uma vida vazia e chata. E o homem veio para preencher o vazio, para acrescentar vida a si mesmo a partir da vida dos outros, escravizando a vontade e o poder dos outros à sua vontade. Assim nasceu, e especialmente se desenvolveu, o desejo de poder, e assim nasceu também o desejo de riqueza, que também não é senão uma das formas de governo. O lado igual deles, que ambos sugam parasitariamente a vida dos outros. Some-se a tudo isso, por outro lado, porque o conhecimento excessivo da pessoa aumentava seu medo da morte ou aprofundava seu sentimento das tragédias da morte, a sensação de nada na vida com a morte, até que esse sentimento por si só fosse

suficiente para levá-la ao desgosto com vida, - adicione mais isso e a imagem será Salomão

Assim, no próprio poder de sua consciência excessiva, o homem foi, começando com o traje e terminando com o desejo de poder, foi e escondeu e ignorou o espírito da vida do mundo, seu próximo, ele mesmo, foi e se reuniu em sua carapaça como uma tartaruga em sua armadura, foi e se rasgou e se distanciou da natureza, foi e se fortificou dentro de suas paredes culturais mecânicas. A vida humana cultural foi marcada como algo que aspirava ao lado oposto do curso da vida cósmica, como se dissesse: a natureza humana foi marcada como algo que aspirava a assumir a forma de um tecido patológico no corpo da natureza mundial. Aqui foram marcados os primeiros pontos da tendência, que doravante ocorreu no curso da vida humana, de que todos os desejos e emoções em sua forma humana, todas as crenças e opiniões, toda poesia e arte, todos os eventos e ações na vida humana são apenas sua expressão vital. A tendência é: do ponto de vista subjetivo - de uma regra suprema de obtenção da vida que é habitual na natureza viva, para a participação na obtenção do reconhecimento na regra suprema da natureza humana, daí - para a ascensão de a consciência superior a uma regra suprema e única; Objetivamente – da natureza, da floresta e do campo à aldeia, à cidade e ao volume; Em termos de vida coletiva – da família, da tribo, da nação ao estado e à sociedade.

A forma humana da natureza e da vida humana começa com a religião. A religião, em termos da sua essência fundamental, é o sentimento da unidade absoluta de todo o ser e da harmonia suprema absoluta, aquela conquista da vida, que se concentra na conquista do reconhecimento na forma de emoção, a emoção religiosa; E em termos do seu lugar entre os outros

elementos da alma humana, é como uma transição da conquista da vida para a conquista do reconhecimento claro, como uma conquista da vida iluminada pelo reconhecimento ou como uma conquista informada da vida, se for preciso dizer então. A consciência participa principalmente como uma conquista emocional e intuitiva, e não na forma de uma conquista de uma mente clara. E por esta razão, a religião foi antes de tudo útil para a criação do mundo da nobreza e do mundo da criação, como a moralidade, a poesia, a arte, que inicialmente se basearam na religião e foram utilizadas para a religião, para o propósito de adorar a divindade e descrevê-la. Em geral, a religião não tem outro fundamento, nenhuma outra expressão, e nenhum outro meio de investigação e prova além da emoção e dos meios de expressão da emoção. E por isso, onde quer que a consciência viesse iluminar mais a religião, esclarecer e esclarecer à sua maneira, já a retirou do domínio da religião e a trouxe para o domínio da metafísica ou do misticismo, que na verdade não têm base. E não mais do que isso, pelo que a consciência entrou numa autoridade que não lhe era própria, não iluminou o que podia e deveria iluminar e cancelou o que não tinha autoridade para cancelar. Aqueles empenhados em esclarecer a essência da religião estão acostumados, por exemplo, a ver o centro de seu estudo no tema objetivo da religião: da obrigação da realidade de Deus eles vêem a obrigação da religião, e da negação da realidade divina a negação da religião também se torna aparente para eles. E como a realidade da divindade não pode ser imposta e não pode ser negada pelo poder da cognição, descobrimos que a religião é um tipo de coisa que depende de contenção ou simplesmente algo que não tem alvorecer. Isso vem da substituição da forma de expressão da religião pela religião propriamente dita, principalmente o tratamento. A religião é inteiramente subjetiva (portanto, você encontra religião mesmo

onde não há crença em Deus, por exemplo – a religião de Buda), mas essa subjetividade é única e, portanto, sua verdadeira forma não foi revelada de forma alguma. Aqui - o lado da alma humana, que invade o próprio ser do mundo, um lugar de obsessão e união da alma humana com a alma do mundo, se assim for, como se ela e o ser do mundo fossem um e o mesmo, semelhante, porque o que alcança sem meios, o que sente e pensa ao alcançar uma vida infinita Medialmente, o ser mundano alcança, sente e pensa nisso. Aqui está todo tesouro ou fonte da personalidade, tudo o que lhe dá a possibilidade de ser ela mesma desde a própria essência do ser. O homem, especialmente quando se liberta das algemas dos humanos e das algemas dos humanos e das algemas dos humanos, quando se vê como único dentro da criação do mundo e sente a necessidade de se unir à criação do mundo, ou quando participa dela na criação e sente a necessidade de participar com ela na criação, - o homem percebe a criação que não é -Este Sufi é percebido por esta criação como uma coisa definitivamente unida consigo mesmo, percebe-se como vivo com um espírito de vida uno com ele, vive com tudo o que vive e em tudo o que vive, presente com tudo o que está presente e em tudo o que está presente, como se o 'eu' Dele fosse o 'eu' de todo este ser, e de todas as partes deste ser, de todos as visões da natureza e da vida, de tudo o que vive e é, incluindo ele mesmo, nada mais são do que detalhes em uma generalidade absoluta, uma harmonia suprema, que ele vive como um todo. Se não for assim, onde, por exemplo, uma pessoa tem a sensação de participar do que foi, é e será em toda esta criação infinita? De onde vem a dor global, a participação na dor de tudo o que vive, de tudo o que sofre? Onde está a preocupação com o que acontecerá após sua morte? Onde é que uma pessoa tem o sentimento de direito, de que se sente com direito a tudo, e especialmente o sentimento

de responsabilidade, de que se sente responsável por tudo? Não é difícil dizer: imaginação. Mas qualquer aparência de sentimento,Onde o sentimento não é nada ruim, ele tem raízes na emoção real ou na luxúria real - e essa raiz é o que se deseja no caso de Didan.

Por parte da consciência , a pessoa vê tudo como separado dela ou também se opõe e contradiz, vê que nem tudo é apreendido por ela ou que tudo desaparece dela, porque o principal é que a consciência não a apreende. E ele se pergunta e olha para esta coisa principal, enquanto sua consciência está em um estado primitivo, e vê nela uma existência real, até que sua consciência esteja desenvolvida em todas as suas necessidades, e o chama de Deus, - e ele pergunta sobre este principal, quando sua consciência está desenvolvida em todas as suas necessidades, ele pergunta: Existe Deus se não existe? Mas a consciência não sabe responder a isso, o ser que deve se relacionar com ela é de um ponto de vista absolutamente não alcançado pela consciência. E não é preciso dizer que esse principal não está no âmbito das relações que estão no limite do reconhecimento, tais como: 'diante do mundo', 'juntos, num só sinal com o mundo', 'fora o mundo', 'dentro do mundo' e assim por diante. E a consciência não pode julgar nada sobre a sua inteligência. Se você disser: “A inteligência desapareceu”, então a inteligência dele não está dentro do escopo de sua obtenção. Porque, portanto, se você quiser e se quiser, você diz que todos os nomes de um tipo: 'monoteísmo', 'politeísmo', 'panteísmo', 'teísmo', 'ateísmo', que passam a ser usados como uma apresentação de o invisível e sua relação com o mundo, nada mais são do que palavras sem Conteúdo, fora o que é marcado pelas formas de confusão, pelas quais o espírito humano vagueia e vagueia, por favor na contagem da consciência o que não existe. É absolutamente claro apenas porque o principal

desapareceu. O invisível pode ser chamado de ‘Deus’, mas não se pode dizer ‘é’ ou ‘não é’, conforme a compreensão desses conceitos no limite da cognição. É claro que a cegueira da pessoa desaparecida não é mais um conceito a ser reconhecido do que a sua inteligência, e é possível dizer que “a inteligência desapareceu”, mas novamente não no mesmo sentido que o conceito de “inteligência” está em o limite do reconhecimento.

Isto é tudo o que precisa ser dito em termos de reconhecimento, em termos de objetividade. A cobrança vem do lado da subjetividade, do lado da concretização da vida. Na medida em que o homem sente em todo o seu ser a união suprema, mas especialmente a sua própria responsabilidade suprema, na medida em que ele obriga a Deidade, a mente invisível, no sentido aqui explicado. O que a observação e a experiência e os factos assim obtidos são no que diz respeito ao reconhecimento, o são no que diz respeito à realização essencial, a vida dentro da natureza e com a natureza, a adesão de todo o ser humano à essência da natureza, à sua imensurável absorção da própria vida da natureza. Deste ponto de vista, pode-se dizer que as três emoções principais, que distinguem de forma única o homem dos outros animais - a emoção religiosa, a emoção moral e a emoção da beleza - são três lados de uma coisa, e a base de todos deles, o ponto de engenharia em todos eles, é a emoção religiosa, que se formou a partir da conquista da vida sem meios.

O sentimento de moralidade nada mais é do que o mesmo sentimento religioso, o mesmo sentimento de unidade suprema em termos de responsabilidade suprema , que vem de acordo com o propósito de uso na vida real. Colocar a moralidade precisamente naquela reivindicação da razão superior, que aqui é

contrária às boas tendências do coração humano e acima delas, começa com o conceito do certificado do homem para ser a coroa da criação, para se destacar, para superar sua simples natureza humana, para ser digno de receber uma recompensa maior, seja de Deus ou de si mesmo, na forma de Reconhecer o próprio valor supremo. A liberdade suprema procurada na moralidade não deve ser procurada em cada acção e acção por si só, em que o homem não é verdadeiramente livre, estando colocado numa rede de razões que actuam sobre ele de todos os lados, - a liberdade suprema está na escolha do caminho para a vida em geral: se o caminho da vida da cultura mecânica, que conduz inevitavelmente a uma vida imoral ou ao modo de vida natural, que dá a possibilidade de viver uma vida mais desejável. E também aqui a escolha está principalmente nas mãos da nação como um todo, que cria a vida real.

A moralidade mais elevada, conforme exige o bom senso, representa a completa naturalidade da natureza humana, o sentimento de unidade suprema a tal ponto que uma pessoa dá sua alma por aquilo que ela exige por necessidade interior, por exemplo, como a mãe entre os animais que dá a sua alma para salvar o fruto do seu ventre, Aqui há uma necessidade de uma realização vital imediata na alma da mãe, porque aqui está em perigo uma parte de si mesma, a parte que é mais importante para ela, e ela é impelida por uma força interior a dar a sua alma a fim de salvar a parte de si mesma que é mais importante para ela do que a sua alma. Aqui não há dever nem moralidade no sentido humano, mas há vida em um nível superior. Eles dirão: egoísmo. Mas se todo o egoísmo humano não fosse assim, poderíamos decidir com absoluta certeza que não existe medida mais elevada no mundo do que o egoísmo. E eu realmente não teria medo de dizer que toda a aspiração da humanidade por uma vida superior

- se é que realmente existe tal aspiração - nada mais é do que uma aspiração para alcançar um egoísmo tão elevado.

E o sentimento de beleza nada mais é do que o mesmo sentimento religioso, o mesmo sentimento de unidade suprema, apenas em termos da harmonia suprema, e do lado objetivo o sentimento da harmonia suprema, conforme se revela para alcançar o reconhecimento na forma de visões da natureza e da vida. Este, pode-se dizer, é o verdadeiro critério da verdadeira beleza natural, que não é o resultado de um sentimento tendencioso devido a uma luxúria desaparecida e não é o resultado de um sentimento patológico, esta é a beleza suprema em todas as suas formas.

Porém, deste lado, do lado da subjetividade, do lado da elevação da realização da vida ao nível de um sentimento vivo e informado, a natureza humana não avançou nem ascendeu, e vice-versa. O homem soube aproveitar a natureza do lado da cognição, do lado da objetividade, em medida suficiente, senão demais, mas do lado da vida, do lado da subjetividade, não tirou nada, e vice-versa . Ele só sabia gastar, mas não acrescentar ao que lhe era dado, como fazia pelo lado da objetividade. Ele viu a riqueza da vida e a felicidade da vida do lado da objetividade, e não viu o poder da vida e a abundância da vida, que fazem da própria vida a felicidade suprema, do lado da subjetividade. Aquelas emoções superiores, que foram produzidas nele desde o início de sua criação a partir da conquista da unidade existencial, como a emoção da religião, a emoção da moralidade, a emoção da beleza, a emoção da criatividade, a emoção da misericórdia, o amor , justiça, verdade, santidade, etc., que tanto lhe deram e que poderiam ter-lhe dado muito, muito mais. Mais, ele partiu, e eles também ficaram muito enfraquecidos, mas para lhes dar força, para renovar eles e talvez -

quem sabe? - talvez adicionando novas emoções mais elevadas a eles, - ele não pensou nisso de forma alguma, se não pensasse em tal pensamento como as alucinações do novo misticismo que diz para espremer a luz e a vida imaginária da escuridão do defeituoso psique, em vez de ganhar da mão da natureza o que deveria ser conquistado naturalmente.

12. O fator cósmico na religião

A partir deste especular é fácil perceber que o curso de toda a cultura superior da humanidade, o curso das opiniões nas esferas da filosofia, da religião, da moral, da arte, bem como o curso dos espíritos e das correntes na esfera da vida coletiva , - porque o curso de tudo isso gira em torno do enfraquecimento do poder de alcançar a vida, não menos do que gira em torno do fortalecimento da conquista do reconhecimento e do desenvolvimento da vida coletiva. Por exemplo: A crença em Deus, mais precisamente, a certeza quanto à sua racionalidade de um ponto de vista superior, desapareceu do ser, quanto à racionalidade dos desaparecidos, afrouxou-se na medida em que o reconhecimento se desenvolveu e a opinião se multiplicou, mas não menos que a a fraqueza da abundância de vida, o embotamento do sentimento de unidade com o ser mundano, resultante da distância Homem da natureza. O sentimento vivo desta unidade é um poder e uma certeza não menos grandes que o poder de qualquer prova no mundo, ou melhor, é o próprio poder da certeza. Porque é por isso que você encontra, por exemplo, dois pensadores, aproximadamente iguais no poder do seu conhecimento, na amplitude da sua mente, no grau da sua verdade, um dos quais requer o intelecto do

invisível e o outro está iludido, só porque a mente do primeiro é mais invasiva na contagem do ser sem meios, porque a mente dele é mais poética. E o mesmo acontece com as opiniões morais, e o mesmo acontece com o gosto pela beleza, e o mesmo acontece com as correntes e as guerras na vida coletiva, que dependem do gosto da pessoa pela vida, do que a pessoa vê como o prazer da vida, a felicidade da vida, seja na plenitude das exigências dos instintos inferiores e dos sentimentos medíocres, seja na plenitude das exigências dos sentimentos superiores, mais verdadeiro para todas as emoções, as superiores com as inferiores, em harmonia perfeita. E isso depende novamente, por um lado, do grau de abundância de vida e, por outro lado, do grau de poder de cognição e dez. Se ambas as partes agem igualmente, o gosto pela vida está intacto e, em qualquer caso, a satisfação da vida está intacta, a vida do além, e se uma das duas partes age às custas da outra, o gosto é igualmente deficiente. , e a vida é deficiente.

Aqui temos que levar em conta o poder da vida no kibutz, o poder do gosto do kibutz sobre o gosto de cada indivíduo do kibutz. O poder do gosto coletivo é maior que o gosto do indivíduo, não só nas coisas externas, como roupas, apartamento, louça, etc., mas também em todo o âmbito da vida. Quando o kibutz encontra um propósito na vida da cidade com tudo o que lhe diz respeito, investe nele todas as suas energias, ou seja, obrigando involuntariamente os proprietários de todos os detalhes a investirem neles toda a sua vontade, toda a sua energia, todo o seu esforço físico e poderes espirituais, para melhorar esta vida, para melhorá-la, para adicionar todos os tipos de sabores, todos os tipos de prazeres, e até mesmo para adicionar luz e ideia a eles. E com o herói da vida citadina, as tendências e desejos a ele relacionados também se desenvolvem com mais força, e tudo isso

atua nos indivíduos para mantê-los fortes para a vida citadina, atua neles para encontrar neles o sabor mais elevado da vida. E contra isso, os indivíduos fazem tudo o que podem, também, é claro, sem saber, para esvaziar a vida da natureza de todo significado e conteúdo. A natureza assume o carácter de mercearia e, se quisermos, de todas as necessidades da vida, tanto físicas como espirituais, mas de loja, de armazém, e não de fonte de vida quando é para si, mesmo sem levar em conta o que atende às necessidades reais. O campo semeado, a floresta, por exemplo, são preparados em tal e tal medida de grãos ou em tal e tal medida de árvores, em tal e tal dinheiro; O animal, o animal, a galinha – no peso da carne ou no preço da pele, na lã, na força de trabalho, e assim por diante. Não há outra relação com a natureza que tenha sido colocada à disposição do homem. E tudo isso funciona para todos aqueles que tocam no assunto, e mesmo para aqueles que não tocam no assunto, sem interrupção, a qualquer hora e a qualquer hora. A partir daqui você pode ver claramente que tipo de influência a natureza pode ter sobre o homem. Não é de admirar, porque o homem se tornou semelhante a uma planta parasita, que carece de poder criativo para sugar a vida dos raios de luz do sol e das ondas de vento da terra. É diferente, se pararmos um pouco, porque o kibutz vê o sentido da vida na vida da natureza. Desta forma, os indivíduos, consciente e inconscientemente, investiram todas as suas forças físicas, intelectuais e mentais, a fim de curar, melhorar e tornar a vida da natureza o mais agradável possível, procuraram e encontraram nelas toda a luz e todos a felicidade que se encontra neles, eles se esforçaram para alcançar E sentindo o sabor de uma vida criativa, eles veriam a qualquer hora e a cada hora não só a si mesmos, não só a pessoa, mas o mundo inteiro, eles veriam que ainda existe um lugar para viver, um lugar para trabalhar e criar, um lugar imensamente maior do que se pode imaginar. e

assim por diante. E aqui, também, as inclinações se desenvolveriam a partir das emoções apropriadas, das inclinações e das emoções superiores, e vice-versa, na mesma medida em que as inclinações e as emoções superiores eram, e vice-versa, na mesma medida as inclinações e desejos inferiores estavam relaxados, saudáveis, devolvidos à sua natureza. Tudo isso se repetiria novamente e funcionaria em cada parte de sua vida em uma vida natural, ele trabalharia nele para encontrar o sabor mais elevado em uma vida natural.

Disto aprendemos que o lugar que a vida coletiva ocupa na criação do indivíduo é incomensuravelmente maior, e o principal é mais profundo do que estamos acostumados a pensar, - mais corretamente, que a vida coletiva é o alicerce dos alicerces do criação da auto-forma do indivíduo. O indivíduo foi e está sendo produzido ao longo de sua vida a partir da vida coletiva, e se ele retorna e atua no kibutz, então ele apenas dá o que é seu. Se desenhassemos por um único momento, e ele tivesse os poderes mais geniais e os ossos profundos, grandes e poderosos, a ponto de não haver ninguém acima dela, que cresceu e viveu completamente sozinho em alguma ilha solitária, porque então, é claro, ele nunca teria saído do estado de besta. Toda a sua forma especial e todo o seu lugar especial do indivíduo na vida são revelados e delimitados na vida coletiva. Sua singularidade, sua essência no caráter, na emoção, no pensamento, na linguagem, nas opiniões, na poesia, na arte, nada mais é do que um estilo especial, um eu na forma geral do caráter do kibutz, da vida do kibutz, e é só é possível a partir do que está pronto antes dele, do que o kibutz criou para todos os detalhes em que o caráter humano, a emoção humana, o pensamento, a linguagem, as opiniões, a poesia e a arte. O espírito do kibutz, a vida do kibutz se completa no mais íntimo do ser do indivíduo, em seus sentimentos, em seus

pensamentos, na verdade aqueles sentimentos e pensamentos, que aparentemente são sua propriedade especial, que se opõe ao espírito e à vida de o kibutz. Pode-se dizer que o trabalho emocional do indivíduo, buscando a renovação, nada mais é do que a agitação da ação mútua do elemento coletivo e do elemento individual em sua alma, assim como o trabalho de sua mente nada mais é do que uma conversa com ele mesmo, uma conversa entre esses elementos. Porque, portanto, pode-se dizer que aqueles indivíduos que encontram um contraste e uma contradição entre o individual e o geral, entre a vida do indivíduo e a vida do geral, deveriam procurar o contraste e a contradição em si mesmos. Os indivíduos notáveis, se se destacarem pela sua própria estatura e pela sua ascensão, e não por estarem sobre uma pilha de papel fertilizado com opiniões, pensamentos, poesia, ou sobre a pilha de esterco de papel em chamas, tagarelando em suas bocas, - os indivíduos destacados não vivem em oposição e contradição com a vida coletiva, mas antes da vida ou à frente da vida do kibutz, e na medida em que seu poder é grande e sua elevação aumenta, eles elevam a vida do kibutz ao que deveria ser elevado, e na mesma medida e da mesma forma que elevam o osso do kibutz, eles também elevam seu osso especial a uma altura óssea mais alta.

O que obscurece o modo de pensar aqui, como em muitos outros assuntos importantes, é que o momento nacional na vida coletiva não é levado em consideração. Precisamente nos locais onde o momento nacional é o principal, nos locais onde a nação actua como personalidade, como pessoa colectiva - e apenas como acção de uma personalidade colectiva, a sua acção tem o valor da vida e a potência da vida - precisamente nesses lugares a nação é vista como reduzida e ignorada. Os que vêm em nome da ciência exacta e também os que vêm em nome do

idealismo supremo, tanto os que vêm em nome do individual como os que vêm em nome do universal - estão unidos na opinião de que o caminho para a vida desejada é do indivíduo para a humanidade sem meios, porque o kibutz nacional é uma coisa aleatória, mecânica e só se utiliza além do coletivo supremo, para a humanidade, porque a vida nacional não tem valor supremo em si mesma e todo o seu valor é medido pelo grau em que ajusta o indivíduo à vida humana geral. Ver a nação como uma criatura viva em si mesma, ver a vida da nação como o fundamento da vida humana - afinal, isso é reducionismo, se não estupidez. Essa é a opinião. É compreensível, porque a vida chega e alimenta aqueles que têm esta opinião na cara e vira a tigela de cabeça para baixo, - e aqui eles têm contrastes e contradições para onde quer que se voltem, porque na realidade não existe um agrupamento humano único e não existe um agrupamento geral vida humana, na realidade só existem nações, e a humanidade nada mais é do que uma abstração ou um somatório delas o total de todas as nações. Não há pessoa no mundo que viva uma vida humana por nada, mas cada pessoa vive uma vida nacional, seja a vida da sua nação ou de outra nação. Aquele que se afasta da nação, buscando uma vida mais ampla, vê a sombra da vida como vida, e a sombra está sempre crescendo à medida que o calor diminui. O caminho para a vida desejada não pode ser encontrado e não pode ser procurado fora da vida. A personalidade do indivíduo nada mais é do que uma célula da personalidade coletiva da nação, e apenas na medida em que recebe vida da personalidade nacional e acrescenta vida à personalidade nacional, na medida em que é uma célula viva e saudável , na medida em que é uma personalidade completa, grande, profunda, grande. Mesmo na natureza global, os átomos individuais não se juntam em novas combinações, mas sim em grupos conhecidos, em composições

conhecidas. Essa é a ordem do nosso mundo. Tudo se separa em átomos, e tudo se conecta, se junta e se une em moléculas, células, órgãos e assim por diante, até uma perfeição suprema e infinita. O homem, o único, como todo ser vivo, é composto de células e órgãos, e ele próprio nada mais é do que uma célula do corpo da nação, assim como a nação nada mais é do que um órgão do corpo da humanidade, da própria humanidade nada mais é do que uma célula no corpo da natureza viva, e a natureza viva nada mais é do que um órgão na natureza da terra. O corpo da Terra não é mais senão uma célula segundo o método do Sol, que também é apenas um membro do grande mundo, conhecido pelo nosso conhecimento, e assim por diante, o fim - quem o conhece? O fim desaparece no infinito. E não se deve pensar que este facto, esta permanência do indivíduo como célula dentro das outras células, prejudique a liberdade e a integridade do indivíduo. Pelo contrário, deveríamos pensar que, face a este infinito na expansão, há também infinito no reduzido. Quem, por exemplo, pode dizer que em cada átomo aquilo que está incluído na expansão do grande mundo não está incluído na redução? Mas se o átomo não está ao nosso alcance, - aqui na personalidade humana está certamente incluído - incluído, é claro, para ela - o que está incluído no grande mundo; Porque se não, se não for o que ela obtém do grande mundo, então não existe nenhum grande mundo à sua frente. Esta é toda a grandeza da personalidade humana em geral. Mas a principal força da personalidade individual como personalidade, como ossos especiais, não está naquilo que ela consegue do lado do reconhecimento, do lado da objetividade, naquilo que ela invade o grande mundo pelo seu lado visível, que não é o autoridade do indivíduo, mas sim a autoridade de muitos - a principal força e singularidade dela está no que ela alcança sem meios do lado da vida, do lado da subjetividade, na medida em que invade o grande mundo a partir de seu

lado do desaparecimento, o conceito de cada personalidade de uma forma diferente, de uma forma especial, de si mesmo. como,Porque cada personalidade é realmente o ‘eu’ do mundo de uma forma especial.

O que é mais ignorado pelo olho, o que não há possibilidade de colocar na cerca da certeza real, da prova lógica, e por isso há todas as possibilidades de cancelá-lo como nulo e sem efeito, algo que não tem alvorecer, é o momento cósmico do nacionalismo. Na nação não existe apenas um elemento familiar, que une os membros da nação num sentimento de parentesco racial e de unidade histórica, mas também um elemento cósmico, que une os membros da nação numa conquista que precede qualquer emoção, em uma conquista que vem do abismo da alma, do lugar da união da natureza da nação com a natureza da terra de seu nascimento e criação, a união da vida coletiva humana com a vida da natureza vem de acordo com sua essência da forma nacional de vida coletiva, a nação é o canal natural para aquela vida que a criou. Afinal, ela nasceu e cresceu da mesma natureza que veio se unir a ele, ela é a própria essência de sua expressão humana completa. A expressão humana da própria natureza do mundo é a personalidade, a essência da nação, assim como a personalidade própria do indivíduo é o estilo próprio, único desse indivíduo, dessa expressão.

O momento cósmico do nacionalismo está especialmente incorporado na religião nacional. É opinião comum que a religião é algo completamente diferente do nacionalismo e que, de acordo com isto, pode haver membros de diferentes religiões numa nação, sem que a integridade nacional seja de alguma forma prejudicada. Esta opinião está enraizada na mesma visão aceite, que vê a religião não como uma

mera coisa, mas como uma coisa mística, cuja essência está no seu lado devotado e aceite. A religião, de acordo com esta visão, é a crença, na revelação da Divindade, na revelação das verdades eternas e numa doutrina de vida do céu com tudo o que está vinculado a ela e relacionado a ela, e nada surge da própria natureza. do homem , de sua obsessão pela natureza mundana. Esta é a mesma crença que deu lugar à difusão de uma religião – por exemplo, a religião cristã e similares – entre muitos povos diferentes. Esta visão deu origem a uma enorme contradição e a uma ruptura que não pode ser separada entre a aspiração natural do seu próprio espírito de chegar à descoberta da sua própria forma única, de encontrar por si mesmo, através de um desenvolvimento gradual, a sua relação única e superior com o ser mundano. , e entre o acerto de contas do mundo e a vida religiosa, fruto do espírito de outra nação, que chegou, por outro lado, a um nível superior de desenvolvimento. A perda causada ao espírito daqueles povos pelo fato de que o autodesenvolvimento em seu lado principal, por parte de sua adesão à própria fonte da abundância suprema, à própria existência do mundo, não pôde ser preenchido por aquilo que o a religião recebida deu de pronto, se é que deu conta do mundo e da vida acima de todas as coisas, verdades, opiniões e caminhos eternos Uma vida que não pode ser superada. E nisso há muitas e muitas corrupções nas vidas dessas nações e muitas deficiências no seu espírito. E não uma pequena parte, a parte que é mais ignorada aos olhos, e portanto também a mais profunda, do ódio dos cristãos pelo povo de Israel que herdou este facto, embora o povo de Israel seja o menos culpado por isto. . Por isso, esses povos aceitam facilmente religiões diferentes, sem sentirem que isso separa o seu povo, e principalmente quando vivem nas suas terras e têm laços bastante vivos, que unem os povos da nação entre si. O poder do momento cósmico no

nacionalismo, que está corporificado na religião, deve ser visto mais claramente numa nação cuja religião é fruto do seu espírito e que, além disso, é deslocada da sua terra e espalhada por outros países, entre outros. povos - o povo de Israel. Não importa o que digam, se não fosse pelo poder da religião de Israel, a nação de Israel não existiria como nação até hoje.

Isto, penso eu, obriga-nos a levar mais a sério aquilo que nos serviu de força de existência ao longo do nosso exílio, em que talvez esteja o segredo da nossa existência, a revisitar as opiniões e pontos de vista sobre ela, a descobrir por nós mesmos o que o estranho é que dá tanto, que de qualquer forma deu. Temos tanto e nele, segundo a visão habitual do nosso tempo, não há nada. Você não tem nada no mundo em que a atitude em relação às pessoas que pensam e sentem seja tão diferente de ponta a ponta quanto a religião. Por um lado, a admiração na medida em que não há nada superior a ela, como algo de que depende toda a vida humana e toda a vida do mundo: e por outro lado - cancelamento na medida em que não há nada superior a ela , como uma coisa que não tem alvorada, que só traz prejuízo ao ser humano. Você não tem nada no mundo que eleve tanto o espírito humano, fortaleça e aprofunde nele o sentimento de responsabilidade suprema, que abrace tanto a vontade ao ponto do auto-sacrifício: e por outro lado - isso irá tão enfadonho o espírito humano, que embotará tanto o sentimento de responsabilidade, a razão. Assim, eles o levarão a cometer todas as más ações e todas as abominações (basta mencionar o Moloque, o Baal e os Bekhus nos tempos antigos e a Inquisição no Médio Idades), como religião. Não há nada no mundo que tenha um poder tão grande, por um lado, para renovar a vida de uma nação e de um indivíduo - como, por exemplo, nos dias do crescimento da religião cristã e da religião islâmica, - e por outro lado - atrasar o curso

da vida, petrificar e petrificar o pensamento e a emoção, como vemos em todas as religiões de vez em quando para serem aceitas e santificadas. Vocês não têm nada, cujo poder é tão grande, por um lado, para unir os seres humanos, para plantar entre eles um amor puro um pelo outro, e por outro lado - para separar os seres humanos, para semear em seus corações um ódio mortal um pelo outro. E o principal é que até hoje os opostos não param, e assim como você aparentemente vê, por um lado, um declínio total da religião, você encontra, por outro lado, buscas religiosas, um anseio por novas manifestações da religião, que, se tratarmos adequadamente a alma humana, não deve ser descartada casualmente. O espírito humano não pode, e precisamente na medida em que está profundamente mergulhado nele, na medida em que não pode, acalmar-se sem religião. Trate a religião como quiser, discuta-a para elogios ou censuras - em qualquer caso, tudo isso testemunha mais de cem testemunhas de uma força vital tão grande que não há ninguém acima dela, de um abismo de vida que não pode ser alcançado pelo poder da cognição.

A lenda insiste na escrita: 'O Norte apoia-se na terra', porque quando Deus criou o mundo, deixou um lado, o lado norte, inacabado, como diz: O homem virá, sábio aos seus próprios olhos, e tentará o seu força, se ele conseguir terminá-lo, deixaremos para a lenda exigir o que ela exige, se o grande mundo permanece inacabado no lado norte ou não, mas podemos decidir com absoluta certeza, que na alma humana, em No mundo do homem, há certamente um lado que não acaba, um lado que invade o abismo do ser, no sentido de que 'o norte se inclina para o abismo', e que todo conteúdo da vida do homem é testar a sua força, esforçar-se para terminar o que não pode ser terminado. O seu trabalho desta forma não é ocioso,

porque é o próprio trabalho da vida, a própria criação da vida, a própria realização da vida. O homem nunca alcançará com a sua mente o que está perdido, mas um animal irá experimentá-lo como um momento de criação, de união suprema, de harmonia suprema. Mas este momento não é algo fixo e permanente, mas sim algo na vida, que se renova e aumenta de momento a momento, que acrescenta à conquista e segue em frente. Não passa de uma conquista suprema, de uma relação suprema com toda privacidade, com tudo com que uma pessoa se relaciona, nada mais é do que a vida humana do seu lado que se volta para a vida mundana, é a religião. O trabalho pela economia da vida deste lado é o trabalho da religião. A obra da religião é, de acordo com isto, a própria obra da vida, apenas do seu lado cósmico, a própria obra cósmica da vida, se for verdade dizer que sim, a própria criação na vida. É um trabalho de realização por parte da vida, de extrair da fonte da existência universal sem meios, assim como o trabalho de cognição é um trabalho de realização por parte da cognição, de extrair da fonte da natureza visível. E neste sentido pode-se dizer que no trabalho de uma pessoa está o trabalho, que lhe dá a possibilidade de obter um excedente, sem meios, a planta, o animal, o humano, o mundo inteiro, de ver sem meios de tudo isso o a unidade absoluta, a harmonia suprema, o intelecto O que falta no ser mundano, a igualdade do direito à vida e a experiência de tudo isso, um trabalho que possa de tal forma elevar sua essência à altura dos ossos da essência de tudo no mundo, - pode-se dizer que quando uma pessoa realiza tal trabalho, ela está realizando um trabalho mais religioso do que aquele que cumpre em seu coração e misericórdia todos os mandamentos religiosos consagrados e aceitos.

Contudo, visto que a vida de cada pessoa, onde quer que a viva na sua totalidade, é uma criação conjunta de

todos os membros da sua nação, a criação da personalidade colectiva da nação, verifica-se que a obra da religião é a obra da vida nacional desde o seu lado cósmico, a criação da vida nacional. Deste lado, abrange toda a vida. Embora as religiões primitivas sejam assim, a religião de Israel também o é. O trabalho religioso é a revelação da alma coletiva e nacional, dos ossos coletivos e nacionais para si mesma, a expressão do “eu” coletivo e nacional no “eu” individual de cada membro da nação. Vemos isto em particular durante os feriados nacionais, que são momentos em que a nação se sente como uma espécie de alma colectiva ligada à alma do mundo inteiro, que são como momentos de ascensão de uma alma nacional. Cada membro da nação, na medida em que está ligado à sua nação, sente-o fortemente, com toda a força vital que há nele. Aqui está emparelhado o momento histórico, que é a expansão da vida nacional no tempo, assim como a vida da nação no presente é a expansão da vida nacional no lugar. 'Uma pessoa deve se ver como se tivesse saído do Egito'... Quando uma pessoa de Israel diz essas coisas, ela realmente se sente - é claro, na medida em que tem sentimentos - como se tivesse saído do Egito.

Estes dois momentos, o momento cósmico e o momento histórico, têm uma natureza diferente e uma forma de trabalhar diferente. O momento cósmico, fundamento da criação, da vida e da criação, exige que o trabalho da religião, o trabalho da vida do seu lado cósmico, como pode ser visto por tudo o que foi dito, seja renovado e renovado em todos os momentos e em todos vezes como a própria essência da nação. O que dizem as coisas: Se a nação não se renovasse, se a nação não vivesse na natureza, vivesse cada vez mais a natureza, tirando a vida da fonte do ser, na medida em que o conhecimento tira o pensamento da fonte da natureza visível. Mas o momento histórico - histórico

no mesmo sentido, que existe ao longo de toda a história da nação, - o momento histórico, a base do ser, da persistência e da existência, a sua forma de ser permanente e permanente e de existir na mesma forma demorou no começo. O momento cósmico é a parte do indivíduo, a parte do “eu” individual no “eu” coletivo, nacional, e o momento histórico é a parte de muitos, a parte do “eu” coletivo, nacional no 'eu' individual. Sem um kibutz não há história no sentido do eu. E o kibutz, os muitos, é sempre mais constante, mais inerte, mais conservador que o indivíduo.

A religião, como vimos, não nasceu de uma consciência clara, mas antes da confusão da alma e do crepúsculo da consciência, cresceu, conforme a natureza da matéria exige, do lado do visível, do lado do visível, do real, do lado do formulário. Isto levou ao fato de que mesmo no desenvolvimento da religião, a forma se desenvolveu às custas do conteúdo. O conteúdo religioso, que é algo inteiramente interno ao homem, cujas raízes estão no abismo da alma humana, e cujas raízes crescem e se elevam através da alma e da consciência até o fim do pensamento mais elevado, é principalmente a parte do indivíduo, de cada indivíduo, embora não apenas como um indivíduo, mas também como um detalhe do todo. Afinal, a religião é na verdade o ponto que une todos os indivíduos da nação em uma personalidade coletiva, todos os 'eus' individuais em um nacional 'Eu', e é capaz de unir, de acordo com sua verdadeira essência, todas as nações em uma só humanidade. e assim por diante. E como o avanço do pensamento e o refinamento do espírito humano em geral vêm principalmente dos indivíduos, então o conteúdo religioso poderia ter andado de mãos dadas com o pensamento e o espírito avançados, e ascendido junto com eles e na mesma medida com eles. Contudo, a forma religiosa visível e real,

principalmente a criação da imaginação, é principalmente a parte do todo, do kibutz, da nação.

Entende-se que o kibutz se desenvolve de forma mais moderada que o indivíduo, em geral a natureza do kibutz é que ele é mais inerte que o indivíduo. Porque, portanto, a forma da religião sempre permaneceu por trás do pensamento progressista e do espírito suavizante. Ela sempre foi retardada, atrasada, e não é à toa, porque ultimamente temos sido egocêntricos. Não é esta a natureza de todas as instituições colectivas, tais como a ordem política, social e similares, embora na maior parte dessas instituições não atinjam tal nível de ossificação (com os chineses, por exemplo, estas também atingiram um nível de ossificação), por um lado, porque não têm raízes, estão tão profundamente na alma humana e, portanto, não podem ser santificados aos olhos das pessoas a tal ponto, e por outro lado - porque são mais reais e se relacionam mais com os assuntos reais da vida. Foi assim que a forma religiosa foi santificada, até que o conteúdo se tornou seu. Chegou ao ponto que a alma profunda com o sentimento religioso profundo e o pensamento supremo teve que se adaptar, buscar compromissos com a forma religiosa que se tornaria obsoleta e se tornaria obsoleta ou isolar-se e isolar-se num canto especial para si e como que para ser arrancado da alma da nação, em completa oposição à aspiração suprema da religião. Não é de admirar, porque recentemente o pensamento vivo, investigador, investigador e investigador e com ele a alma vivente, que luta pela renovação, tem-se afastado cada vez mais da religião em geral.

Mesmo aquela nação, cuja religião, pela própria natureza do seu berço, parece ter sido um mandamento e está prestes a ser completamente imersa, em toda a sua alma e em todo o seu pensamento, na totalidade do

ser, e que no o desenvolvimento da sua religião atingiu verdadeiramente um nível mais elevado, até à unidade da divindade absoluta, - mesmo a nação de Israel não foi poupada do domínio da forma sobre o conteúdo, e assim - da ruptura no desenvolvimento da sua religião e também de seu declínio. E não é exagero pensar que muito disto foi causado pelo facto de o resto dos povos civilizados, com quem o povo de Israel tinha contato, permanecerem imersos na idolatria. Vemos, por exemplo, que os profetas não estavam longe do caminho da abolição dos sacrifícios, enquanto aqueles que regressaram do exílio na Babilónia e os que vieram depois deles, que foram sem dúvida muito influenciados pelas outras nações, levantaram a oferta dos sacrifícios a tal nível de santidade que ainda hoje aqueles que oram pela restauração do culto dos sacrifícios ao Senhor da Casa de Deus. Ou em vez de 'dos sinais do céu até o fundo', 'não adivinhe e não se confunda', etc. As crenças nasceram sob a influência do eclipse das luzes e similares, vários sinais, feitiços, encantos , etc., nasceram - como é conhecido. Em geral, comparado ao seu espírito vivo e criativo, comparado à fuga da Torá e dos profetas, - que redução! E não é difícil ver que o povo de Israel não recebeu o bem que deveria ter recebido do povo de Yon, o pensamento profundo, a ciência, a poesia e a criação, que certamente teriam trazido uma bênção ao povo. desenvolvimento de todo o seu ser, inclusive - também ao desenvolvimento da sua religião, principalmente porque esta nação estava imersa na idolatria e na moralidade dos ídolos. E recentemente surgiu uma nova religião da religião de Israel, que aparentemente veio restaurar o conteúdo religioso à sua primeira dignidade e que realmente estragou tanto o conteúdo como a forma. No lugar de um Deus único e definitivamente único veio uma divindade tripla, no lugar da aspiração do homem, de cada pessoa 'a imagem de Deus' para a união total com o infinito e

com ela a responsabilidade suprema de cada pessoa, veio um homem intermediário - um 'Filho de Deus' que assumiu o papel de união e toda a responsabilidade última; Em vez da aspiração de fixar o mundo no reino de Deus, de renovar a vida terrena, veio a aspiração ao reino dos céus e assim por diante.

Em geral, pode-se dizer que este atraso no desenvolvimento da religião é na verdade um atraso no desenvolvimento do espírito humano, especialmente do seu lado coletivo, nacional, do seu papel de criar a vida humana. A religião, na profundidade da matéria e na verdade da matéria, é a pura relação humana mental e inteligente com a essência do ser e com todas as suas manifestações, é uma força essencial, uma força que impulsiona a vida, e não uma força que congela e vira pedra. A forma da religião - de acordo com isto, é a forma da vida nacional pura, uma expressão da alma colectiva e nacional na sua aspiração de descobrir a sua essência mais elevada e a sua vida mais elevada. É como uma expressão da musicalidade suprema da alma colectiva, nacional, como uma melodia unida por todas as vozes de todas as almas da nação, tal como se expressa no coro musical, na vida nacional. Cada voz tem valor por si só, mas o valor musical da combinação de vozes só é superado por esta, pelo valor de cada voz por si e de acordo com o seu valor. Isto é um tanto perceptível em um feriado nacional religioso. Nenhum feriado privado ou social alcançará a mesma musicalidade que um feriado nacional religioso tem, é claro, quando os celebrantes são genuinamente nacionais e religiosos. Uma vida pura e natural, uma vida dentro da natureza e com a natureza, uma vida que é a expressão completa, mental e inteligente do sentimento de unidade suprema e de responsabilidade suprema - esta é a verdadeira religião. Esta expressão viva, a expressão em acção, em toda a vida, - aqui está a confissão de Deus, num intelecto que desaparece

mais de qualquer ideia do que de qualquer mensagem com reconhecimento claro. Mas quando o homem se distancia da natureza, e na medida em que se distancia dela, os dois factores começam a actuar: a cegueira da natureza humana por sua parte ligada à essência da existência global, por um lado, e a sua inércia , o conservadorismo do kibutz, por outro lado, e são eles que fazem a religião, tanto seu lado dogmático quanto seu lado prático, falar permanente e permanente por gerações, falar petrificado, como se não houvesse nada na religião mas o resíduo da emissão da riqueza anterior, mas não o capital vivo, renovando e renovando. A opinião comum é que a religião já passou do seu tempo. Da mesma forma, a opinião comum é que a religião é uma redução, uma santificação da alegria de viver, que diminui a imagem da vida. Mas de acordo com a verdade é uma vida sem fim e a expansão é insondável. Se o homem ascender, se chegar um dia, esse homem se aprofundará para alcançar o que a natureza lhe deu, até a sua própria essência e até a sua própria vida, se aprofundará para saber viver a natureza, então, é preciso pensar, o conhecimento, então ele se esforçará para viver a religião, como hoje se esforça para viver uma vida de estética.

Tudo o que é dito nisto não é dito para restaurar a religião à sua primeira honra, não para estimular e renovar a religião, para se firmar em seus próprios fundamentos e dar-lhe uma forma adequada. Essas coisas não são feitas de boca em boca. Aqui não se trata de opiniões, nem de fé, mas antes de uma questão de vida desde o seu lado fundamental, original, global. Enquanto o homem tiver na natureza apenas uma percepção da consciência , e não uma percepção da vida , enquanto ele ver a natureza como nada mais do que um empreiteiro, cego ou não, que lhe supre todas as suas necessidades, sejam materiais ou não.

espiritual, a seu pedido ou não, enquanto a sua relação com a natureza não for senão a de um simples servo ou a de um servo que reinará, - não há lugar para a religião no sentido mais elevado, e todos os sermões, todos explicações e provas, nem mesmo toda fé terá alguma utilidade. E se for de outra forma, não haverá necessidade de tudo isso. A intenção principal do que foi dito era mostrar que a religião não nasceu da ignorância, não de instintos obscuros, como o medo, a veneração dos antepassados, e assim por diante - estes pertenciam à religião apenas no sentido de parteira, mas não no sentido de ser gerado, mas sim devido à necessidade da psique humana, da natureza humana; Porque a religião era o que era, uma coisa que veio ao homem fora da natureza humana, e a partir disso tornou-se uma coisa que é permanente e permanece e se estabelece, não porque a sua essência seja essa, mas porque a cultura humana ainda não encontrou o seu caminho certo.

Mais do que a religião endureceu, o conceito de religião endureceu. Quando o conceito de “religioso” vem à mente, a mente pensante imagina algo fixo e estável, criado há milhares de anos (o dever da pessoa religiosa de acreditar - na forma de milagres e maravilhas), algo que tem opiniões e ações que a mente não pode tolerar, para as quais é necessário um tipo especial de emoção, que se chama fé, para acreditar nelas, algo que pode não desenvolver, renovar, apoiar o novo pensamento e o novo espírito, mas no máximo adaptar-se por compromissos frágeis e satisfeitos ou simplesmente imaginários e falsos com o pensamento e o espírito da nova multidão. Isso é chamado de religião histórica, distinta de uma religião filosófica, que não está longe de ser uma abstração árida e não tem espírito de vida. No entanto, uma instituição que não se desenvolve e não se renova juntamente com a vida renovada não é uma instituição

histórica, mas sim uma instituição mitológica, ainda que o pensamento progressista do nosso tempo olhe para a religião como mitologia, como uma espécie de canção de embalar do infância da humanidade, que ainda hoje pode embalar as crianças mais velhas e segundo a verdade já passou do seu tempo e é ordenada a ser queimada do mundo como algo que intoxica e corrompe a alma.

Este conceito fossilizado sobre religião e Deus afeta todo o curso do pensamento e da emoção nesta tendência mais do que normalmente é levado em conta. É permitido, por assim dizer, dizer que mais a partir de um conceito tão petrificado do que de um pensamento vivo e de uma emoção viva, uma pessoa que pensa e sente pode decidir, com a certeza do heroísmo ou da inocência, que Deus está morto, sem prestar atenção , que só está morto o conceito de que envelhecemos e apodrecemos na palavra de Deus, mas não há Deus, não o invisível, que você encontra em tudo que pensa e sente, mas não compreende e não alcança, que você esbarra nele em tudo que você mesmo vive, em tudo que você sente, pensa, fala, sem saber o que é e de onde vem. O invisível nunca morrerá, mesmo que todos os pensadores de pensamentos e todos aqueles que conhecem a ciência no mundo estejam contados e acabados, porque tudo é visível e conhecido e claro, porque é a base de um mundo cego.

Porque a religião surgiu não porque os olhos do homem foram abertos para ver, porque o invisível é cego, porque a natureza mundana é cega (como se a mente humana tivesse uma percepção de tal cegueira!), mas porque os olhos do homem não foram abertos para ver, porque a natureza humana está se tornando cega do seu lado mais importante, da sua obsessão com a fonte de Sua vida, basicamente a natureza mundial. Nada realça tanto este despertar da natureza

humana como a atitude em relação à religião. O sentimento religioso, a base de todas as emoções superiores na alma humana, a atitude religiosa, a base de toda a construção do mundo do homem e de toda a renovação do mundo do homem, - esta coisa fundamental e essencial, qual é o seu destino na cultura humana ? Que tendência deu a cultura humana a esta força fundamental para agir na vida humana, que mecanismo lhe foi dado para se mover, que papel desempenhar? O sentimento estético, que nada mais é do que uma espécie de luz que retorna da luz do sentimento religioso, que só percebe o lado externo, a forma daquilo que o sentimento religioso percebeu desde sua própria interioridade, de dentro dele, - o sentimento estético foi autorizado a desenvolver-se, a ocupar um amplo lugar na vida cultural em detrimento do sentimento religioso, a ser construído a partir das suas ruínas. A religião era aquilo que está fora da vida, acima da vida, aquilo que desceu até nós do céu, em que o crente acredita, porque é proibido tocá-lo, privando-o assim de toda a sua vitalidade, de todo o seu poder de renovar a vida , de acordo com o grau de desenvolvimento da consciência; E aqueles que não acreditam vêem isso como algo da imaginação, do sentimentalismo infantil, de um misticismo brando, que uma pessoa decente não tem escolha a não ser arrancá-los do seu coração e curá-los. E o quanto tal atitude em relação a algo que tem seu fundamento na alma humana leva à superficialidade do pensamento e da mentalidade, à indefinição das formas e à diminuição da abundância de vida, não é difícil perceber para quem quero ver.

Esta cegueira da natureza humana pela vida ou este desenvolvimento da cognição à custa da vida começou, como mencionado acima, na própria infância da humanidade, com o início da cultura. No entanto, uma mudança significativa ocorreu com a transição do

homem da vida na floresta e no campo para a vida na cidade. As novas necessidades, os novos assuntos, os novos relacionamentos distraíram a mente e a alma dos assuntos naturais. A cultura, as necessidades e os assuntos, as negociações com pessoas diferentes sobre assuntos diferentes, não com o objectivo de satisfazer uma necessidade imediata, mas com vista a um objectivo distante, foram úteis para desenvolver mais fortemente numa pessoa o reconhecimento, na singularidade da objectividade, da poder de discernir uma distinção informada entre o que é impressionado pela realidade e o que está dividido na mente e entre o que é na realidade. Mas na mesma medida enfraqueceram a subjetividade, a ligação viva entre o homem e as coisas vivas e não vivas, com as quais ele entra em contacto. A atitude do homem em relação a tudo o que ele tem atitude tornou-se mais inteligente, mas menos viva. O homem, nascido da natureza, como todos os outros animais, não conhece uma relação de igualdade de alma, uma relação indiferente, - ele sabe amar ou cobiçar ou odiar, admirar ou desprezar, uma relação de proximidade ou de relação de distância: o que não o toca um toque direto Um médium, seja para o bem ou para o mal, não ocupa lugar algum em sua alma, e para ele é como se não existisse na realidade. O membro de sua família, desde que não o tenha tocado gravemente ou não tenha despertado sua raiva de forma alguma, ele o ama ou sente uma afinidade com ele - e se ele despertar sua raiva, ele não será impedido de obter e matá-lo, e assim por diante. Na aldeia, e especialmente na cidade, a partir do contato e da troca com diversas pessoas e coisas, com as quais não tem relação mental direta, mas das quais tira benefícios, perto ou longe, a pessoa aprende a tratar essas pessoas e aquelas. coisas com equanimidade, que não são para ele, mas um meio para um fim desejado. Daí - o momento de equanimidade em geral, que se desenvolve gradativamente, que aos poucos é

absorvido por todas as emoções, mesmo as mais vivas. Entende-se que dentro das relações que se tornam cada vez mais complexas, não há equilíbrio da alma que possa permanecer na pureza da sua forma, completamente nua. Daí – os relacionamentos falsos, os sentimentos falsos, a falsidade e a mentira em geral; Daqui - os costumes aceitos e as mentiras acordadas, daqui - a segundidade na alma humana e na sua vida: a vida do homem para si, a vida nua, a vida sozinha, e a vida com os outros, a vida vestida, decorada, blindado e armado sozinho. Daí os contrastes e contradições entre as reivindicações do indivíduo e as reivindicações da vida comum. Em geral, toda a vida humana, na medida em que é fruto de uma excessiva consciência humana, é como se assim fosse colocada no exterior, na forma, como se o homem conseguisse o que consegue e vivesse o que vive do lado da forma e para o rosto e não o contrário. Não admira, porque recentemente tem havido espaço para uma opinião, porque a forma é tudo, porque não há conteúdo na forma, porque não há nada fora da forma.

É certo que, devido à equanimidade da alma, está envolvida a objectividade mental, o que foi útil para conceber o egoísmo a partir da contagem da alma superior, mas a equanimidade da alma nos atributos mentais não é objectividade mental, - é o lado oposto da esse. A equanimidade da alma é, se assim podemos dizer, a objetividade do egoísmo, pela qual o egoísmo é anexado e refinado. Não há emoção má, como o ódio e a vingança crua e imoderada, que saiba exigir tantos sacrifícios e atingir um nível de crueldade tão grande como o nível da alma, o cálculo frio, quando o egoísmo tem necessidade disso, ou como o ódio, a vingança, etc., sabe quando acasalado com eles A alma, o cálculo frio. Nenhum selvagem, enquanto estiver em estado de completa selvageria, e nenhum animal maligno derramará tanto sangue e atingirá um nível tão terrível

de crueldade, como os povos civilizados fizeram e estão fazendo, começando pelos de cultura mais baixa e terminando com os da mais alta cultura, por equanimidade e frio cálculo.

É assim que a falsa cultura humana bloqueia a alma humana de sua vida superior. Não sei quem alcançou uma realização tão profunda do anseio oculto da alma humana de se libertar das algemas da estreiteza que a bloqueiam de sua vida superior, como Buda. Mas Buda e depois dele Schopenhauer descobriram que não há outra saída para o terrível constrangimento que se chama vida humana, senão a negação da vida em geral, a negação da vontade de viver. Este, na opinião deles, é o único ideal que dá uma alma e uma ideia de vida, que uma pessoa, na medida em que se eleva acima da superfície do pensamento e das realizações superficiais, pode e deve aspirar. Mas como aspirar a esse ideal? Viram, claro, que perder-se para conhecer não é a negação da vontade de viver, mas sim a obrigação da vontade, pois só por não conseguir alcançar a vida desejada a pessoa se perde para conhecer. E em geral, de acordo com seus ensinamentos, a morte não consome a vontade, que preenche o mundo e tudo o que nele há, a única em todas as diversas formas e manifestações do mundo, a viva e a existente em toda a sua passagem. e manifestações transitórias. A negação do desejo é o celibato completo, o cancelamento completo da existência, um modo de vida que nega tudo o que o desejo exige: toda luxúria, toda ganância, toda conexão mental, todo desejo de prazer, agradabilidade e felicidade, toda inclinação ao prazer, agradabilidade , felicidade - e, em contraste, tudo o que é necessário para que a vontade engane: devoção à verdade e a qualquer medida superior e assim por diante. A partir disso, a pessoa alcançará o repouso absoluto, a negação da vontade - a negação de sua vontade

privada e daí a negação da vontade em geral, - ao nirvana ou nirvana absoluto: nirvana relativo em sua vida e nirvana absoluto como um inteiro, ou do nirvana relativo ele chegará lentamente, passo a passo, ao nirvana absoluto.

Vamos dar aos místicos a suposição mística de que se uma pessoa ou mesmo todas as pessoas alcançarem o Nirvana, a vontade do mundo retornará, o mundo inteiro retornará ao zero absoluto. Até que ponto há verdade, não apenas uma verdade lógica, mas também uma verdade mundana e existencial nesta suposição, eles julgarão. Observaremos se é possível que uma pessoa alcance o nirvana, ou seja, a negação do desejo e a negação completa da vida. Uma aspiração ao nirvana, uma aspiração à negação do desejo – não há uma contradição entre Mania e Bia? O que é ambição senão uma manifestação do desejo de alcançar algo? Ou talvez a aspiração ao Nirvana não seja de forma alguma uma aspiração, o desejo na negação do desejo não seja de forma alguma um desejo? Ou talvez seja possível alcançar o nirvana sem lutar por ele, seguir o caminho que leva à negação do desejo sem querer segui-lo? Não vejo saída para esta contradição, a não ser aceitar a suposição mística, porque a vontade (a vontade cega, desprovida de toda consciência e de qualquer coisa que se assemelhe à consciência!) se esforça para consumir a si mesma. No entanto, esta suposição é novamente uma das coisas que sem a ajuda do misticismo, que está acima de toda a razão, nenhuma mente pode sobreviver. E qual é a vida que leva ao nirvana, a vida que é como um vestíbulo para o salão do nirvana absoluto? O que é comer, beber, dormir e coisas semelhantes entre as coisas necessárias, sem as quais não existe vida, nem mesmo uma vida de nirvana? Não há vida aqui, não há aqui as manifestações desse desejo, que vem para devolvê-lo ao zero absoluto? Ou talvez porque não há vida aqui de

acordo com a formulação aceita, então não há vida aqui, então há aqui a negação da vida, ou como não há aqui o que a vontade normal exige, então há aqui a negação da vontade? Ou talvez porque luta pelo Nirvana, ele impõe aos outros a preparação das suas necessidades necessárias, como impõe aos outros todo o trabalho e sofrimento, as trivialidades e as pequenas coisas, das quais não se pode escapar na vida quotidiana, na preparação dessas necessidades necessárias, ele está negando a vida? não! A estrada provavelmente é longe. A verdade simples diz: não há negação do desejo aqui; há um estado de vida conhecido, uma manifestação conhecida do desejo. A aspiração ao Nirvana é uma aspiração como todas as aspirações, significando um desejo de viver e não a negação da vontade: o celibato budista é a negação de formas de vida conhecidas, a negação de toda a cultura humana, mas não a negação da vida, - é uma forma especial de vida. Na ausência de vida há também a negação da vida, na ausência do desejo de viver há também a negação da vontade. Você não sairá da vida, ser humano, você não negará a vida nem na sua vida nem na sua morte! E nada mais, exceto que o que está fora da vida, no zero absoluto, você não tem nenhuma percepção, nenhum pensamento cai nele. O “como você vive” é, aparentemente, ainda mais profundo do que os tolos da vida acreditam, e essa terrível profundidade é a mais terrível tragédia da vida humana. Esta terrível profundidade é o ponto fundamental do otimismo (é claro que você busca a ascensão, a profundidade, o infinito, isto é, é claro que você vive uma vida de expansão, assim como é claro que você vive uma vida de contração) não menos do que é o ponto fundamental ponto de pessimismo. Quem tem opinião pessimista deveria ter entendido isso e não subestimar tanto a opinião otimista, se é que há espaço aqui para falar de opiniões certas e diferentes, de métodos diferentes. Há lugar no mundo para essas

duas opiniões juntas, e não só no grande mundo, mas também no mundo de uma pessoa, porque elas têm a mesma raiz.

Contudo, o direito a uma grande e supremamente grande opinião global não deve ser negado. A opinião budista trouxe à luz toda a profundidade do abismo de vazio na vida cultural do homem, e a partir disso - toda a profundidade do desejo que desapareceu na alma humana por uma relação superior com a vida e o mundo, por uma relação que desaparece de toda emoção, que chamava de nirvana. Mas ela viu o lugar dessa atitude fora da vida, na negação da vida, e nisso ela estava errada. Ela, assim, deu-lhe tal caráter, que a alma humana foi completamente separada da alma da criação do mundo, e ele, o relacionamento supremo, descobriu-se que faltava de qualquer maneira a coisa principal - seu poder criativo supremo, seu poder de criar vida. em uma criação suprema. A relação mais elevada é a obrigação da vida na medida em que não há ninguém acima dela, uma obrigação suprema, uma obrigação da vida do mundo, que cria um lugar para aquela fusão da vida de redução e da vida de expansão, que é a essência da vida superior do homem. Desta forma, a grande relação está próxima da alma humana, na medida em que é uma alma humana, e próxima da alma da criação do mundo. 'Sede santos, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo' - aqui está a sua expressão mais simples e nobre. Esta expressão é um dos grandes ditos, que são, em termos de grandes luzes, às quais cada alma é adequada de acordo com o seu poder, - o grande de acordo com o seu poder e o pequeno de acordo com o seu poder, - um daqueles grandes ideias, que têm grande poder, e crescem junto com o crescimento do espírito humano.

13. A beleza ⚮
Esta aspiração de colocar a vida acima da beleza está em constante crescimento e desenvolvimento. Os gregos foram os primeiros a descobrir e trazer à luz toda a luz e toda a profundidade desta aspiração, e a sua influência existe e o desenvolvimento continua até hoje em todos os círculos mais elevados da cultura europeia. Mesmo Schopenhauer, por exemplo, que nega a vida, nega-lhe todas as ideias e todas as luzes, procura e encontra na beleza a luz da vida! E também vinculam a vida a partir da negação de toda ideia do ser. Tanto é verdade que quase se pode dizer Ha Baha Tlia - porque a aspiração de ver a luz da vida na beleza envolve negar a própria luz do ser e, em todo caso, também da vida. Beleza vinda do desejo cego, da ausência de qualquer reconhecimento e de qualquer ideia! Basta mencionar, por exemplo, o livro de Nietzsche sobre a história da tragédia e seu método como um todo. Embora, por outro lado, você encontre essa aspiração em um grau não menor, mesmo entre aqueles que admitem ter uma mente perdida, você a encontra na maioria, mesmo onde eles aparentemente buscam algo muito mais profundo.

Mas o que é beleza? A partir da ideia fundamental de tudo o que foi dito, supõe-se que seja definido; A beleza é uma ilusão visível que brilha na luz evanescente da vida. Portanto, assim como existe uma vida de expansão e existe uma vida de redução, também existe uma beleza de expansão e existe uma beleza de redução. Porém, é preciso ter cuidado, pois a diferença não está na natureza em si, pois a beleza da redução não significa a beleza das plantas e dos animais. Na própria natureza não há redução. A beleza das criaturas vivas da natureza ainda é uma beleza em expansão. A beleza da redução é a criação da vida de

redução, uma beleza que vem da vida de redução, uma visão que foi filtrada pelos tubos da consciência reduzida - e será reduzida. Portanto, talvez seja mais correto dizer: a beleza da redução é um retorno visível da luz da vida que desaparece (de uma forma que vemos, por exemplo, a luz da lua, enquanto não vemos a luz da vida). o sol), enquanto a beleza da expansão é uma ilusão visível, brilhando sem meios da própria luz da vida o desaparecido Pode-se dizer que, em termos de sensação de beleza, é realmente uma espécie de luz do dia em termos de sensação de visibilidade, enquanto a beleza da redução é uma espécie de grande luz elétrica na escuridão da noite ou num quarto escuro. .

A diferença concreta entre estes dois tipos de beleza pode ser expressa da seguinte forma: a beleza da expansão vem do conteúdo que cria a sua forma, e a beleza da redução - da forma que cria o seu conteúdo. Na beleza da difusão da forma, o conteúdo foi negligenciado. Todas as criaturas vivas e todas as criaturas animadas e inanimadas, como toda a criação do mundo, não foram criadas por causa da beleza - elas são belas porque estão vivas ou estão. Linda é a luz da vida ou a luz de estar neles. A árvore, a flor, o animal, o pássaro – a beleza de sua forma vem da vida que há neles, e o grau de beleza é o grau do fluxo de vida neles em largura e profundidade. Cada órgão, cada articulação, cada linha vive neles - cada ponto de seus corpos parece estar preenchido com algum tipo de magia que desaparece; É semelhante, porque aqui não existe um corpo sólido, mas algum tipo de fluido aéreo flui, que, pela ação de alguma força desaparecente, sempre flui em uma direção - e, portanto, tudo é belo. Por isso, quando o animal ou planta morre, mesmo que sua forma permaneça intacta, sem qualquer alteração, não tem a mesma beleza que teve em vida. E o mesmo se aplica a objetos de

natureza morta. Quando você está no meio da natureza - porque no limite da vida humana tudo se confunde e se encolhe - e olha, por exemplo, para uma rocha, que aparentemente não tem forma ou não tem beleza na sua forma, parece-lhe que você vê nele em todos os pontos onde há algum poder de ser, visível e invisível, algum segredo de ser, o símbolo do silêncio supremo, a salvação do mundo. E esse é um segredo lindo, que você sente e não percebe e não tem o poder de expressar. E essa alucinação – claro, numa extensão infinitamente maior, embora não com a mesma clareza tangível – brilha em toda a criação do mundo. Enquanto na arte da escultura ou da pintura, a forma cria o conteúdo, que não tem relação nem com o corpo real, criado pela mão do artista, nem com o material a partir do qual o corpo real foi criado, por si só: o corpo não tem vida - vivo, isto é, uma ação estética é ativa, apenas a forma

a raiz da beleza da redução. Retornando da luz desaparecida da vida e refletida nas formas de consciência, você encontra mais na beleza das formas de engenharia, na beleza da simetria, etc., isto é, na beleza das formas elementares de consciência. Sua característica fundamental é a redução, a ênfase, a expressão: reduzir uma ideia conhecida, uma ideia conhecida, ou reduzir a luz de uma contagem de vidas conhecida, de forma desejada e destacando a forma do seu entorno. Quando se trata, por exemplo, da arte da escultura, diz-se que o escultor capta e liberta imediatamente a imagem desejada do bloco silencioso de mármore, ao qual falta qualquer ideia, como se a cada corte e corte da sua escultura ele esculpe linhas de luz fora do material obscuro. Considerando que a característica fundamental da beleza da expansão é a ausência de qualquer proeminência, a ausência de qualquer expressão limitada, o silêncio absoluto, o segredo - a unificação de todas as ideias e de todas as

esferas numa ideia infinita, brilhando do todo e do conquistado dentro de cada parte de tudo, dentro de cada átomo de tudo (e incluindo isso também dentro do mesmo mármore, que foi usado para esculpir o material real para sua escultura real).

Portanto, há uma grande dúvida deste lado, se é que se permite dizer, que o escultor revelou mais luz na sua criação do que no simples e silencioso bloco de mármore, conquistado pela ira do mundo. A beleza do desdobramento é tão desprovida de relevo, que há, como vimos, admiradores da beleza, que estão dispostos a ver a luz do mundo, um abismo de ideias e sentimentos num belo quadro ou em geral num belo criação humana, - e isso não os impedirá de negar toda ideia dessa criação, que eles chamam de natureza E que eles aparentemente reconhecem sua beleza infinita, e vêem nela uma coincidência cega, um vazio terrível. Cada detalhe quando é para si mesmo, seja um detalhe pequeno ou grande, tem apenas o valor de uma seção, de um fragmento, de um elo fino, de uma célula microscópica de um ser vivo cuja estatura é infinita; Cada detalhe do todo está tão ocupado na conquista de um mundo, que o olho humano só pode perceber um sentido do paladar a partir da visão do mundo, de uma distância conhecida (por assim dizer, de uma distância conhecida da consciência), que tem a capacidade de fundir os detalhes em uma imagem completa, somente quando uma área decente é revelada à sua frente, que contém uma alusão ao todo completo, que tem o propósito de tirar a alma dele para a fonte da sua vida. Nos detalhes, o homem não é capaz de compreender muito desta ilusão, da beleza da expansão, e às vezes não é capaz de compreender nada. As obras parciais da natureza ou as obras reduzidas da natureza não têm em si completude em termos da beleza da redução e da realização da redução. Até as mais belas criações, por exemplo, as lindas plantas, os lindos animais, cada um

deles, se você olhar de perto, tem algum defeito, alguma deficiência ou até mesmo uma deficiência. Um carvalho, uma tâmara, uma rosa, um lírio, um leão, um cavalo, uma pomba, uma águia - você não encontrará na natureza um único exemplar deles que seja completamente completo, completamente belo ou, como dizem, perfeitamente expressa a ideia, que é sua manifestação visível. Já houve alguém que disse sobre o olho humano, que se uma ferramenta de visão tão imperfeita não tivesse sido levada a um oftalmologista, ele não a teria recebido. E o que falar em detalhes que não têm vida e não são bonitos?

E por isso se diz que o artista completa o que a natureza não completou, porque o artista não imita a natureza, mas recria as criações da natureza, ou seja, expressa em sua obra a ideia da criatura, que ele foi criado em perfeição, e expressa o que a natureza não completou para expressar. Quando vem, por exemplo, pintar uma águia, pega nos traços típicos, que encontra nas diferentes águias, une-os e combina-os com o seu poder criativo numa única imagem de uma águia que expressa de forma tão completa a ideia da águia. Esta é, dizem-nos, a verdade artística, e esta é a beleza da arte. E o mesmo acontece com pinturas da vida humana. Uma história ou um drama que extrai tipos da vida, de acontecimentos da vida, é-lhes permitido e também obrigado a acentuar as luzes e as sombras de acordo com a ideia dos tipos desenhados, da vida desenhada, e é seu dever desenhar as coisas como elas são na realidade ou, como dizem sobre uma linguagem tão depreciativa, exatamente fotográficas. E mesmo nos tipos e acontecimentos históricos, é permitido mudar da verdade realista, na medida em que a adaptação à ideia ou à verdade artística o exija.

Aqui você vê com clareza tangível qual é a beleza da redução, até que ponto chega nela o poder da ênfase,

quão importante é a forma, quão independente ela é da vida, da existência mundana. Não existem ideias no ser do mundo, existe apenas uma ideia infinita, à qual todos os detalhes e detalhes dos detalhes correspondem absoluta e completamente. As ideias fazem parte da consciência, que não apreende a ideia suprema em toda a sua infinidade, e se não lhe tivesse sido dado o poder de detalhar a ideia única, completa apenas na sua união completa, não teria apreendido nada. E não é de admirar que aqueles que buscam a beleza pela via do reconhecimento, isto é, aqueles que buscam a beleza do lado da forma e do rosto, recentemente tenham percebido que são incrédulos, conscientemente ou não, no ideia suprema, na unidade absoluta da ideia suprema. Mas se vemos na beleza do mundo uma ideia suprema, absolutamente única e completa, e se alcançamos a beleza a partir de dentro, da vida antes das formas, que carregam dentro de si a ideia suprema, que constitui as formas, enquanto as formas estão sendo formados, - porque então não há imperfeição na forma das criaturas da natureza. As formas correspondem sempre absolutamente ao conteúdo, mas ao conteúdo geral completo, à única ideia suprema.

Esta coisa - até que ponto as formas aqui correspondem absolutamente ao conteúdo geral, à ideia suprema, e até que ponto esta conformidade absoluta é a própria beleza da expansão - deve ser explicada de acordo com o que vemos no modo como a natureza caminha. a perfeição de suas criaturas (isto é, o que, segundo nosso entendimento, chamamos de perfeição, que pode na verdade nada mais ser do que uma renovação perpétua da beleza viva), cujo registro não é evidente exceto de um período cósmico para outro.

Vemos que a perfeição é geral para toda a vida mundana, isto é, que a totalidade de cada criatura, grande ou pequena, segue um caminho, ao mesmo tempo, numa medida, com uma força com a totalidade da vida natural em geral. Disto se aproxima a hipótese de que as formas dos seres humanos nos períodos antigos da terra, que segundo a nossa compreensão não são perfeitas, eram absolutamente apropriadas, no sentido de beleza suprema, ao estado da vida mundana naqueles períodos, e que as formas de períodos posteriores teriam então prejudicado a beleza suprema, a ideia suprema. Nada menos que as formas humanas daqueles períodos foram defeituosas nos períodos posteriores. O que para um amigo é beleza, para ele é beleza suprema e vice-versa. Esta ideia ficará ainda mais clara, se dermos espaço ao próximo pensamento: talvez naquela época na terra a beleza suprema se revelou em tais e tais formas, ao mesmo tempo em que foi revelada em outro corpo celeste nas mesmas formas, que governou aqui nos tempos antigos, e assim por diante.

Não é de admirar isto, porque nas obras limitadas do homem há nas partes mais completude e mais beleza - mais perfeição - pois toda a criação é limitada em si mesma, na medida em que não tem nenhuma conexão real e viva com a vida. passa a expressar, na medida em que não tem conta com a vida mundana, e toda parte visa reduzir o salário reduzido. Considerando que toda criação, grande ou pequena, da natureza, incluindo tudo o que percebemos da natureza a todos os nossos olhos, não é tudo em si, mas uma parte, um elo, todas as suas partes e as suas partes visam o todo, cujo o lugar do defeito é talvez o lugar de sua adesão ao resto dos elos, e talvez uma casa. Uma centelha para a beleza suprema, que você não pode perceber exceto de dentro, é claro, se você a perceber.

E eles vêm e dizem: beleza, - você tem que colocar a vida acima da beleza, você tem que lutar por uma vida bela. Moral superior, vida superior – afinal, isso significa uma vida bela. Qual é a natureza desta beleza? A beleza do desdobramento não é nem uma coisa no conteúdo nem uma coisa na forma, mas sim uma ilusão de conteúdo que desaparece, que não é apreendido para reconhecimento, exceto na medida em que chega à descoberta e, a partir dessa descoberta, o conteúdo desaparece, mas realiza-se a tal ponto que nem tudo reconhece a sua realidade. Na vida de expansão quando são por si mesmos, no ser infinito não há beleza ou não-beleza, há tudo acima disso, e este é o segredo da beleza infinita. E como vocês compreenderão tal beleza para colocá-la no fundamento da vida, como tirarão dela uma pedra de toque para avaliar a vida por ela, para se comportarem de acordo com ela? Este belo homem só pode viver e viver, se for verdade dizer sim, viver pela sua própria vida, elevando a sua vida ao nível da expressão completa da ideia suprema. E se você pede essa beleza, então você tem que começar pedindo a vida, ou melhor, essa beleza não deve ser pedida de forma alguma, - você só tem que pedir a vida. A beleza virá da vida por si mesma, da vida sendo vida, da vida para depois, da vida da fonte da vida sem meios. E se vierem e pedirem beleza numa vida limitada, num lugar onde não há vida para o além, num lugar onde não há poder para viver na perfeição, num lugar onde a consciência precede a vida e a vida não tem poder para conseguir, se vierem e falarem que para renovar a vida, para que a vida seja eterna, é preciso colocar a vida, a vida Esses reduzidos, sobre a beleza, isso significa que eles vêm fazer deles vida, isto significa que visam, consciente ou inconscientemente, a beleza da redução, a beleza da forma, que visam dar à vida uma forma bela.

E isso é compreensível. A vida de redução é revelada de uma forma que, em termos da beleza da redução, não é de forma alguma o símbolo da beleza. Existem partes do corpo humano que não são das mais bonitas, mas há muito mais feiúra nas funções vitais do corpo. Pelo contrário, as ações vitais fundamentais, sem as quais o corpo não pode existir, como comer, beber, retirar comida, acasalar-se, dar à luz, estão longe de serem bonitas ou mesmo feias. E mesmo a morte, especialmente a morte difícil, não é a mais bela, exceto que enquanto aterroriza o homem, enquanto lhe mostra num espelho e não em enigmas todo o nada da sua estreiteza dentro de si, é como se lhe abrisse uma porta para a interioridade da coisa e desvia completamente sua atenção da forma. Nem as ações psicofisiológicas e psicológicas, que são utilizadas para a existência do indivíduo e da espécie, como o desejo de comer, o desejo sexual e em geral todos os desejos, que são utilizados apenas em benefício da redução e cujo papel é particularmente proeminente, como o amor à ganância e coisas do gênero, nem bonito nem feio. Tudo isso não deve ser arrancado do seu registro, ou seja, não deve ser arrancado o que é necessário à existência do indivíduo e da espécie.

Mas o que fará quem deseja beleza na vida? Como se salvar do constrangimento? Duas maneiras de fazer isso: ou aumentando a luz interna a tal ponto, que tudo o que é usado para a vida e não tem uma forma bonita, tome a cor de uma fenda em um grande e sublime edifício, que a grande luz de dentro filtra-se para fora e preenche o defeito da forma (de uma forma que vimos na ação da morte); Ou eliminando o que não é bonito e embelezando-o com todos os meios externos e destacando o que é belo, a ponto de desviar a atenção do que não é bonito.

A cultura, como vimos acima, seguiu o caminho inverso. A beleza vem principalmente para desviar a atenção do que não é belo na vida por todos os meios possíveis, mas principalmente pela ênfase no que é belo, e até pela ênfase excessiva, e até pela beleza imaginária.

Isto deve ser visto de acordo com os caminhos que se buscam na vida em nome da beleza, em nome da vida bela. Também aqui há ideias, mas nenhuma ideia. E não mais do que isso, toda ideia parcial encontra seus admiradores, que procuram reinar sobre todas as outras ideias, para vê-la como a ideia suprema, cada uma e seu deus. Se estes dizem: Graça em glória, outros vêm e dizem: Não, porque - valor em glória, e estes dizem: Glória em glória, e assim por diante. O lado igual deles, que o principal aos olhos de todos é a total conformidade com a ideia escolhida e não com a ideia suprema, global, não a conformidade com a própria vida, com a vida completa, com o ser mundano, com a verdade na vida e no ser mundano. Se, por exemplo, a graça está na glória - então o heroísmo e a medida da justiça a prejudicam, e vice-versa: se há heroísmo na glória - então a medida da graça e a medida da misericórdia a prejudicam, e breve. Regra geral: toda ideia, para agir com toda a sua força vital, deve ser absolutamente destilada, semelhante ao oxigênio limpo, e deve ser semelhante ao ar natural, fresco e saudável.

Mas o oxigênio limpo só é bom para pacientes conhecidos - a vida natural não tolera oxigênio limpo. A vida natural, além de não conter uma expressão definitivamente refinada de nenhuma ideia bela, contém também comida, bebida e outras coisas que não fazem parte da glória e que nenhuma pessoa, nem mesmo alguém cuja alma é toda glória ou todo heroísmo ou toda graça, pode viver sem eles. Então, o

que fazer pela beleza? O que fazer onde a beleza não pode vir do conteúdo, de acordo com o fato de que não há beleza vista no conteúdo, de acordo com o fato de que o conteúdo, que se espalha indefinidamente, não cabe e não pode, pela sua própria essência, caber a ideia limitada da beleza limitada? Aqui só há um caminho: buscar necessariamente a beleza da forma, dar ao conteúdo uma forma bonita, ou seja, adicionar ao máximo a bela ideia do conteúdo, destilá-lo de qualquer mistura e dar-lhe uma expressão adequada.

O resto está fora de questão e em seu lugar surge a vida na criação a partir do nada. Este é o poder do homem, que ele crie para ele um mundo ideal que seja perfeitamente belo, no qual ele viva, que nele encontre refúgio e descanso da feiúra e da feiúra da vida real e crie à sua imagem como sua imagem o que não pode ser criado na vida real." Quer dizer, se falamos de incursões, é a força do homem, que ele aguenta uma vida de se enganar para saber. E este é especialmente o papel da arte. Costumamos dizer que ele nada mais é do que o espelho da vida, mas atualmente a vida se reflete no espelho principalmente do lado da forma, no máximo do lado da forma e do rosto.

E já que é assim, já que este mundo ideal, esta livre criação do espírito humano, não está ligado a nenhuma vida real, a nenhuma verdade absoluta, a nenhuma mente em extinção, já que não tem necessidade de um conteúdo real e vivo, - então não há necessidade da unidade do conteúdo - uma unidade viva - nem da unidade do conteúdo com a forma, nem da unidade das partes do conteúdo entre si. E vice-versa: contrastes, contradições, guerras - estes dão origem ao movimento e à vida, às mudanças, aos ternos e às transformações, à infinidade de formas e matizes, estes são os principais elementos da beleza, cuja luz abunda da forma para tudo. lados - para fora, para frente, para

a sala, para a profundidade. E diante de nós revela-se o jogo de luzes e sombras das belas formas, cada uma das quais se adequa perfeitamente à ideia que vem exprimir, e luta pela sua completude com as formas de outras ideias. Diante de nós está um belo mundo de belos deuses, vivendo, lutando, caindo, erguendo-se - e espalhando luz e vida em todos os seus movimentos, em todos os seus atos maliciosos, em todas as suas travessuras.

E sendo assim, não há lugar neste mundo belo e ideal para aquelas dúvidas, perguntas, questionamentos e confusões que prendem a alma humana como a ponta de um estilingue e exigem dela com todo o seu poder feroz perguntar, procurar, bisbilhotar, bicar tudo o que a tristeza e o desespero possam reprimir, irromper, atacar, - Talvez haja uma possibilidade de reconciliar as contradições em algum aspecto, de lançar uma luz suprema sobre esses valentes mundanos, que destroem a alma, talvez haja uma luz mundana na essência da vida, na essência da existência global, talvez haja espaço na essência da vida, na essência da existência global para a verdade absoluta, para um intelecto que desaparece de todas as ideias. No belo mundo ideal em que nos encontramos, os ídolos podem reinar em completa segurança até o fim de todos os tempos, e nada mais do que a partir de uma eterna altura olímpica é mais bonito agarrar-se à vida real na fé em suas muitas formas. , do que na fé num intelecto que desaparece de toda ideia e de toda forma. E a verdade?

O que é a beleza e a verdade quando é por si mesma, pela verdade na existência mundana, pela verdade absoluta? E quem sabe a verdade? Quem pode dizer que existe uma verdade absoluta? E quanto à beleza e ao pedido pela verdade absoluta, e quanto à beleza e à existência mundana? Que beleza existe na verdade

absoluta, que beleza existe em estar separado de sua forma? Talvez seja uma questão para o pensamento teórico que não haja relação entre beleza e beleza, senão uma relação de contraste. E mesmo na contagem do pensamento teórico ainda há grande dúvida, se há lugar para pedir a verdade absoluta. A beleza tem sua própria verdade e não precisa buscar a aprovação da verdade do ser, que também é apenas imaginária, apenas uma abstração.

E a vida? A beleza e a verdade são, na opinião deles, duas autoridades, e a vida? “A vida – dizem-nos – torna-se assim mais bela, mais nobre. A vida tem assim um símbolo para si, que se esforça para se renovar à sua imagem”... Bem-aventurados os olhos que assim vêem!

Ai dos olhos que vêem de forma diferente, que procuram ver a verdade como ela é, não a verdade em beleza, mas antes a verdade nua e a beleza da verdade nua! Se existe uma medida de que uma mistura é estranha em algum aspecto que a desqualifica em alguma coisa, então é a verdade. A verdade é o ponto de engenharia de todo pensamento vivo e de todo relacionamento vivo. E principalmente o pensamento sobre a vida e a atitude perante a vida. Não há lugar para pensamento superior, poesia superior, mas especialmente não há lugar para moralidade superior, vida superior, onde não há verdade superior. E agora vamos imaginar por um momento, que uma pessoa veio estudar engenharia e definiu o ponto de engenharia incorretamente, assumindo, por exemplo, que o ponto de engenharia é um ponto real de algum ponto de vista, - qual foi a forma de sua aceitação na engenharia? E que forma assumiu essa engenharia, que se chama vida?

Não irei descobrir e provar, em vez da autoridade do discurso - para o resto da vida. O que precisa ser vivido para alcançá-lo com vida não pode ser derrotado com armas lógicas ou fixado com pregos lógicos. Mas não é difícil de ver, porque onde a beleza e a verdade são duas autoridades, aí a beleza e a vida também são duas autoridades: uma vida de imaginação que é incrivelmente bela - e uma vida real que se comporta como de costume. Não é difícil perceber que a vida da imaginação é bela em detrimento da vida real, pelo menos na medida em que desvia a atenção da pessoa da vida real e esquece ou anula a simples verdade, que a beleza humana - se é que existe alguma a beleza humana no mundo digno desse nome - só pode ser encontrada por uma pessoa na vida real, nas manifestações reais de todos os poderes de seu corpo e alma em toda a sua extensão e profundidade, porque a beleza humana só pode ser alcançada elevando-se sua essência ao seu nível mais elevado, isto é, elevando sua vida ao nível de expressar a ideia mais elevada por parte de sua essência especial, e que as falhas na vida real não podem ser preenchidas Na beleza da forma e não na beleza imaginária , mas na luz que vem de dentro.

E se não existe tal luz, se não pode existir na vida real, então todas as recomendações sobre a beleza humana nada mais são do que mentira e autoengano. Em qualquer caso, na medida em que as esferas superiores da vida são entregues à imaginação, nessa medida a imagem da vida diminui. A vida é uma grande obra, uma obra que não para, da qual a pessoa não deve se distrair nem por um momento, a menos que seja necessário; A vida é uma criação viva, da qual todas as criações em forma devem receber a sua vida, a abundância de luz, para a qual todas as criações em forma servem apenas como uma espécie de pontos para letras escritas, uma espécie de forte ênfase no

coração do letras da ideia suprema. E na medida em que eles transformam a ordem, na medida em que fazem das criações na forma a parte principal da vida superior, nos executores da luz, na fonte da luz, na medida em que fazem a vida um gesso. Portanto não é de admirar, porque na prática vemos como é fácil criar uma bela forma para cada feiúra, para cada falsificação, para cada pequenez, para cada parasitismo e dar-lhe graça aos olhos da maioria dos seus espectadores, - tudo em nome da beleza.

E o que aconteceu com a beleza também aconteceu com o amor. Também aqui há expansão e há redução, há amor supremo e há a mesma graça na glória, mencionada acima. O amor supremo não é um mandamento nem uma obrigação, mas um direito supremo, uma recompensa suprema pelo sofrimento da vida, pelo sofrimento de todas as tristezas mundanas e de todas as responsabilidades mundanas na vida superior, a própria luz da vida superior . E que temos maior felicidade no mundo do que o amor, proveniente do amor puro e supremo? A alma humana pede amor, tem sede de amor. Mesmo o seu pedido para ser amada só vem realmente do desejo profundo de amar, mas nem toda alma consegue amar sem ser amada, viver dentro de outra alma sem encontrar nela uma porta aberta ou pelo menos sem ter certeza, porque isso não encontrará nele uma força repulsiva, seja na forma de ódio, desprezo, cancelamento ou na forma do que é chamado na linguagem humana de "igualdade de espírito" ou indiferença. Afinal, o homem sente principalmente o seu amor pelos outros e não o amor dos outros por ele. Isso deve ser visto principalmente no mesmo amor que uma pessoa ama a natureza, esse é o amor que não depende de nada, que não retorna, um amor tão puro quanto o próprio céu. Não há aqui nem pedido de pagamento nem medo de uma força repulsiva, mas há uma conexão suprema,

uma conexão tão forte que quase não há sentimento de agarrá-la.

Contudo, na medida em que o amor se afasta desta fonte suprema, nessa medida ele se torna mais limitado - na verdade, mais real e mais intenso, mas também menos puro, mais dependente das coisas e, portanto, menos seguro. Para que um animal, por exemplo, seja amado por você, basta que ele seja bonito e inofensivo. No entanto, mesmo isso não é suficiente para uma pessoa: se ela não sente um senso de dever, simpatia ou algo próximo disso, então ela deveria pelo menos estar próxima de você até certo ponto e em algum aspecto (parentesco, espírito parentesco, proximidade de opinião, etc.). O homem tem uma força atrativa maior, mas a força repulsiva é ainda maior. O homem atingiu o estágio do seu desenvolvimento em que cada indivíduo - e não apenas a raça humana como um todo - é uma expressão especial, embora incompleta, da ideia suprema. Ele precisa, portanto, de um espaço tão amplo quanto o espaço de um mundo, de um caminho na vida tão amplo quanto o caminho dos corpos celestes. Mas na vida, que a cultura não criou nem à imagem dos ossos superiores da raça humana nem de acordo com o seu tamanho, não existe tal espaço e não pode existir - e necessariamente a força repulsiva é maior neles do que a força atrativa. E realmente que espaço, que lugar para o amor supremo pode haver numa vida em que tudo é limitado, em que a relação do homem consigo mesmo é limitada, e todo o anseio de expansão de sua alma é expresso não no desejo de expandir e aprofundar a vida na vida do mundo, mas se numa espécie de ganância você não saberá saciar-se ao máximo da vida limitada?

Nesta vida há mais espaço para a grande regra “de homem para homem – lobo predador” do que “amar o próximo como a si mesmo”. E não é à toa que diz o

ditado: é impossível amar sempre e amar temporariamente não vale a pena (esta frase é correta em relação a todo amor). E realmente é impossível amar sempre ou é melhor amar temporariamente, onde a vida é limitada no seu conteúdo ou estúpida no seu conteúdo, e necessariamente tudo se baseia no externo, na forma. Polidez por parte da forma, beleza por parte da forma, verdade por parte da forma, fraternidade por parte da forma, - há uma leve mancha externa e ainda mais um novo golpe para estragar o externo impressão?

Haverá espaço numa vida tão estreita e estúpida para que os seres humanos se sintam irmãos para toda a vida, irmãos sem condições e sem vínculos relacionais, irmãos-ondas, membros de um só mar de vida eterna, em que cada vibração em uma, seja grande ou pequeno, superior ou inferior, dá origem à luz. No segundo, se a luz da poesia ou a luz da tristeza? A partir de tal redução, a pessoa verá as feridas dos outros como se fossem as suas próprias feridas? O homem nesta vida, como dizem, é como um verme num rabanete - lá ele se vê e de lá ele vê o mundo dos outros. Se o buraco dele é pequeno, então ele não vê nada por causa dos outros, e se for um pouco maior, então ele vê nele, de fato, o seu buraco especial, um mundo completo e vê os outros por dentro, e aqui eles são pequenos e miseráveis e acusados de graça e misericórdia por não lhes ter cortado um rim. E não é de admirar, porque recentemente ele passou a duvidar, se estes pequenos valem a pena, que ele, o grande, se encolherá por eles, a fim de criar mais espaço para eles, o seu mundo. Ele não vê que o amor supremo não é a redução do “eu” do amante para dar lugar ao “eu” do amado, mas, pelo contrário, a expansão da vida do amante na alma do amado, assim como a mãe amorosa vive da sua alma para a alma dos seus filhos. Aqui está o sentimento mais belo, profundo e sagrado de toda a

criação, de todas as profundezas da vida. Porém, esse sentimento é o segredo da natureza, que não é a sua moral – se é que é a sua moral – mas para aqueles que se tornam parceiros no ato do Gênesis, na vida eterna. Vida superior - aqui está o caminho para o amor superior.

Na medida em que uma pessoa se liberta da sua estreiteza, na medida em que a sua alma se torna mais invasiva na vida do mundo, na medida em que ela é santificada na santidade mundana, cósmica, na santidade da ideia suprema, - nessa medida ele recebe o amor supremo. Semelhante é o amor supremo pela luz armazenada em muitas lanternas, uma na frente da outra, quem quiser obter a essência da luz armazenada deve descobrir por si mesmo o segredo de cada lanterna, como abri-la e retirá-la acima as outras lanternas, ele mesmo deve abri-las e retirá-las com grande esforço e grande esforço, até atingir a essência da luz superior. Porque a partir disso seus olhos vão se acostumando aos poucos, com a luz que vai ficando cada vez maior, e sua alma - com o fogo que vai ficando cada vez maior. “Sê santo, porque eu sou o Senhor teu Deus” antes de “ama o teu próximo como a ti mesmo”.

Porém, o próximo a pregar o amor na vida limitada que o homem vive até hoje, é como aquele médico que diz aos pacientes pobres, que não têm pão e vivem num estábulo: “Você precisa de uma economia da elite e espaçosa e bem- salas iluminadas." Quem prega o amor nesta vida limitada está necessariamente pregando ou a redução da essência do amante a zero, se não à negação de sua essência, à eliminação de sua essência, ou à redução da vida a zero, se não à negação de vida neste mundo e a promessa de uma vida superior no Reino dos Céus, ou ambos. Em todos os sentidos, isto nada mais é do que um amor pela

redução, que se o impusermos como um dever permanente à alma humana, então inevitavelmente significa que acabará por levá-la às mãos da mentira, da falsificação, da hipocrisia, mas especialmente em as mãos de um ódio subjugado, que ignora até os olhos de seu dono e sempre pede um lugar para irromper com permissão, e que Em uma explosão com permissão não há nada igual para horror e crueldade em todos os tipos de ódio aberto e selvageria no mundo. Quem inicia a doutrina da vida superior a partir do amor, é como aquele que tira a luz oculta de todas as lanternas e a dá a quem não sabe ter cuidado com ela e utilizá-la, que acaba - tornando-se um bêbado e queimando seus entes queridos em nome do amor, etc., etc., como é bem conhecido, especialmente para nós, judeus.

mão. O Homem Supremo ⚭

Uma das formas de beleza, sobre a qual o novo pensamento coloca a vida superior, é o governo dos indivíduos superiores , a grandeza e o heroísmo e a glória do governo e a aspiração de criar a partir deste, por esclarecimento natural, um tipo humano superior . O que pode ser dito sobre isso? O que deve ser dito sobre um governante supremo e que haja um governo supremo do supremo? Uma pessoa superior da sua pequenez, da escravidão dos outros! Uma pessoa superior, que não se responsabiliza pela pequenez e humildade dos outros como se fossem a sua própria pequenez e humildade, porque se faz da pequenez e da humildade dos outros uma escada para ascender à sua virtude suprema! E o que fará a pessoa suprema, por exemplo, quando chegar uma geração que seja inteiramente do povo Aliya, a quem ele aparentemente

aspira, - sobre quem irá então derramar o seu governo ou sobre quem irá afectar a maior parte dos seus favores?

O que dizer da elevação do tipo humano, pela qual são sacrificadas as emoções mais belas e mais elevadas da alma humana - a emoção da misericórdia, a emoção do amor por cada pessoa e por tudo o que está vivo e presente, - por qual é sacrificada a emoção mais elevada - a base de todas as emoções humanas, - a emoção A unificação completa do "eu" humano com toda a existência mundana e todas as suas manifestações? Você realmente tem que ser um gênio para elevar tal opinião ao nível de uma opinião mais elevada, para que as pessoas que pensam e sentem emoções a aceitem como uma verdade superior.

Se observarmos os ensinamentos de Nitcha a partir do simples ponto da verdade, que não pode ser obscurecido pelo poder de todos os tipos de novas luzes superiores, não é profundo ver, porque o poder de Nitcha não está em seus ensinamentos, mas em seus ossos poderosos até o medida em que não há nada acima dele. Ele ensinou Daat – ele ensinou sozinho e não através de seus ensinamentos – como uma pessoa eleva seus ossos a uma qualidade óssea superior. Ele praticamente provou que o alicerce do mundo do indivíduo está dentro dele e a partir daí ele deve começar a construir o seu mundo, para que o edifício se encaixe no alicerce, e rejeitar tudo que o contradiga de fora, e não o contrário , não iniciar a construção pelo lado de fora e encaixar a fundação no edifício. Ele mostrou que não há nada, nenhuma opinião ou medida que esteja diante do mundo especial do indivíduo, que todas as taças do mundo devem ser viradas, se não puderem permanecer como uma única partição com a taça especial do "eu" especial. e o principal - ser girado lindamente pelo poder de sua

linda tigela. Essa é a força de Nitshe, e é isso que deveria ser aprendido com ele (é exatamente isso que eles não aprenderam com ele). A raiz de sua alma vem da esfera do governo, e é realmente preciso ser um gênio para elevar esses ossos a um nível mais elevado de ossos, para descobrir tantas luzes superiores em uma esfera não superior. Mas de forma alguma o seu homem supremo é o símbolo do homem supremo a que a humanidade aspira (precisamente foi isso que receberam dele e exigem dele montes de leis).

Por outro lado, do lado da ciência e do realismo, surge o novo pensamento que coloca a vida na ordem social - principalmente no lado económico da vida - na primazia do geral sobre o individual, da sociedade sobre o individual. É preciso explicar, porque aqui a vida é colocada em redução, a forma é controlada sobre o conteúdo? Mesmo a justiça nesta afirmação nada mais é do que uma redução. A justiça, na verdade, nada mais é do que um conceito negativo: não-mal. Este é um conceito que faz parte da cultura humana, parte daquele acréscimo antinatural à vida natural, que está necessariamente cheio de todos os tipos de desvios do caminho da vida perfeita, de todos os tipos de distorções da lei justa. Na natureza do mundo não há lugar para a justiça e não há necessidade dela. A vida completa representa a verdade na natureza, tanto na natureza mundana quanto na humana, na lealdade de cada pessoa a si mesma, à sua natureza humana, ao seu eu supremo, e a justiça nada mais é do que uma espécie de sinônimo da saúde espiritual de uma pessoa. (o termo "justiça" é muito usado fora do lugar. Por exemplo, no caso de Durante anos eles caminharam no deserto, e um deles tinha água ou pão na mão apenas para sustentar a alma de um deles até ele chegou a um lugar para onde retornaria - nesse caso não há dúvida sobre como ele deveria fazê-lo: se ele pegar tudo para si ou der tudo a

outro ou mesmo dividir em anos, a justiça o fará. não fique prejudicada. Aqui há espaço para uma emoção diferente. A mãe, por exemplo, não vai perguntar: se é para ela ou para o filho.

Aqui não há lugar para a justiça, nem mesmo para o amor - aqui há lugar, se assim podemos dizer, para uma inspiração superior, para a revelação última da alma. E onde existe tal inspiração, uma pessoa pode num caso dar tudo ao seu amigo e noutro caso tomar tudo para si ou partilhá-lo durante anos, - e tudo será uma medida superior na medida em que não há nada acima disso.). E o arranjo societário nada mais é do que a adequação dos detalhes da empresa à regra completa. É uma espécie de combinação das vozes dos membros do coro em uma melodia completa. Mas a harmonia não pode preceder a melodia, a criação da melodia, e não pode criar a melodia por si só.

Pensar que deve ser encontrada tal ordem social, na qual não haverá lugar para todos os tipos de mal, falsificação, feiúra, ou que tal ordem virá por força da necessidade histórica da vida de redução, daquela cultura, que representa a antinaturalidade da vida - isso não é semelhante ao que O conhecido cabaré plantou todos os danos em sua execução e todas as suas correções no local de encontro de seus membros? A vida humana vem antes da justiça e da ordem. A vida humana cria ordem e faz justiça, seja ao desnecessário, na medida em que é pacífica, saudável, humana e natural, ou sem benefício aos desamparados, na medida em que é deficiente.

A vida do futuro virá deles, de dentro do próprio homem, - e uma ordem criada será criada a partir deles, uma ordem viva, fluida e regeneradora, assim como o corpo vivo e saudável de uma criatura viva cria sua ordem viva a partir de dentro de. A justiça, a ordem da

sociedade atual nada mais são do que uma espécie de nota médica e medicamentos para doenças, que enquanto não forem eliminadas as condições que dão origem à doença e o paciente não for trazido às condições naturais, não têm poder para se beneficiar. Os medicamentos, na medida em que são vistos como o principal, apenas desviam a opinião do principal e estragam na mesma medida em vez de fixar.

Mais recentemente - a colocação da vida na religião, a partir da qual realmente começa a vida humana, como explicado acima, e que existe até hoje, embora de forma pobre. Na verdade, não existem fundamentos para a vida humana, para uma vida superior, mas sim anos - religião e beleza, um fundamento do lado do conteúdo e um fundamento do lado da forma. Um elemento de conteúdo só é possível, claro, se assumirmos a realidade do conteúdo na essência da existência global, se assumirmos que tudo desaparece como um elemento cósmico. Com um fundamento cósmico cego não há espaço para um fundamento de conteúdo para a vida humana, e é preciso necessariamente contentar-se com um fundamento por parte da forma, se o que se deseja é uma forma adequada à miserável vida humana.

A moralidade não tem base na ausência de uma base para a vida humana, na ausência de uma verdade absoluta, de um mandamento absoluto ou de um sentimento de responsabilidade absoluta como base do “eu” humano. A moralidade baseada na vontade cega é simplesmente absurda, porque o absurdo é, desta forma, toda legalidade, toda lógica e, em qualquer caso, toda responsabilidade, toda aspiração de correção. Quando você diz: responsabilidade, você necessariamente diz: a razão desaparece. Mais do que isso, quando você diz: unidade, unidade no ser, unidade na cognição, unidade no sentimento, você

necessariamente diz: a mente desaparece. Embora Nietzsche tenha se aprofundado para ver isso por um lado, porque, portanto, quando ele aprofundou os fundamentos do ateísmo, ele se esforçou com todas as suas forças para provar que não há unidade na natureza, que a unidade na natureza é apenas imaginária.

Mas por outro lado, ele não quis ver, porque nesta prova ele destrói mais o corpo do que destrói o teísmo, destrói antes de tudo o conhecimento e a razão, o mesmo poder pelo qual ele prova que não há unidade no natureza, e nem é preciso dizer que com este corpo ele destrói a natureza. Todo o seu método trata de aspirações elevadas e de um homem elevado.

E não foi à toa que Kent tentou provar que a moralidade é o fundamento da religião e não o contrário. Aquele que colocou tudo na cognição pura, na razão pura e prática, teve que decidir desta forma. Ordens absolutas ou um sentimento de responsabilidade absoluta na alma humana obrigam ao reconhecimento de uma necessidade lógica de admitir um elemento cósmico e mental. Porém, do lado da experiência, da própria realidade desse sentimento na alma humana, afinal, a religião vem em primeiro lugar, afinal, esse sentimento, que na verdade é a conquista do fundamento cósmico intelectual, é o fundamento, e e não o contrário.

Mas a religião, para ser o fundamento de uma vida humana superior, de uma vida fluida, crescente e renovada, não pode ser fixa e permanente, não pode depender de crenças, opiniões e leis aceites de geração em geração e transmitidas de geração em geração. . A religião não são as crenças e opiniões, nem as leis e aceitações, - a religião é o sentimento religioso, o sentimento da união completa do “eu”

humano com toda a existência mundana, uma conquista experiencial anterior à conquista cognitiva. Este é o único princípio religioso que tem existência universal e eterna. E não existem outras leis para a religião, exceto aquelas acusações que surgem diretamente desta emoção suprema e que são renovadas com a renovação desta emoção.

O constrangimento vem do acordo aceito e existente de pensar que a religião é a forma da religião, e a partir disso a forma é fixada com pregos e a vida dentro da forma é reduzida. Mas a vida não fica parada e inevitavelmente a forma explode e o conteúdo evapora e é ignorado. A primeira razão para isto é que a religião, o sentimento religioso, é a virtude da alma do indivíduo, o segredo do "eu", na medida em que é vivo e profundo, e a forma da religião é a criação da nação . É aqui que começa a dificuldade. A dificuldade vem do lado da nação, e do lado da nação vem e deve vir principalmente a criação da vida, - e precisamente este lado não foi levado em conta na devida medida ou não foi levado em conta de forma alguma, em vez de haver uma aspiração de corrigir o homem, de renovar a vida em geral.

A regra geral que emerge de todos os elementos da vida e dos modos de vida, que foram mencionados e que não foram mencionados aqui, é que o controle da cognição sobre a experiência, da forma sobre o conteúdo, leva a uma redução da vida, a uma uma completa secagem da fonte da vida. A frieza nas esferas superiores da consciência que está velada de toda a vida não vem da grande e terrível altura da realização suprema, como estamos acostumados a pensar e recomendar, mas simplesmente da perda do calor próprio dos empreendedores. , do esgotamento da fonte da vida. Esta é a frieza da lua, que não tem mais calor e luz próprios, porque se a luz de Saul é fria,

a consciência pura é por sua essência passiva, carente de poder criativo. Esta é uma máquina que não cria, mas processa o que é colocado nela. Mas a vida é uma criação, não o que existe, o que existe, mas o que é produzido e renovado.

Este é o poder da experiência, quando funciona em perfeita harmonia com a consciência, e é o poder da consciência, quando funciona em perfeita harmonia com a experiência.

Tu. A vida como uma criação

A vida é uma criação, uma renovação constante, uma constrição sem fim – e o homem partilha com a natureza a criação da vida. A luz da vida humana não está naquilo que o homem tira do pronto, nem mesmo no que ele dá aos outros do pronto, mas naquilo que ele cria. Na criação ele dá tudo de si e leva tudo de si.

Qual é a criação da vida no lado humano? Qual é o papel do homem nesta parceria?

Por parte da criação física, a própria natureza partilha com o homem - isto é, partilha com todos os seres vivos, incluindo o homem - na sua criação e mostra-lhe o poder da criação, embora não lhe revele o seu segredo e não lhe seja entregue à sua vontade informada. Pode-se dizer que esta é a potência do desejo sexual, que vem em prol da criação, da qual a natureza participa com todas as suas potências – a criação da vida. Esta criação de fato não foi dada à disposição do homem, o homem não age nela nem de acordo com a sua vontade informada nem de acordo com a intuição informada, mas de acordo com os

ditames absolutos da natureza, mas há um lado nisso, que diz: Darshoni. O amor entre um homem e uma mulher, que na sua forma mais elevada tem o poder de servir de freio à luxúria, parece manifestar uma aspiração por parte da natureza em dar ao homem, na medida em que soube ser homem, uma maior , parte mais humana nesta criação. Mas o homem não insistiu nisso, assim como não insistiu nisso, porque o pecado, a feiúra e a sujeira, que são sentidos aqui, não são na verdade a satisfação da luxúria ou a quebra dos limites que os humanos estabeleceram para esta concupiscência, mas antes na realização da concupiscência em vez da criação, ou na "permissão" ou na "proibição"; Assim como ele não defendeu isso, porque o seu pecado em geral é o que ele peca contra a natureza.

E ele paga pelo seu pecado pela criação da vida evaporando a emoção do amor e jogando sujeira no relacionamento entre um homem e uma mulher, pagando recentemente com o melhor de suas forças físicas e mentais e o melhor sabor da vida e do luz da vida.

Disto devemos aprender sobre a parte inteligente do homem na criação da vida e o valor vital desta parte.

Tomemos por exemplo a obra literária ou artística. Aqui também você encontra o vício completo da pessoa. A completude do trabalho depende da completude do vício, e o principal elemento do talento do trabalho é o poder de ficar absolutamente viciado no conteúdo do trabalho, de concentrar-se nele absolutamente e de engoli-lo absolutamente. E por outro lado - de acordo com o grau de vício é também o grau de prazer supremo que o trabalho proporciona. Também aqui o homem toma tudo de si, na medida em que dá tudo de si. Nietzsche, por exemplo, testemunha para si mesmo

que quando criou Zaratustra sentiu um prazer tão supremo, uma elevação mental tão grande, que nenhum homem jamais havia sentido antes. Mas este sabor do prazer também tem muito do sabor do prazer mental na criação sexual.

Há aqui uma espécie de melodia especial de acordo com uma escala musical comum, e não é à toa que você descobre que os grandes criadores têm sede de amor e sofrem por isso muito mais do que o resto dos seres humanos, e nada mais do que o a própria ação do trabalho artístico provoca o despertar do amor ou é despertada pelo amor.

Sobre Goethe, por exemplo, seus biógrafos dizem que a cada nova paixão, o poder de criação aumentava nele novamente, e alguns acreditam o contrário: cada nova criação o levava a uma nova paixão, fazia nascer uma nova necessidade de amar no alma. Claro, porque daqui o caminho não está longe da sujeira e da impureza, aqui está o espinho no seu lado. Se a criação, o sabor supremo da vida, está tão ligada à luxúria sexual que não raro faz o criador perder a cabeça, então isso exclui o sabor supremo da vida, então dá espaço para o pensamento: talvez toda a força da criação e de todo o eu do sabor da vida Os supremos nada mais são do que os meios da luxúria sexual para inclinar o homem a ela, ou os meios de autoengano, nos quais a miserável alma humana é tão rica. Embora você encontre pessoas com um tipo de alma diferente, para quem a guerra está sempre na vontade, precisamente por uma aspiração a uma santidade superior, tanto é verdade que daí chegaram à opinião geral de que a impureza segue a santidade ou que a “concha” se esforça para aderir ao que é sagrado. E não só isso, mas também o contrário: a exaltação religiosa também não está isenta da tendência de pintar o anseio mental por Deus de uma

maneira semelhante ao conhecido anseio mental por uma mulher. E não apenas nas religiões pagãs. O Cristianismo também tem uma “Mãe de Deus” que está tão próxima daqueles que têm uma alma religiosa poética entre os cristãos. E mesmo a nossa religião, tão pura de qualquer vestígio de idolatria, não foi completamente salva da influência estrangeira, quando estrangeiros vieram governar o nosso povo, e inventaram para ela uma pintura - embora na verdade uma pintura abstrata - de "Shekinah" (e há quem tenha entre nós um sentimento poético religioso, mesmo entre os novos, que encontre precisamente nesta pintura uma poesia suprema!). E se observarmos, por exemplo, o caminho da vida e das ações de Buda, não estamos longe de pensar: talvez tudo isso e coisas semelhantes - mais do que todas as coisas contadas sobre ele - o tenham levado ao ponto de completa negação da vida, porque ele também, segundo a história, travou uma dura batalha contra o instinto, e também sim, na forma de mulher. Tudo isso abre espaço para dúvidas penetrantes que descem ao abismo.

Porém, você encontra um trabalho que nada tem a ver com a vontade limitada, com os desejos limitados do “eu” privado, também conhecido como trabalho científico. A descoberta científica não é algo de criação e não de mera cognição? Uma coisa simples, por exemplo, como uma maçã caindo de uma árvore, que os humanos, e entre eles todos os pensadores de pensamentos, já viram inúmeras vezes, não despertou em nenhum deles o pensamento simples, porque existe uma força atrativa vinda de a terra, até que Newton veio e descobriu a força da gravidade (E aqui há uma grande admiração mental, só que de um tipo diferente. Por exemplo, diz-se que quando ele encontrou a lei conhecida pelo seu nome, e ele estava então em ao balneário, ficou tão espantado que correu nu pela rua e

gritou: encontrei quando ele mesmo era verdade ou não, o desenho da admiração de Arquimedes é certamente verdadeiro). A própria criação é a iluminação mental repentina, a realização brilhante no momento em que brilha o relâmpago, uma espécie de abundância suprema afetada repentinamente, sem que a pessoa saiba de onde ou como, afetada pela concentração especial da experiência, pela mesma força chamado a ele pelo Espírito Santo, inspiração, etc. E hoje se chama intuição.

Por isso você diz que existem dois tipos de criação: uma criação de redução. associada aos limites estreitados do "eu" privado e a uma criação de expansão que não tem redução diante dela, porque há infinito antes dela. A diferença não está tanto na criação em si, mas na relação mental do criador com a vida e o mundo, com o que serve de conteúdo à sua criação, na fonte mental da qual deriva a criação. Portanto, não é difícil encontrar os dois tipos de obra num só criador, e às vezes até na fábrica de uma só obra. A criação da redução vem do desejo limitado do "eu" privado, que se esforça para se fortalecer na sua redução. E a criação da expansão vem da ambição do "eu" individual de ir além de sua redução, de sua ambição de ver a vida e o mundo e a luz da vida e do mundo a partir deles, e a si mesmo como uma espécie de ponto central dentro eles. Esta é a revelação do "eu" privado para si mesmo fora da vida e do mundo como um indivíduo absoluto, único e especial dentro do todo absoluto, único e especial, como se ele fosse o "eu" da própria essência da vida e o mundo. Num trabalho de redução, a vida do "eu" individual se opõe à vida do resto dos indivíduos e à vida do todo, e toda a força do trabalho nada mais é do que uma espécie de emergência de uma conexão dentro dos contrastes e contradições. E de acordo com a base dos contrastes há um contraste absoluto, um contraste entre os

desejos limitados do “eu” privado que é fortalecido na sua redução, e entre a vontade mundana, para a qual a vida do indivíduo é diante dela um problema no que diz respeito à vida do absoluto comum, portanto não há realmente o brilho brilhante na criação de uma redução, mas uma luz enganosa, no máximo - uma luz de puro divertimento. O mundo que se revela no trabalho de redução é o mundo da imaginação, a essência da realização nele - a essência do sonho e sua principal força - na forma. O homem criativo não cresce pela sua criação a partir da sua redução ao infinito, mas se cresce junto com a sua redução, como uma tartaruga que cresce junto com a sua carapaça.

E o mesmo acontece com a sua ação sobre os outros também, a ação de uma luz recorrente como a luz da lua, que é agradável aos olhos, especialmente aos olhos do sonhador, da luz do sol, uma luz envelhecida, inebriante, luz hipnótica, mas não educa, não estimula a vida e a criação na vida. Portanto, não é de admirar que se faça uma distinção entre o criador e a sua criação ou entre o criador e o homem: como grande criador e como ser humano - não propriamente

No entanto, a criação da expansão é a revelação da essência da vida e do mundo como ele é, a essência da sua realização - a essência do conhecimento e da vida, e a expressão da sua criação real é - a essência do criador, o essência da pessoa no criador, cada criação parcial é uma espécie de revelação de relações inesperadas, de uma conexão inesperada entre visões conhecidas, cósmicas, sociáveis, psíquicas, - relações e conexões que lançam uma nova luz sobre essas visões e sobre o domínio absoluto como um todo.

É como a revelação do universal absoluto numa visão privada e num momento aos olhos da pessoa individual, uma revelação de um lado novo e

inesperado, como se a pessoa individual vivesse num momento de um novo aspecto para o todo. criação mundial ou como se toda a criação mundial vivesse em um momento de um novo lado para o homem. E na mesma medida, a obra parcial também parece acrescentar um novo desenho ou um novo ponto na forma da alma do criador. A criação da expansão começa, como vimos, na contagem da mente, na contagem da realização objetiva em geral, mas é também, ou principalmente, na contagem da vida, quando a vida é objetiva, se alguém devo dizê-lo, quando a alma humana está inteiramente consumida pela observação da natureza. O poeta russo Lermontov pintou um retrato fiel de um desses antecedentes em seu poema:

Quando você sentir que seu sangue é dourado e fresco, escurecido pelas sombras

A floresta Yesan Dom para tocar um vento fresco,

E escondido um jardim engrossa, em segredo brota folhas

Uma ameixa com vermes, deliciando-se com sombras suaves;

Hora da manhã dourada ou segunda-feira à noite

A cabeça prateada, Muse Tallim, Dom

Da conversa vou curtir Zivni

Com uma risada agradável e a humildade de Tom;

Quando uma espécie de cristal frio faz amor com os bosques.

Em seu filho há um sono profundo no coração em latim

E murmurou um conto de fadas para mim

A alavanca da paz, da qual ele navegou, -

Então descanse minha alma em mim, descanse das guerras

E as rugas da minha testa desaparecerão, passarão completamente,

Então vou comer azah no azul de Dviri al

E conhecerei a felicidade na terra 2 .

Você precisa conhecer essa alma turbulenta, que não conheceu descanso e não tolerou mentiras, bajulação, autoengano, que provou e engoliu a vida como ela foi determinada e preservada, que tanto pediu e nada encontrou, - para sentir que aqui não fala só o sentimento de beleza, porque felicidade O que se expressa nisto não é uma bênção, uma espécie de “melhor canto”, e que o nome de Deus não é aqui tomado em vão, no mesmo sentido banal, que as bênçãos - e não as bênçãos - usam o nome de Deus em suas bênçãos e que este poeta também o usa em outros lugares. E se você ouvir a linguagem da alma e a música da alma, as mesmas vozes e choques que acompanham a voz fundamental do seu esconderijo, que nunca vêm à luz, a menos que passem secretamente para o grande silêncio, - e você ouvirá ouça também a voz da reconciliação suprema, que vem em meio à realização suprema da tristeza mundana E tão purificadora, e você disse: Há realmente um lugar no mundo para a pureza suprema, para a santidade suprema!

E assim é a criação na vida humana: a renovação, o estreitamento da realização vital de acordo com a renovação da vida natural. Mais precisamente, a criação na vida humana é a criação do próprio homem, uma criação renovada e incessante a partir da renovação constante da natureza. A natureza regenera a cada momento um ato de criação e atua sempre na alma humana. E o homem também poderia ser assim. O corpo humano é renovado a cada momento pela mudança de materiais nele contidos e, num sentido conhecido, é a cada momento como um novo corpo. Até este ponto, o homem aparentemente teve que viver uma nova vida a cada momento. Mas a questão é que a criação requer um vício completo, uma fusão completa do homem e da natureza, de todas as forças do corpo e da alma do homem com todas as forças da natureza mundial. É necessário que o homem esteja inteiramente encapsulado na natureza, em todos os átomos do seu corpo e em todas as centelhas da sua alma. É necessário que com cada novo átomo material um novo átomo mental entre na pessoa. Isto é, para que a vida humana seja cada vez mais renovada, cada vez mais produtiva, é necessária uma atitude completamente diferente por parte do homem em relação à natureza, não apenas uma atitude mental diferente, mas também uma atitude prática diferente.

Tudo o que o homem faz e pede na natureza, desde a construção da sua casa e cidade até ao seu trabalho no campo, na água, etc., deve ser feito de uma forma diferente e com uma atitude mental diferente, o homem deve saber pedir na natureza não apenas pela sua alimentação física e pela sua vida física, mas também pela sua alimentação e pela sua vida mental. Deveria ficar claro, porque não há outro lugar para a vida, nem para a vida do corpo nem para a vida da alma, fora da natureza. Conhecimento, arte, etc. não proporcionam

vida mental ou alimento mental, assim como não proporcionam vida física ou alimento físico. Eles só podem instruir um caminho, como pedir e encontrar vida espiritual e alimento, no máximo podem dar-lhes uma espécie de tradução. Somente a natureza dá vida à própria criação.

Tudo o que isto é dito pode ser resumido assim: enquanto o homem viveu com a natureza, viveu a natureza, enquanto a sua vida esteve encerrada na vida da natureza, ele não conheceu a natureza, não conheceu a si mesmo, não conheceu o que viveu, não conheceu a vida, não conheceu a sua força para viver. Sua liberdade não era completa então, ele era um escravo da natureza, na verdade, de sua própria ignorância. E a partir do momento em que conhece a natureza, e conhece a si mesmo, a partir do momento em que o seu conhecimento avança e abrange o mundo inteiro, ele já não vive a natureza, não vive ele próprio plenamente, não vive o que conhece. , ele não vive a mente e sua liberdade não é completa deste lado. Ele se tornou escravo do homem, escravo do seu conhecimento, escravo do seu espírito, escravo do seu punho.

A vida completa é antes de tudo uma questão de liberdade. No entanto, se a obtenção da libertação da natureza, que nada mais é do que a libertação do homem dos seus próprios fardos, não é extremamente difícil, uma vez que o conhecimento, que só precisa de estudo, dá a liberdade necessária, - aqui está uma questão completamente diferente. a obtenção da liberdade do outro lado, do homem, do poder principal do Homem, do lado da consciência. Libertar-se do que existe do estreitamento escravizador da consciência , que é o único e especial instrumento de trabalho em tudo o que o homem pensa e cria, é incomparavelmente mais difícil do que libertar-se da

ignorância, - mais difícil até para os indivíduos, e nem é preciso dizer para todo o homem.

A libertação desejada só pode vir da natureza, da fonte da liberdade suprema, da fonte da vida e da criação. O homem precisa retornar ao lugar de onde veio, à natureza, mas retornar quando estiver libertado da natureza, realmente libertado da redução de si mesmo por parte de sua ignorância, para libertar-se de si mesmo, da redução de ele mesmo por parte de sua consciência, para não ser nem escravo nem senhor da natureza, mas um amigo decente da natureza na vida e um parceiro decente na criação. O homem já aprendeu a saber o que é para ele a natureza em termos de saúde do seu corpo, o quão prejudicial é para a saúde do seu corpo o seu distanciamento da natureza, já aprendeu a procurar a saúde do seu corpo e a recuperação do seu corpo na natureza. E nada mais que isso aprendeu a treinar a própria natureza - onde é necessário treinamento - para reavivar seu corpo, como, por exemplo, secando pântanos, plantando florestas e coisas do gênero. Mas ele ainda não aprendeu a procurar a saúde da sua alma e a recuperação da sua alma dentro da natureza e a preparar a natureza para a recuperação da sua alma. O homem ainda busca a cura de sua alma com “virtudes”, com amuletos ou curas comprovadas: com opiniões abstratas, a moral e a poesia, que são abstratas pela natureza das coisas, ou mudando meus valores nessas esferas abstratas, ou por mudando os arranjos políticos e sociais em sua vida defeituosa, em vez de buscar curar a própria essência da vida prática, fonte de todas as opiniões, morais e poesias, devolvendo-as à fonte de sua succção. Ainda assim, a sua atitude em relação à natureza não aumentou em nada em relação ao que era quando eles não se conheciam, pelo contrário, diminuiu muito em relação ao que era. Então a sua atitude era a atitude de um escravo para com o seu

senhor, em todo caso para com o seu grande senhor, e agora é a atitude de um escravo porque vai reinar, que se considera senhor num lugar onde não vê a mão de seu mestre sobre ele. Isto é, em vez de ser anteriormente um escravo da grande natureza mundana, ele é agora um escravo da sua própria natureza pequena, limitada e defeituosa.

É aparentemente visível e conhecido hoje quão grande é o poder da natureza na criação da natureza do homem. Onde quer que você encontre a aspiração de defender uma nação, você encontrará uma explicação da singularidade do caráter, antes de tudo, na natureza especial de sua terra. O que as coisas dizem: sob a influência da natureza primitiva sobre seu primeiro instinto, sobre a gênese da natureza humana quando o homem era apenas ativo e não fazia nada, quando o homem apenas comia do que estava pronto, do que encontrava pronto diante dele na natureza, e vivendo do que estava pronto, sem fazer nada e sem saber de nada, como este bebê, amamentando nos seios de sua mãe e entregue inteiramente aos cuidados de sua mãe. Mas a questão é: o que o homem fez na natureza, desde que começou a fazer na natureza como um homem faz dentro de si mesmo? O que fez ele naquela natureza, que levou até aos limites da sua vida prática e nela deixou a sua marca, na mesma natureza em que fez a sua casa, na qual encontrou o seu pão? Ele agiu nesta natureza para ter uma fonte infalível de vida, assim como fez para ter uma fonte infalível de sustento? Qual é a natureza do modo de vida? Existe um caminho para a vida natural desta natureza para o homem e a vida humana? O que esta natureza diz à alma humana, qual é a expressão na face desta natureza? Não se deveria afastar-se muito dos limites da vida prática ou distrair-se deles, a tal ponto que nem todas as pessoas são capazes disso, e concentrar-se completamente em olhar para a natureza pura, para ver

nela o que o poeta viu nele? Na vida prática, existe alguma atitude mental em relação à planta quando ela está consigo mesma, com todo o campo e com o jardim e a floresta quando estão consigo mesmas? Não estarão derrubando, por exemplo, florestas eternas, e até florestas perenes, que não são apenas o esplendor da natureza, uma espécie de esboços de nobreza diante da natureza, mas também são benéficas à saúde do homem e da planta juntos, - não estão sendo cortados apenas por uma questão de dinheiro, por cálculos de redução e pequenos? E mesmo as regulamentações que os governos fazem a este respeito também nada mais são do que uma conta limitada, talvez um pouco menos limitada, mas de forma alguma é a conta da natureza quando ela é para si. Onde, por exemplo - para citar um entre milhares de milhares de provérbios -, onde fica a floresta do Líbano? Ou uma cascata de água que se tornou uma máquina de poder - o que ele diz? E assim por diante até o infinito. (E não diga: Ordem social capitalista. Tem sido assim desde o início da civilização humana, e nada mais do que a ordem social almejada não garante nada a esse respeito. Numa ordem social, a distribuição de a propriedade, que vem da natureza, pode ser mais justa, mas daí o caminho ainda está longe de uma atitude definitivamente diferente em relação à natureza).

Você viaja, por exemplo, de Trieste a Viena, a natureza do lugar é simplesmente deslumbrante, pelo menos para quem vê tal natureza pela primeira vez. E o que essa natureza significa para os humanos? Não é suficiente que em todos os lugares você encontre árvores podadas, como de acordo com Izu, e similares, de embelezamentos e decorações, que agem sobre você como muitos tipos de embelezamentos e ornamentos, como muitos tipos de cosméticos, onde há beleza natural, - aqui, ao longo do caminho, seu

olhar encontra constantemente uma grande consciência de tudo o que a mente. Vários fabricantes fabricam em suas fábricas e todos os tipos de lojistas colocam à venda em suas lojas. E os anúncios estão, na sua maioria, colados a uma árvore ou a uma pedra e são um amortecedor entre os olhos - e mais do que isso entre a alma - e entre as vistas mais belas e mais sublimes. E todos os tipos de pessoas, que certamente têm muitas almas e pensamentos, passam por aqui todos os dias aos milhares e milhares, - e não há nada, o mundo como é seu costume, "Um homem da aldeia" certamente não deixará de adicione: certamente é assim que deve ser feito. Não há nisso alguma blasfêmia?... Eu diria: blasfêmia, se não fosse em nossa época que o sotaque é tão blasfemo (não existe uma relação com a natureza que exclua de qualquer maravilha o que a terra da Suíça, por exemplo, não tem igual, segundo todas as notícias sobre ela, em beleza, magnificência, como se sabe, quase só gente medíocre, e quase nenhum gênio?).

E quando você chega a Viena à noite, e aqui diante de você há luzes incrivelmente brilhantes, - e o que a luz significa? A luz também borda, borda em todos os tipos de formas e tonalidades em tudo o que borda as árvores do campo, as pedras das montanhas, as paredes das casas, as colunas dos jornais e aqueles que andam com os dois pés onde quer que estejam. etapa. Inclusive a ação da cidade na alma, na alma que não é polida e nem amarrada em espartilho! Em Viena, que é celebrada como uma das cidades mais bonitas da Europa, existem de facto muitas ruas largas, muitas árvores e vegetação, mas em geral novamente aquelas caixas altas que não têm a aparência de casas vivas, se não a aparência de enormes e lindas lápides, às vezes incrivelmente bonitas; Mais uma vez o mesmo gelo e estagnação, que se inclina como um olhar firme sobre todas as ruas, e a mesma fervura do dinheiro vivo, a

mesma busca hipnótica nas ruas que diz: “Tempo é dinheiro”, a busca de negócios, depois riqueza, depois de todos os tipos de prazeres ou simplesmente atrás do pão, como se toda a vida estivesse sujeita a algum caldeirão ou tigela, e cada um se apressasse em chegar à frente dos outros e agarrar o máximo possível; Novamente a mesma estranheza entre eles, o mesmo entrincheiramento nos corações um do outro e a mesma elegância oficial e polidez formal no rosto. Parece que toda a natureza, à qual lhe demos o direito de sentar aqui, é usada como uma espécie de decoração ou uma espécie de peça de teatro, e não tem permissão para ser vista pelo olho humano, exceto quando é aparado e embelezado de acordo com todas as leis da última confissão. E por que vou perecer? Quando meu amigo, que estava comigo no trem, me perguntou com admiração: “Você gostaria que tivéssemos cidades como esta na Terra de Israel?” - explodiu do meu coração, sem nenhum pensamento prévio, explodiu com a força do sentimento opressivo, que agia sobre mim o tempo todo e que se renovou aqui com força total: "Não!", - "Não" que disse o que a boca não poderia dizer então. E há pessoas com pensamento e emoção que decidem, porque cidades bonitas criam pessoas com almas bonitas! Talvez a beleza das árvores podadas, usadas como decoração das cidades, seja bela, mas não é a beleza da natureza.

E quando me viro daqui para a nossa terra, “para a terra da nossa esperança”, “para a terra da nossa ressurreição”, etc., etc., lembro-me antes de mais nada do dia em que vim com o primeiro grupo para Kfar Oriya . A natureza me deu a impressão de uma natureza nova, nem mimada nem domesticada, que te trata com inocência e fé, o que me lembra o que se diz em algum lugar, porque nos lugares distantes dos humanos existem outros animais semelhantes, que não saber ver o rosto do homem e aproximar-se dele e olhá-lo com

inocência, sem suspeitas e como se fosse uma amizade. E pensei então: esta natureza desolada, tão magnífica e modesta na sua beleza e valor, tão próxima das nossas almas, que canta secreta e agradavelmente, de dentro das nossas almas, que nos recebe com tão belo acolhimento, que tanto nos promete e é tão fiel em cumprir sua promessa, – o que lhe prometemos e o que podemos prometer? Aqui o grupo veio lançar as bases para um novo edifício neste local, - qual será este edifício? É verdade que este edifício acrescentaria alguma coisa a esta natureza encantadora, ou pelo menos não a prejudicaria? Não sabemos o que os construtores do assentamento e seus criadores dão e acrescentam. O que deram e o que acrescentaram, por exemplo, todas aquelas vinhas, pomares, etc., que foram plantados e cultivados por outros, toda aquela vistosa “criação” que “passou de um terreno baldio a um paraíso” pelas mãos de estrangeiros? O que tudo isso significa? Não: Dinheiro, dinheiro, dinheiro! É necessário ter um ouvido muito musical para ouvir a voz que sai de toda essa “criação” e diz: Você profanou o deserto, a destruição! A destruição na Terra de Israel, não há algo nela, algo que exige uma eternidade e promete uma eternidade. Existem ouvidos, estes têm coração?

E mais uma vez lembro-me da destruição, quando fui ao Muro das Lamentações pela primeira vez, disseram-me - disseram pessoas não religiosas - que uma pessoa de Israel, seja religiosa ou não, não pode deixar de derramar lágrimas ao ver o Muro. Desenhei o muro para mim de acordo com o desenho da nossa literatura antiga, pensei vê-lo como um muro de espadas em ruínas, e todo o lugar diz: ruína. E aqui, depois de muito caminhar por ruas estreitas e curvas, entro num longo quadrilátero, com cerca de dezoito metros de comprimento e cerca de quinze de largura, cercado em três lados por muros de edifícios altos, e o quarto lado

é o Muro das Lamentações. Além do Kotel, que não difere muito das demais paredes da praça, não há vestígios de destruição. Não chorei e não consigo descobrir por mim mesmo o que senti então - uma espécie de caos ou uma espécie de devastação de sentimentos. O que irrompeu então até ao limite do reconhecimento foi um insulto – um insulto sem limites, um insulto a nós, os Judeus, e um insulto a todos os seres humanos. Quão pequena, limitada, quão estúpida é a raça humana, se existem pessoas entre ela - e elas são a maioria - que não têm lugar em suas almas para o sentimento de reverência diante da destruição de uma nação, de uma nação viva, vivendo no exílio, de uma nação cuja Torá é sagrada também para eles, para aqueles que blasfemam a sua destruição!

É assim que o homem sabe participar com a natureza na criação e na construção, e é assim que ele conhece a lição que a natureza lhe dá na forma de destruição daquilo que o homem criou e construiu, daquilo que toda uma nação criou e construiu. , cuja criação também tem algo a ver com ele, para o profanador de sua destruição!

16 A cultura falsa e a cultura procurada

Não há necessidade de explicar quão evidente é a grande mentira em todas estas palavras, de que os seres humanos, entre aqueles que falam em nome da religião e da moralidade e entre aqueles que falam em nome da beleza e do heroísmo, etc., amam tanto definir-se por eles, como justiça, bondade ou glória, grandeza, heroísmo, etc. Há muita justiça e bondade ou talvez muita beleza, grandeza, heroísmo naquilo que o

homem, a jóia, a coroa da criação, encontra para si o direito supremo de ser um predador e come todos os animais, usurpa toda a sua liberdade, suga todo o seu poder!

Ao homem só falta o título de “homem superior”! Ele só precisava atingir tal nível quando a guerra aparecesse. Mais um passo decente, mais um esforço decente de força de vontade - e o heroísmo supremo foi alcançado. Tudo isso, como mencionado, não precisa estar bem e também é permitido estar bem. Mas a questão é: não existe realmente nenhuma ligação mental viva entre o homem e outros animais?

Será que, por exemplo, no caso de total solidão, de total distanciamento dos humanos, a pessoa não ficaria feliz por cada ser vivo próximo a ela, por exemplo, um cachorro, um pássaro, e até um boi ou um burro ou um leão? Não sentirá então que a criatura viva é para ele mais do que uma coisa benéfica, porque é para ele, antes de mais nada, mais do que qualquer alma viva, cujo valor de utilidade não pode ser estimado? E o principal - não há espaço para pensar que desta relação limitada e estúpida do homem com todos os animais, que funciona de forma tão real, uma ação tão constante, está tecida em sua alma sem sua mente e sem seu sentimento o fundamento de toda a sua relação com o homem e, por outro lado, consigo mesmo?

E o homem por direito próprio – o que é o homem na sua vida prática e social? Qual é o epítome da sua vida sociável, qual é a expressão da sua forma sociável, a expressão da forma da pessoa privada não como um indivíduo conhecido, mas como um membro da sociedade, ocupando um lugar conhecido, desempenhando um papel conhecido na sociedade? sociedade? Quais são todas as classes e todos os

degraus da escala social? Qual é a relação entre uma pessoa e seu amigo na sua vida prática, no seu dia a dia? Tudo maior que seu amigo é mais fortificado e mais distante é uma distância de respeito. Não é a distância dos corpos celestes, cada um dos quais tem seu próprio curso especial no espaço do mundo, todos os quais juntos são atraídos uns pelos outros e existem durante eles em seu próprio curso, cada um pelo poder de seus semelhantes. , mas sim uma distância de contração que o "pequeno" deve encolher para dar mais espaço para que o encolhimento do "grande" se expanda em sua estreiteza, seja no sentido físico ou no sentido espiritual. O grande não exige de si mesmo mais respeito pelos outros, mais liberdade dos outros de qualquer influência, material ou espiritual, mais espaço para os outros encontrarem o seu próprio caminho, mais espaço para a sua autoeducação, porque pelo contrário: "grande "Estou, bem - pela terra! Bem - renda-se à minha vontade, bem - aceite meus ensinamentos ou minha sabedoria suprema! e assim por diante. E a primeira e fundamental expressão de tudo isto, de todas as relações sociais, é a etiqueta, que o homem não merece ser aceite numa sociedade decente, tal como nenhum cão indomado merece deitar-se no colo de uma senhora de salão. A polidez é exatamente o oposto da mentalidade, de uma mentalidade simples e natural - ela liberta de toda mentalidade nas relações entre as pessoas. Esta é a falsificação de todos os sentimentos humanos, e em particular a falsificação do sentimento de honra, que aparentemente é o seu poder, uma falsificação consciente, que chega a encobrir folhas de figueira para a nudez da vida, para a pequenez e o nada do ser humano. seres, para os quais uma falsificação tão conspícua ocupa o lugar da verdadeira espiritualidade. Você pode ver o quão proeminente é a falsidade aqui na própria expressão de polidez na língua, em todos aqueles títulos "Senhor", Sua Excelência, Sua Honra,

etc., em todo o mesmo discurso no singular plural (nas línguas europeias) ou na língua oculta do presente (nas línguas semíticas), etc. E não se sente o quão errada é esta falsificação, não se sente que uma mentira tão constante preenche toda a vida, introduz um elemento imperceptível de mentira no âmago da vida, no âmago da alma, não se sente que uma mentira em geral está errada em alguma coisa

(Se você quer que seja provado o quanto essa fácil falsificação prejudica a alma, olhe para uma criança com alma, quando lhe é dito pela primeira vez, que é proibido falar com um idoso com a linguagem "você" , porque você tem que dizer: "você" ou "ele" ou "senhor" ” e assim por diante, - olhe dentro da alma dele, e se você tiver olho para ver - e você está presente). Não sentimos tanto isso - que aqueles que vêm renovar a nossa linguagem na fala, que esta falsificação não vem dos fundamentos do seu espírito, tentam com todas as suas forças introduzi-la também na nossa língua e tentam fale precisamente na língua "Ele" e "Senhor" etc. E não é assim que se comportam apenas os antigos amantes de línguas, mas também os professores nas escolas, os educadores da próxima geração!

Qual é a cultura desejada? Quais são todos os grandes ideais, todas as aspirações mais elevadas do homem, o que o homem busca na vida?

Se ao menos o homem soubesse o que pedir na vida! Todos os grandes ideais parecem ter sido criados apenas para dar uma resposta à questão do que pedir na vida - mas não dão, porque "você está necessitado". Por que eles são toda a vida? - Aqui está o disjuntor do lado deles. O homem procuraria antes de tudo o sabor da vida e de toda a vida, o segredo da vida, o segredo

que vive e opera em si mesmo, ele procuraria, - ele procuraria se tivesse alguma esperança de encontrá-lo.

O que separa o homem do animal é a sua consciência excessiva e a sua vida excessiva, e estas duas - consciência e animalidade - contradizem-se , sufocam-se com um sufocamento, em que não há morte nem vida.

Não é profundo de ver, porque todo o mal da vida nasce das contradições, que o homem vê em tudo o que vive e em tudo o que recorre, como se as contradições fossem o fundamento da vida. Ele se vê como indivíduo, indivíduo e se vê como se fosse um com todos os seus amigos, como se vivesse a vida dela, a vida de tudo nela e fosse responsável por tudo o que ela vive com tudo nela. Esta é a primeira contradição, que, por um lado, é realmente o que dá origem ao desejo de conciliar as contradições, de procurar uma vida superior a qualquer contradição, e por outro lado, é aquela que dá lugar a todas as contradições. tipos de contradições no mundo, porque na visão do indivíduo, uma pessoa não tem nada em seu mundo além das quatro leis de Deus, Seu eu particular. Deste ponto de vista, ele vê detalhes infinitos, e cada detalhe é em termos de “eu e mais zero”. Daí - contradições e uma guerra que não pára entre os detalhes e os detalhes dos detalhes, uma guerra cruel, cega, vazia, e os feridos na guerra e os caídos são, mais cedo ou mais tarde, toda a vida, todos os que são nele. A este respeito, ele vê contradições e guerras até dentro de si mesmo, entre as diferentes forças do corpo e da mente. Daí - por um lado, os defeitos do corpo: dores, defeitos físicos, doenças, todo tipo de vergonha; E por outro lado - os defeitos da alma: mesquinhez, mentira, culpa, todo tipo de impureza, todo tipo de feiúra. E aqui é como se uma centelha de luz brilhasse para ele no sentido de se

sentir um com toda a criação do mundo . Deste ponto de vista, é como se todas as fronteiras estivessem confusas, como se todos os detalhes estivessem unidos numa unidade completa, e não houvesse contradição nem guerra entre os detalhes, pois o homem parece viver tudo como um, vive toda a criação global como um todo e em todos os seus detalhes e detalhes em largura, em profundidade, até o infinito, vive toda a sua tristeza, toda a sua poesia, vive tudo e é vivida em tudo, - uma alma, um animal, uma conquista infinita .

Aqui ele registrou a atitude religiosa - o sentimento do homem como se ele fosse um com toda a natureza, - a atitude moral - seu sentimento como se ele fosse responsável por toda a vida natural - e a atitude estética, que é como se nascesse do acasalamento do animal mental e da consciência, e cuja essência é o pedido de forma, a expressão real.

É assim que a vida se define numa ideia, talvez seja assim em momentos conhecidos, mas a vida em si não é assim. A emoção da vida é privada, o sentimento de tristeza, de prazer, em geral o sentimento de tudo o que constitui a vida real, é privado. Mais do que isso: mesmo a cognição, que revela a uma pessoa todo o mundo que se revela a ela, é privada. Todo o seu poder nada mais é do que detalhar e calibrar os detalhes - mas não tem o poder de apreender as generalizações completas e vivas, o que não é detalhado, a unidade absoluta, a vida na unidade, se assim for. Pode-se dizer, de fato, que a vida passará pelo reconhecimento, a vida na alma percebe, mas a não-vida não reconhece. A questão é, portanto, pela primeira vez: como apoiar a consciência naquilo em que a alma vive? E segundo: como fazer com que a alma viva assim?

A primeira questão é evidente, se levarmos em conta qual é o meio de subsistência do reconhecimento aqui. O reconhecimento aqui não acrescenta pensamento, mas se os sentimentos são novos, novos movimentos mentais, revela no espírito humano uma profundidade mental, uma profundidade vital. Tudo isso talvez sirva recentemente também para aprofundar o próprio reconhecimento, para aumentar e ampliar o poder de alcançá-lo, mas isso é uma consequência e não um pai. O pai é aqui a iluminação daquilo que se renova na alma, – e dele se entende que quando há uma renovação na alma, a sua iluminação virá através do auto-reconhecimento.

Portanto, permanece principalmente a segunda questão: como fazer com que a alma viva desta maneira, isto é, como fazer com que o sabor que o homem experimenta nesta vida seja tão profundo e tão forte, que ele enfrentará o o gosto do desejo de privacidade e o sentimento de unidade com toda a natureza enfrentarão o sentimento de Separação da natureza?

Não sei quem alcançou uma realização tão profunda do anseio oculto da alma humana de se libertar das algemas da privacidade estreita, que a bloqueia de sua vida superior, como Buda. Mas errou no cálculo, no esclarecimento dessa saudade na cápsula, errou no que pediu a esposa da saudade além da vida, enquanto na verdade ele é a própria vida. O nirvana que ele procurava é a essência da vida, a permissão da consciência, a essência da vida em completa unidade com a criação do mundo, que pode sustentar a consciência através da alma vivente, ligada à essência da natureza, mas não ser alcançada pela consciência sem um meio. É compreensível que vendo na consciência não mediada o único talento do homem para realizar, o único poder com o qual o homem

alcança o que alcança, e dizendo de acordo com isso para trazer para dentro dos limites da consciência o que não entra dentro de seus limites, - ele iria tem que excluir o que não entra, excluir a vida, permitir o reconhecimento. O caminho para a vida superior não é, portanto, a negação da vida, não é a aspiração de viver menos, mas de viver mais, de afogar o "eu" privado na vida, na vida de tudo o que vive e é, na vida eterna.

À natureza, à vida! Quero dizer - para a nação! A vida humana começa com a nação, e a vida da nação começa com a natureza.

Este nome era necessário antes, mas devido à dificuldade de usar um novo nome, especialmente num lugar onde o objetivo não é oferecer uma opinião filosófica através de um método científico preciso, mas dar expressão a simples lógicas humanas, eles chegaram a aqui sob esta espécie de nome: 'a alma vivente', 'a vida mental antes da consciência', 'exame do ser da natureza viva' e assim por diante